RELATOS FANTÁSTICOS

VOL. V

REVISTA BILÍNGUE/REVISTA BILINGÜE

Contos de terror, horror e ficção científica / Cuentos de terror, horror y ciencia ficción

MAR/2026

RELATOS FANTÁSTICOS

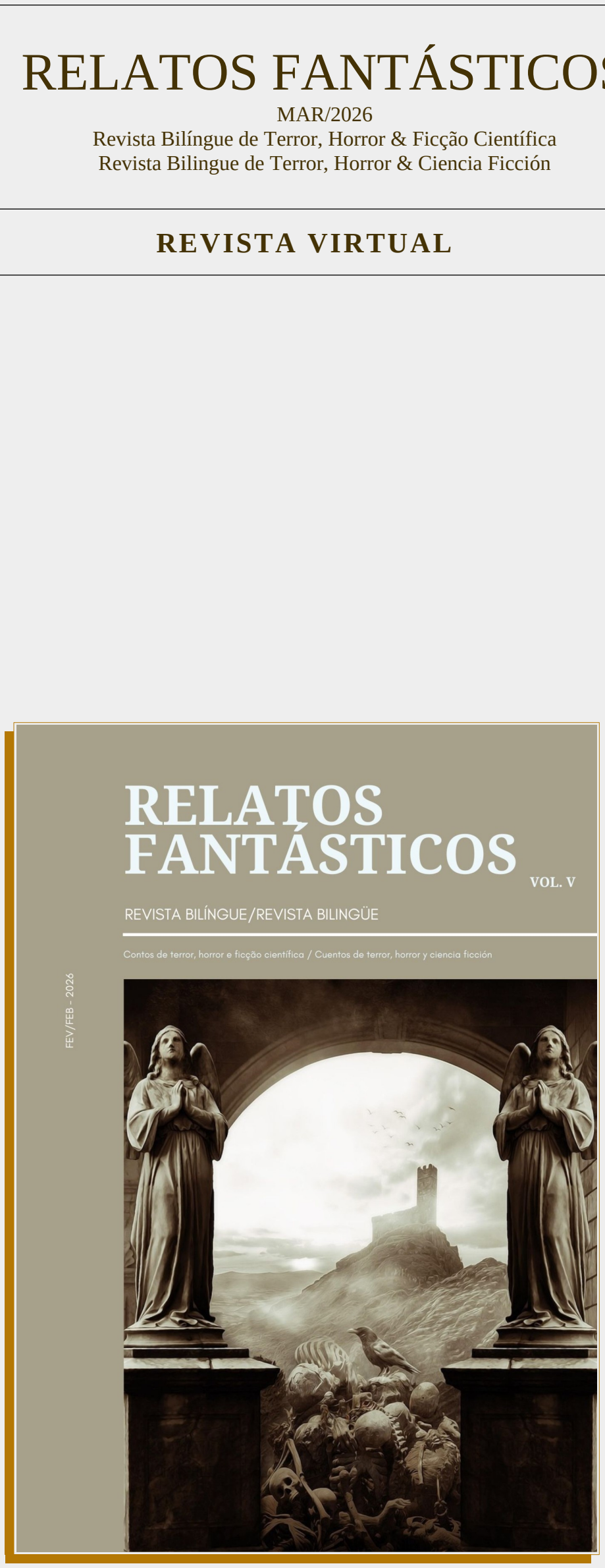
MAR/2026

Revista Bilíngue de Terror, Horror & Ficção Científica

Revista Bilingue de Terror, Horror & Ciencia Ficción

VOL. V

REVISTA VIRTUAL



RELATOS FANTÁSTICOS
MAR/2026
Revista Bilíngue de Terror, Horror & Ficção Científica
Revista Bilingue de Terror, Horror & Ciencia Ficción
VOL. IV
REVISTA VIRTUAL

Sumário

CONTOS CLÁSSICOS/CUENTOS CLÁSSICOS 4
O RETRATO OVAL 4
EL RETRATO OVALADO 7
A AVENTURA DO ESTUDANTE ALEMÃO 10
LA AVENTURA DEL ESTUDIANTE ALEMÁN 14
O BRACELETE DO OURO 18
LA AJORCA DE ORO 22
A MINHA QUARTA SEPTICEMIA 27
MI CUARTA SEPTICEMIA 29
NOSSOS CONTOS/NUESTROS CUENTOS 31
O GATO AZUL DE SCHRÖDINGER 31
EL GATO AZUL DE SCHRÖDINGER 34
COLHEITA 37
SIEGA 39
O RECORDISTA 41
EL RECORDMAN 41
A ENTIDADE 42
EL ENTE 43
SHOPPING CENTER 44
CENTRO COMERCIAL 45
O POETA 46
EL POETA 51
AUTOMÁTICO 56
AUTOMÁTICO 57
O AUTOMATIKOA 58
O APAGÃO 59
EL APAGÓN 61
ITZALALDIA 63
INIMIGO 65
ENEMIGO 66
SONATA PARA UM MUNDO NOVO 67
SONATA PARA UN MUNDO NUEVO 71
SOBRE RODAS 75
SOBRE RUEDAS 78
O ROTEIRO 82
EL GUION 85
A SOMBRA RASTEJANTE 88
LA SOMBRA REPTANTE 90
ALGUÉM TINHA DE FAZER AQUILO 92
ALGUIEN TUVO QUE HACERLO 93
UM SORRISO RADIANTE 94
UNA SONRISA ROZAGANTE 97
HABEMUS PAPAM 100
HABEMUS PAPAM 101
COLABORADORES E COLABORADORAS 102
EXPEDIENTE 104

O RETRATO OVAL

Edgar Allan Pöe
(1809 — 1849)

O castelo onde o meu criado achara por bem penetrar à força, em vez de me condenar, deploravelmente ferido como eu estava, a passar uma noite ao relento, era uma dessas construções, misto de grandeza e de melancolia, que por longo tempo ergueram a sua fronte orgulhosa no meio dos Apeninos, tanto na realidade como na imaginação da Sra. Radcliffe. Segundo toda a aparência, tinha sido temporária e recentemente abandonado.

Instalamo-nos numa das dependências menos amplas e menos suntuosamente mobiladas, situada numa torre afastada do edifício. A sua decoração era rica, mas antiquada e em ruínas. As paredes, ornamentadas com numerosos troféus heráldicos de todas as formas, eram cobertas de tapeçarias, assim como de uma coleção prodigiosa de pinturas modernas, de grande estilo, em ricas molduras de ouro ao gosto arabesco.

Tomei profundo interesse — talvez fosse o meu delírio a causa disso — por esses quadros, suspensos não só nas principais paredes, mas também nos inúmeros recantos que a extravagante arquitetura do castelo tornava inevitáveis. E de tal modo que mandei Peter fechar as pesadas portas das janelas do aposento — pois era já noite —, acender um grande candelabro de vários braços, colocado junto da minha cabeceira, e abrir de par em par os reposteiros de veludo preto, guarnecidos de franjas, que cercavam o leito. Dei estas ordens para que, ao menos, no caso de eu não poder dormir, me deleitasse alternadamente com a contemplação dessas pinturas e com a leitura de um pequeno volume que encontrara sobre o travesseiro e que continha a descrição e a análise dos quadros.

Li durante muito tempo, muito tempo. Contemplei religiosamente, devotamente. As horas

consumiam-se, rápidas e gloriosas, e chegou a profunda meia-noite. A posição do candelabro não me agradava; por isso, estendendo a mão com dificuldade, para não incomodar o meu criado que repousava, coloquei o objeto de maneira que fizesse incidir os seus raios plenamente sobre o livro.

Mas o efeito produzido foi absolutamente inesperado. Os raios de luz das numerosas velas (porque eram muitas) caíram então sobre um recanto do quarto que até aí uma das colunas do leito mergulhara em sombra densa. Vi à luz viva uma pintura que, a princípio, me tinha passado despercebida. Era o retrato de uma jovem já amadurecida, quase mulher. Deitei ao quadro um olhar rápido e fechei os olhos. Por quê? Ao princípio eu próprio não soube por quê. Mas, enquanto mantinha as pálpebras fechadas, analisei rapidamente a causa que me obrigara a fechá-las assim. Fora um movimento voluntário para ganhar tempo e para pensar — para me certificar de que a vista não me enganara, para acalmar e preparar o espírito para uma contemplação mais a frio e mais segura. Ao fim de alguns instantes, olhei de novo fixamente para o quadro.

Não podia duvidar, mesmo que quisesse, de que via então com toda a nitidez, pois o primeiro fulgor do candelabro sobre aquela tela dissipara o espanto e o devaneio de que os meus sentidos estavam possuídos, e chamara-me num instante à vida real.

O retrato, como já disse, era o de uma jovem mulher. Era simplesmente uma cabeça, com as espáduas, tudo naquele estilo que se chama, em linguagem técnica, estilo de vinheta, bastante à maneira de Sully nas suas cabeças prediletas. Os braços, o seio e até a extremidade dos cabelos radiosos fundiam-se imperceptivelmente na sombra vaga, mas profunda, que dava contraste ao conjunto. O caixilho era oval, magnificamente dourado e lavrado em metal, ao gosto mourisco. Como obra de arte, não se podia encontrar nada mais digno de admiração do que a própria pintura. Mas é possível que não fosse nem a execução da obra nem a imortal beleza da fisionomia o que tão de súbito e tão fortemente me impressionou. Ainda menos devo acreditar que a minha imaginação, saída de uma meia sonolência, tivesse tomado a cabeça pela de uma pessoa viva. Antes de mais compreendi que os pormenores do desenho, o estilo de vinheta e o aspeto da moldura teriam imediatamente dissipado tal sortilégio e me preservariam de qualquer ilusão por momentânea que fosse. Enquanto fazia e aprofundava estas reflexões, conservei-me meio estendido, meio sentado, uma hora inteira talvez, com os olhos pregados naquele retrato. Por fim, depois de ter descoberto o verdadeiro segredo do efeito que ele produzia, deixei-me cair de novo no leito. Adivinhara que o encanto da pintura residia numa expressão vital absolutamente adequada à própria vida, que a princípio me fizera estremecer e, finalmente, me deixara confuso, subjugado, amedrontado. Com profundo e respeitoso terror, tornei a pôr o candelabro na sua posição primitiva. Depois de ter assim furtado aos meus olhos a causa de tão grande perturbação, procurei vivamente o livro que continha a análise dos quadros e a sua história. Indo direito ao número que designava o retrato oval, li o vago e singular relato que se segue:

"Era uma jovem de raríssima beleza e não menos gentil que alegre. Maldita foi a hora em que ela viu, amou e desposou o pintor. Este, apaixonado, estudioso, austero, já tinha encontrado esposa na sua Arte; ela, jovem de rara beleza e não menos gentil que alegre, toda luz e sorrisos, com o feitio folgazão duma corça nova, amando com ternura todas as coisas e odiando apenas a Arte, que era sua rival, só

temia a paleta e os pincéis, e os outros instrumentos que a privavam da presença do seu bem-amado. Terrível coisa foi para a dama ouvir o pintor exteriorizar o desejo de pintar também a sua jovem esposa. Mas ela, humilde e obediente, posou durante longas semanas, na sombria e alta câmara da torre, onde a luz se filtrava unicamente pelo teto e incidia sobre a desmaiada tela. Ele, porém, o pintor, punha toda a sua glória naquela obra, que progredia de hora para hora. Era um homem apaixonado, estranho, meditabundo, perdido em devaneios. E de tal maneira que não queria ver como a luz que tão lugubremente caía naquela torre isolada ressequia a saúde e o espírito de sua mulher, que definhava visivelmente para toda a gente, menos para ele. E ela sorria sempre, sempre, sem se queixar, pois via que o pintor — de tão grande renome — sentia vivo e ardente prazer na sua tarefa, e trabalhava noite e dia para pintar aquela que tão ternamente amava — mas que enlanguescia, cada vez mais, de dia para dia. E, na verdade, aqueles que contemplavam o retrato falavam em voz baixa da semelhança, como de extrema maravilha, como de uma prova do talento do pintor, não menor que o seu amor profundo por aquela que ele tão miraculosamente pintava.

Um dia, contudo, quando a tarefa estava no fim, ninguém mais foi admitido na torre. O pintor enlouquecera com o ardor que punha no seu trabalho e raramente desviava o olhar da tela, mesmo para contemplar o rosto da mulher. Ele não queria ver que as cores que espalhava na tela eram tiradas das faces daquela que estava junto de si. E quando muitas semanas já se tinham passado e muito pouco restava para fazer, nada mais que um retoque na boca e uns laivos nos olhos, o espírito da retratada ainda palpitou como a chama viva de uma lâmpada. Foi, então, feito o retoque e postos os laivos; e, por momentos, o pintor quedou-se em êxtase diante do trabalho concluído. Mas, um minuto depois, ainda a contemplá-lo, ele estremeceu e, tomado de assombro, gritou com voz estrepitosa: 'Mas é a própria Vida'. E, então, bruscamente, voltou-se para contemplar a sua bem-amada: — Estava morta!

Tradução de autor anônimo do séc. XIX.
Ilustração: PS/Perchance.

EL RETRATO OVALADO

Edgar Allan Pöe

El castillo en el cual mi criado había decidido penetrar, aun cuando fuese por la fuerza, antes que permitirme, hallándome gravemente herido, pasar una noche al raso, era uno de esos grandes edificios, mezcla de melancolía y grandeza, que durante tanto tiempo han erguido su ceñuda frente por entre los Apeninos, no tanto en la realidad como en la fantasía de mister Radcliffe.

Según todas las apariencias, había sido temporalmente abandonado, y en fecha muy reciente, por su dueño.Nos instalamos en una de las habitaciones más reducidas y menos suntuosamente arregladas. Estaba situada en una apartada torre del castillo. Su decorado era rico, pero ajado y viejo. De sus paredes colgaban tapices y adornábanse con diversos y multiformes trofeos heráldicos, así como con una insólita cantidad de pinturas modernas de gran viveza encuadradas en ricos marcos con arabescos de oro. Tal vez a causa de mi debilidad febril, incipiente en ese instante, sentí un vivo interés por estos cuadros que estaban colgados no sólo de las superficies principales de las paredes, sino también de los numerosos rincones que la extraña arquitectura del castillo hacía necesarios.

Le ordené a Pedro que cerrase los pesados postigos de la habitación, puesto que ya era de noche, que encendiese los brazos de un gran candelabro que se hallaba colocado junto a la cabecera de mi cama, y que descorriese, de par en par, las cortinas de terciopelo negro que también rodeaban mi lecho. Deseaba que se hiciera todo aquello para que, al menos, si no llegaba a conciliar el sueño, pudiese distraerme alternativamente en la contemplación de aquellos cuadros y entregarme a la atenta lectura de un pequeño volumen que habíamos hallado sobre la almohada y que contenía la crítica y descripción de cada uno.

Durante largo rato, muy largo rato, estuve leyendo, y devota, muy devotamente, contemplé los cuadros. Las horas transcurrieron rápida y maravillosamente. Y llegó la profunda medianoche. Medesagradaba la posición del candelabro, y extendiendo la mano dificultosamente, con objeto de no despertar a mi criado adormecido, lo coloqué de modo que sus rayos incidiesen plenamente sobre el libro.

Pero este cambio produjo un efecto completamente inesperado. Los resplandores de las numerosas bujías (porque había muchas) se proyectaron entonces en un nicho de la habitación que hasta ese momento había sido dejado en sombras por una de las columnas de la cama. Distinguí, vivamente iluminado, un cuadro que hasta ese momento me había pasado inadvertido. Era el retrato de una niña que apenas si empezaba a

ser mujer. Dirigí una rápida ojeada a aquella pintura, y cerré los ojos. ¿Por qué? En un principio no pude comprenderlo; pero mientras mis ojos continuaban cerrados analicé en mi espíritu la razón que tenía para haberlo hecho. Fue un movimiento involuntario, para ganar tiempo y pensar, para asegurarme de que mis ojos no me habían engañado, para calmar y dominar mi fantasía y entregarme luego a una contemplación más serena y auténtica. Pocos momentos después, volví a mirar de nuevo fijamente a la pintura.

Ni podía ni quería dudar lo que vi entonces claramente, porque el primer resplandor de las bujías sobre el lienzo había disipado el soñoliento estupor de mis sentidos y me había devuelto de pronto a la vida despierta.

Ya he dicho que el retrato era el de una joven. Reducías a la cabeza y los hombros, pintados según esa técnica que suele llamarse estilo de vignette, al modo de las cabezas predilectas de Sully. El seno, los brazos e incluso los bucles de sus radiantes cabellos, fundíanse imperceptiblemente en la vaga, pero profunda sombra que servía de fondo al conjunto. El marco era ovalado, magníficamente dorado y afiligranado con arabescos.

Como obra de arte, no podía encontrarse nada más admirable que la pintura misma. Pero ni la factura de la obra, ni la inmortal belleza de aquel semblante, podían haber sido lo que tan repentinamente y con tal vehemencia me había impresionado entonces, y menos aún que mi fantasía, conmovida en su duermevela, hubiese confundido aquella cabeza con la de un ser vivo. Me di cuenta en el acto que los pormenores del dibujo, el estilo de vignette y el aspecto del marco, hubiesen disipado inmediatamente semejante idea y me

hubieran evitado toda otra distracción, aun cuando fuera momentánea. Reflexionando seriamente con respecto a aquello, tal vez durante una hora, permanecí medio tendido, medio sentado, con la mirada fija en aquel retrato. Por último, satisfecho de haber acertado con el secreto real del efecto que producía sobre mí, me acosté completamente de espaldas sobre el lecho.

Había adivinado que el encanto de aquella pintura consistía en una absoluta semejanza con la vida en su expresión, que primero me había estremecido y, finalmente, me desconcertó, subyugándome y anonadándome. Con profundo y respetuoso temor, dejé de nuevo el candelabro en su posición primitiva.

Una vez húbose apartado de mi vista el motivo de mi intensa agitación, busqué afanosamente el volumen que contenía el análisis de las pinturas y su historia. Volví las hojas hasta que encontré el número que correspondía al retrato ovalado, y leí el impreciso y singular relato que sigue:

“Era una joven de particular belleza y no menos amable que llena de jovialidad. Pero malhadada fue la hora en que vio, amó, casó y vivió con el pintor. El, apasionado, estudioso, austero y teniendo ya una esposa en su arte; ella, joven de rara belleza y no menos amable que llena de jovialidad, sólo luz y sonrisa, y juguetona como un cervatillo, amante y cariñosa para todas las cosas de este mundo. Odiaba solamente el arte, que era su rival; temía sólo a la paleta, a los pinceles y a otros desagradables utensilios que la privaban de la presencia de su adorado. Fue, pues, algo terrible para ella oír al pintor hablar de deseo de retratar también a su joven esposa. Pero ésta era humilde y obediente. Y, dócilmente, posó, sentada, durante largas semanas, en la sombría y alta habitación de la torre, donde filtrábase la luz sobre el lienzo sólo desde arriba. Pero él, el pintor , ponía toda su afición en la obra, que adelantaba de hora en hora y de día en día. Y era

él un hombre apasionado, vehemente y caprichoso, que perdíase siempre en fantasías. Tanto, que no quería ver cómo aquella luz, que vertíase tan tristemente en aquella torre solitaria, marchitaba visiblemente, a los ojos de todo el mundo y excepcionalmente a los suyos, la salud y el alma de su mujer. Y, sin embargo, ella no cesaba de sonreírle, sin lamentarse nunca, porque veía que el pintor, que tenía un gran prestigio, experimentaba un ferviente y abrasador goce en su tarea, y afanábase día y noche en pintar a la que tanto lo amaba, pero que a diario desalentábase más y enflaquecía. Y, en verdad, quienes contemplaban el retrato hablaban en voz queda de su semejanza, como de una prodigiosa maravilla y como una prueba no sólo del talento del pintor, sino de su profundo amor por aquella a quien pintaba de forma tan excelsa. Pero hacia el fin, cuando acercábase más la obra a su término, no se dejó a nadie visitar la torre, porque el pintor había enloquecido en el ardor de su tarea, y rara vez apartaba sus ojos del lienzo, ni tan siquiera para mirar el rostro de su mujer. Y no quería ver que los colores que dejaba en el lienzo los arrancaba de las mejillas de la que se hallaba sentada frente a el. Y cuando hubieron transcurrido muchas semanas, y muy poco quedaba por hacer, excepto un toque sobre los labios y una pincelada sobre los ojos, vaciló el espíritu de la mujer, como la llama que va a extinguirse en una lámpara. Y el toque fue dado, y fue dada también la pincelada. Y por un instante quedóse extático el pintor ante la obra que acababa de realizar. Mas un momento después, cuando todavía lo contemplaba, se estremeció de horror, palideció y quedóse despavorido. “¡Esto es realmente la vida misma!", gritó. Pero al volver los ojos de pronto para contemplar a su amada… ¡ésta había muerto!”

Traducción de autor anónimo.

Texto de dominio público.

Fuente: Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br).

Ilustración: PS/Perchance.

A AVENTURA DO ESTUDANTE ALEMÃO

Washington Irving

(1783 — 1859)

I

Numa noite tormentosa, nos tempos tempestuosos da Revolução Francesa, um jovem alemão regressava aos seus aposentos, tarde da noite, cruzando a parte mais antiga de Paris. Relampejava e nas ruas estreitas ressoava o ribombar dos trovões. Mas devo, primeiramente, dizer alguma coisa sobre o jovem alemão.

Gottfried Wolfgang era um jovem de boa família. Ele estudara durante algum tempo em Göttingen. Mas, tendo um caráter visionário e entusiasta, dedicou-se a estranhas doutrinas especulativas, que há tanto tempo têm fascinado os estudantes alemães. Sua vida reclusa, sua intensa dedicação e a natureza singular de seus estudos produziram um estranho efeito sobre o seu corpo e o seu espírito.

Sua saúde tornou-se débil; sua imaginação, doentia. Entregara-se a especulações fantasiosas sobre a essência dos espíritos, até que, como Swedenborg, encerrou-se num mundo ideal, construído em torno de si mesmo. Imaginava-se — e ninguém sabe a causa — perseguido por uma influência maligna, um gênio do mal ou um espírito, que intentava possuir-lhe o corpo, conduzindo-o à perdição. Tal ideia, trabalhando em seu temperamento melancólico, produziu os efeitos mais sombrios. Tornou-se abatido e desanimado. Seus amigos viram nisto uma doença mental e decidiram que o melhor remédio era uma mudança de ares. Enviaram-no, assim, para concluir os estudos, à alegre e esplendorosa Paris.

Wolfgang chegou a Paris no eclodir da Revolução. O delírio popular capturou de imediato sua mente entusiasmada e ele se deixou dominar pelas teorias filosóficas e políticas da época. Todavia, as cenas sangrentas que se seguiram chocaram a sua natureza sensível e, nauseado da sociedade e do mundo, tornou-se mais do que nunca um recluso. Encerrou-se, pois, num apartamento solitário no Quartier Latin, o bairro dos estudantes. Lá, numa rua sombria, não muito longe das paredes monásticas da Sorbonne, continuou as suas especulações favoritas. Às vezes, ele passava horas inteiras nas grandes bibliotecas de Paris, essas catacumbas de autores falecidos, vasculhando suas hordas de obras — empoeiradas e obsoletas — em busca de alimento para o seu apetite enfermiço. Ele foi, de certa forma, um *ghoul* literário, que se alimentava no sepulcro da literatura decadente.

Wolfgang, embora solitário e recluso, era de um temperamento ardente, mas apenas no âmbito da própria imaginação. Ele era muito tímido e ignorante do mundo para insinuar-se ao sexo mais frágil, embora fosse um admirador apaixonado da beleza

feminina. E, na solidão de seu quarto, perdia-se muitas vezes em devaneios sobre formas e rostos que ele havia visto; em sua fantasia, criava imagens de beleza que superavam em muito a realidade.

Neste estado de excitamento e sublimação, um sonho passou a exercer um extraordinário efeito sobre ele. Era o sonho com um rosto feminino de beleza transcendente. Tão forte foi a impressão recebida, que ele sonhava com o mesmo rosto, repetidamente. De dia, o rosto assombrava seus pensamentos; de noite, seus sonhos. Em suma, tornou-se apaixonadamente enamorado dessa sombra de seus sonhos. E tal estado se prolongou até tornar-se uma daquelas ideias fixas, que apavoram as mentes dos homens melancólicos, e que, às vezes, são confundidas com a loucura.

Tal era Gottfried Wolfgang e tal o seu estado na época a que me referi.

Voltava ele para casa no final da noite de tempestade, percorrendo as ruas antigas e sombrias do Marais, na parte velha de Paris. O estrondear dos trovões reverberava sobre as casas altas das ruas estreitas. Chegou à Place de Grève, onde as execuções públicas eram realizadas. Os relâmpagos estremeciam acima dos pináculos do antigo Hôtel de Ville, espraiando um brilho cintilante sobre o espaço aberto à frente do estudante. Atravessando a praça, Wolfgang recuou de horror quando se acercou da guilhotina. Era o auge do reinado do Terror e esse terrível instrumento de morte estava sempre em prontidão. No cadafalso, continuamente corria o sangue dos virtuosos e valentes. Nesse mesmo dia, a guilhotina havia sido empregada ativamente em seu ofício de carnificina, e, agora, erguia-se cruelmente, em meio a uma cidade silenciosa e adormecida, à espera de novas vítimas.

O coração de Wolfgang fremiu no peito, e já se afastava ele, a tremer, do horrível instrumento, quando notou o vulto de uma figura encolhida ao pé da escada que levava ao cadafalso. Uma sucessão de relâmpagos permitiu um vislumbre mais claro: era uma figura feminina, vestida de preto. Ela estava sentada em um dos degraus mais baixos, inclinada para frente, com o rosto escondido no peito. Seus longos e desgrenhados cabelos tocavam o solo, misturando-se à água que caía torrencialmente. Wolfgang fez uma pausa. Havia algo de terrível nesse solitário monumento de aflição. A mulher parecia estar acima do normal. Eram tempos de vicissitudes, e muitas belas cabeças, que antes descansavam em seus travesseiros, agora vagavam sem teto. Talvez se tratasse de uma pobre mulher enlutada, com o coração destroçado, a quem a terrível lâmina havia deixado solitária, lançando à eternidade todos os entes queridos.

Ele aproximou-se e falou-lhe num tom compadecido. Ela ergueu a cabeça e o olhou selvagemente. Qual não foi o espanto do rapaz ao contemplar, à luz do clarão do relâmpago, o mesmo rosto que insistentemente havia assombrado os seus sonhos! Ela estava pálida e desconsolada, embora linda e encantadora.

Tremendo em meio a emoções violentas e conflitantes, Wolfgang novamente a abordou. À mulher falou sobre a circunstância de estar ela exposta, àquela hora da noite, à fúria de uma tempestade, oferecendo-se, assim, a conduzi-la a seus conhecidos. Ela apontou para a guilhotina com um gesto de terrível significado.

— Não tenho ninguém sobre a Terra — disse ela.

— Mas você tem um lar — Wolfgang respondeu.

— Sim, num túmulo.

O coração do estudante se liquefez com tais palavras.

— Se um estranho se atreve a fazer uma oferta — disse ele —, sem o perigo de ser mal interpretado, eu te ofereço o meu humilde lar, como um amigo

dedicado. Eu mesmo não tenho amigos em Paris. Sou um estrangeiro nesta terra. Mas, se eu puder dedicar a minha vida a seu serviço, ela está à tua disposição. Estou propenso a sacrificar a minha vida antes que a ti sobrevenha alguma aflição ou indignidade.

Havia uma honestidade tão sincera na atitude do jovem que suas palavras realmente produziram efeito. O seu sotaque estrangeiro também acorria em seu favor: demonstrava que não era um habitante qualquer de Paris. Com efeito, há no entusiasmo da verdade tanta eloquência que não é possível pô-lo em dúvida. Sem reservas, a desconhecida desabrigada se entregou à proteção do estudante.

Ele amparou os seus passos vacilantes através da Pont Neuf e do local onde a estátua de Henrique IV havia sido derrubada pelas turbas. A tempestade amainara e o trovão ressoava à distância. Toda Paris permanecia tranquila. O grande vulcão das paixões humanas dormitava, reunindo as forças para a erupção do dia seguinte. O estudante conduziu seu fardo pelas ruas antigas do Quartier Latin, junto às paredes sombrias da Sorbonne, levando-a ao sórdido hotel em que morava. A velha porteira, que lhes franqueou a entrada, contemplou, com surpresa, a visão incomum de um melancólico Wolfgang acompanhado por uma mulher.

Ao entrar no apartamento, o estudante, pela primeira vez, corou ao ver a pobreza e a impessoalidade de seus aposentos. Consistiam em apenas um cômodo — uma sala à moda antiga — fantasticamente talhado com os restos de uma antiga magnificência, porquanto compunha um desses hotéis situados na mesma quadra do Palácio de Luxemburgo, que pertencera à nobreza. Estava repleto de livros e papéis, e de tudo o quanto é próprio a um estudante. Sua cama ficava em um canto afastado.

Quando os lumes foram acesos, permitido a Wolfgang melhor vislumbrar a desconhecida, ficou ele mais ainda extasiado com aquela beleza. O rosto da desconhecida era pálido, mas de uma beleza deslumbrante, desencadeada por uma profusão de cabelos negros, que pendiam em cachos. Seus olhos eram grandes e brilhantes, dotados de uma expressão singular, quase selvagem. Até onde o vestido preto permitia a visão de suas formas, estas eram de perfeita simetria. Sua aparência geral era extremamente impressionante, embora a mulher se vestisse com simplicidade A única coisa a assemelhar-se a um ornamento era uma fita preta, larga, adornada por diamantes, que lhe cingia o pescoço.

Veio, então, ao encontro do estudante alemão a preocupação de como ajudar aquela mulher indefesa, que se lançara à sua proteção. Pensou em abdicar do próprio quarto em favor dela e buscar alojamento em outro lugar. Mas estava tão fascinado com os seus encantos, pois dela irradiava uma magia que lhe subjugava os sentidos e pensamentos, que não podia desviar-se de sua presença. Suas maneiras eram também estranhas e inexplicáveis. Ela deixou de falar sobre a guilhotina. Sua aflição havia diminuído. Com suas atenções, o estudante ganhara a confiança da desconhecida, e, aparentemente, o seu coração. Evidentemente, ela era, assim como ele, uma entusiasta e as pessoas assim talhadas se entendem prontamente.

Na paixão do momento, Wolfgang confessou o seu amor pela mulher. Contou-lhe a história de seus misteriosos sonhos, e como ela havia se apossado de seu coração antes mesmo que o rapaz a conhecesse. A desconhecida ficou estranhamente impressionada com aquela declaração e admitiu sentir-se atraída por ele de uma maneira igualmente inexplicável. Era a época de teorias e ações selvagens. Velhos preconceitos e superstições eram abolidos. Tudo

estava sob a influência da "Deusa da Razão". As formalidades e cerimônias de casamento, escombros dos velhos tempos, começaram a ser consideradas supérfluos rituais para as mentes honrosas. Os pactos sociais estavam em moda. Wolfgang era demasiadamente teórico para não ser contaminado pelas doutrinas liberais de sua época.

— Por que devemos nos separar? — perguntou. — O nosso coração está unido; ante os olhos da razão e da honra, somos um só. Que necessidade há de formalidades sórdidas para unir as almas elevadas?

A desconhecida ouvia com emoção: ela evidentemente fora iluminada pela mesma escola teórica.

— Tu não tens casa ou família — continuou ele. — Deixa-me ser tudo para ti. Ou melhor, sejamos tudo um para o outro. Se as formalidades são necessárias, nós as acataremos. Eis aqui a minha mão. Eu me entrego a ti para sempre.

— Para sempre? — indagou a desconhecida, solenemente.

— Para sempre! — repetiu Wolfgang.

A desconhecida apertou a mão que lhe era estendida.

— Então eu sou tua — murmurou ela, reclinando-se ao peito do rapaz.

Na manhã seguinte, o estudante deixou sua esposa a dormir e saiu uma hora mais cedo, em busca de um apartamento mais espaçoso, adequado a seu novo estado civil. Ao voltar, encontrou a mulher deitada, com a cabeça pendendo da cama e um braço estirado. Falou com ela, mas não recebeu resposta alguma. Então, avançou para despertá-la daquela postura inquietante. Ao tomar-lhe a mão, verificou que esta estava fria e que não havia pulsação. A face da mulher estava pálida e medonha. Em uma palavra, ela era um cadáver.

Horrorizado e frenético, ele soltou um grito alarmante, clamando pelos da casa. Uma cena de confusão se seguiu. A polícia foi chamada. O oficial de polícia entrou na sala e retrocedeu ao contemplar o cadáver.

— Céus! — gritou. — Como esta mulher veio parar aqui?

— Você sabe alguma coisa sobre ela? — indagou Wolfgang, ansiosamente.

— Se eu sei? — exclamou o oficial. — Ela foi guilhotinada ontem.

Deu um passo à frente e desatou a gargantilha negra que cingia o pescoço do cadáver. A cabeça rolou no chão!

O estudante perdeu o controle.

— O demônio! O demônio finalmente me tomou! — gritou ele. — Estou perdido para sempre.

Tentaram acalmá-lo, mas em vão. Estava dominado pela crença de que um terrível espírito maligno havia reanimado o cadáver com o intuito de apoderar-se dele, o estudante. Enlouqueceu e morreu em um hospício.

Aqui, o velho homem, de feições assombradas, terminou sua narrativa.

— Esse fato é verdadeiro? — perguntou um cavalheiro curioso.

— Um fato que não pode ser posto em dúvida — respondeu o primeiro. — Soube-o por fonte autorizada: foi o próprio estudante que me contou. Eu o conheci no manicômio de Paris.

Tradução de Paulo Soriano.

Ilustração: PS/Dreamina.

LA AVENTURA DEL ESTUDIANTE ALEMÁN

Washington Irving

(1783 — 1859)

Una noche borrascosa, durante la procelosa época de la Revolución francesa, a altas horas de la noche, un joven alemán regresaba a su alojamiento, cruzando la parte antigua de París. Relampagueaba y en las imponentes calles estrechas resonaba el fragor de los truenos; pero primero debo decir algo acerca de este joven alemán.

Gottfried Wolfgang era un joven de buena familia. Durante algunos años había estudiado en la Universidad de Gotinga, pero como tenía un espíritu entusiasta y era un visionario, se dedicó a esas extrañas doctrinas especulativas, que durante tanto tiempo han fascinado a los estudiantes alemanes. Su vida retirada, su intensa dedicación y la rara naturaleza de sus estudios produjeron un extraño efecto sobre su cuerpo y espíritu. Su salud se resintió y su imaginación enfermó. Se entregó a fantásticas especulaciones acerca de la esencia del espíritu, hasta que, como Swedenborg, se encerró en un mundo ideal, que construyó a su alrededor. Se imaginaba, sin que se sepa cómo ni por qué, que sobre él pesaba una influencia diabólica; que un genio o espíritu maligno buscaba posesionarse de él y perderlo. El peso de esta idea produjo sobre su temperamento melancólico los resultados más sombríos; se dejó agobiar por el abatimiento. Sus amigos descubrieron la enfermedad mental que lo tenía en tal zozobra y decidieron que el mejor remedio era un cambio de ambiente; así, se decidió que fuera a continuar sus estudios en la alegre y esplendorosa París.

Wolfgang llegó a París cuando recién empezaba la revolución. El delirio popular capturó de inmediato su entusiasmo y se dejó dominar por las teorías políticas y filosóficas de la época, pero las escenas sangrientas que siguieron sacudieron su naturaleza sensible y, asqueado con la sociedad y el mundo, se aisló aún más. Se aisló en un apartamento solitario en el Quartier Latin, el barrio de los estudiantes, Allí, en una lóbrega calleja, no lejos de los austeros muros de la Sorbona, continuó sus estudios favoritos. A veces pasaba horas enteras en las grandes bibliotecas de París, catacumbas de autores antiguos, revolcando obras obsoletas entre nubes de polvo, en busca de alimento para su apetito enfermo. En cierta forma, era como un ave de rapiña, que se alimentaba en el osario de la literatura decadente.

Aunque Wolfgang era un solitario, tenía un temperamento ardiente, que durante mucho tiempo sólo actuaba sobre su mente. Era demasiado tímido e ignorante del mundo para hacer proposiciones a las mujeres hermosas, aunque era un apasionado admirador de la belleza femenina y, en su solitaria

habitación, a menudo soñaba con formas y rostros que había visto y su fantasía creaba imágenes de belleza que sobrepasaban toda realidad.

Durante uno de estos sueños, su mente excitada le produjo un extraño efecto. Era un rostro femenino de extraordinaria belleza. Tan poderosa fue la impresión recibida, que una y otra vez soñó con él; de día perseguía sus pensamientos y de noche sus sueños; en suma: se enamoró apasionadamente de esta sombra de sus sueños. Tanto duró, que se convirtió en una de esas ideas que están siempre presentes en los melancólicos y que a menudo se confunden con la locura.

Tal era Gottfried Wolfgang y tal su estado en la época a que me refiero. Regresaba a su apartamento una noche tempestuosa, por unas callejas viejas y sombrías del Marais, en la parte antigua de París. Los truenos resonaban sobre las elevadas casas de las estrechas calles. Llegó a la Place de Greve, donde tenían lugar las ejecuciones públicas. Los relámpagos temblaban sobre los pináculos del antiguo Hotel de Ville y esparcían rayos que centelleaban en el espacio abierto. Al pasar frente a la guillotina, Wolfgang retrocedió con horror. El reinado del terror estaba en su apogeo y la guillotina, espantoso instrumento de tortura, estaba siempre lista; en el cadalso continuamente corría la sangre de los virtuosos y los valientes. Ese mismo día había estado muy activa en su habitual carnicería humana y cruelmente se erguía, en medio de una ciudad silenciosa y dormida, esperando nuevas víctimas.

Wolfgang se angustió, y ya se apartaba tembloroso del horrible instrumento, cuando notó la sombra de una figura que se agachaba al pie de los escalones que conducían al patíbulo. Una sucesión de relámpagos la reveló más claramente: se trataba de una mujer vestida de negro. Estaba sentada en uno de los escalones inferiores, inclinada hacia adelante y con la cara escondida en el regazo; sus largas trenzas desgreñadas le llegaban hasta el suelo, mezclándose con el agua que caía a torrentes. Wolfgang hizo una pausa. Había algo de terrible en ese solitario monumento de dolor. La mujer parecía estar por encima de lo normal. Wolfgang sabía que los tiempos eran azarosos y que muchas hermosas cabezas que antes descansaban sobre cómodos cojines, ahora vagaban desposeídas de hogar. Quizá se tratase de una doliente con el corazón destrozado, a quien la temible hacha había dejado solitaria, a quien le habían arrebatado sus seres más queridos para arrojarlos a la eternidad.

Se acercó a ella y le habló en tono compasivo. Ella alzó la cara y lo miró salvajemente. ¡Cuál sería su asombro al observar, a la luz de un relámpago, que era el mismo rostro que le perseguía en sus sueños! Estaba pálido y desconsolado, pero era el mismo rostro pasmosamente bello.

Tembloroso y dominado por emociones opuestas, Wolfgang se acercó de nuevo a ella. Le habló de estar expuesta a la intemperie a tal hora y con tan violenta tempestad y se ofreció a llevarla a donde sus amigos.

—¡No tengo amigos sobre la tierra! -dijo ella.

—Pero tiene hogar-eplicó Wolfgang.

—Sí, ¡en la tumba!

El corazón del estudiante se derritió ante esas palabras.

—Si un extraño puede haceros tal ofrecimiento —dijo él— sin peligro de ser mal interpretado, os ofrezco mi habitación como refugio y yo me ofrezco como un amigo devoto. Yo mismo carezco de amigos en París y soy extranjero, pero si mi vida puede seros de utilidad, está a vuestra disposición y estoy

dispuesto a sacrificarla antes de que os ocurra algún daño o deshonra.

Había tanta honestidad en la actitud de este joven, que sus palabras tuvieron efecto. Su acento extranjero, también, estaba a su favor: demostraba que no era un habitante común de París. Ciertamente, no se puede dudar de la elocuencia del verdadero entusiasmo. La desconocida se entregó, sin reservas, a la custodia del estudiante.

La sostuvo en su andar vacilante a través del Pont Neuf y por el sitio donde el populacho había derribado la estatua de Enrique IV. La tormenta había cedido y los truenos sólo se oían a lo lejos. Todavía la ciudad estaba tranquila; el gran volcán de pasiones humanas dormitaba, mientras de nuevo recobraba fuerzas para la explosión del día siguiente. El estudiante llevó su carga a través de las antiguas callejas del Quartier Latin y junto a las negruzcas paredes de la Sorbona, hasta el sucio hotel donde habitaba. La vieja portera que les franqueó la entrada, se sorprendió ante el extraño espectáculo de Wolfgang en compañía femenina.

Al entrar en el apartamento, por primera vez el estudiante se sonrojó de ver la pobreza de su habitación. No tenía sino una alcoba, un salón pasado de moda, densamente tallado y fantásticamente amueblado con los restos de una antigua magnificencia, porque era uno de esos hoteles en el barrio del Luxemburgo, que antes perteneciera a la nobleza. Estaba cargado de libros y papeles y todo lo demás que es corriente en un estudiante; su cama estaba en un rincón.

Una vez que Wolfgang hubo encendido una luz y contemplado a la desconocida, más que antes se extasió con su belleza. Su rostro era pálido, pero de una deslumbrante belleza, que resaltaba por la profusión de su brillante cabello, que colgaba como en un racimo a su alrededor. Sus ojos eran grandes y fulgentes y tenían una expresión casi salvaje. Hasta donde su negro vestido permitía observar su figura, esta era casi perfecta. Su apariencia general era en extremo impresionante, aunque estaba vestida muy sencillamente. Lo único que parecía un adorno, era una ancha banda negra que llevaba en el cuello y que estaba adornada con diamantes.

Para el estudiante comenzó la preocupación de cómo ayudar a aquel ser que se había entregado a su custodia. Pensó en dejarle su habitación y buscar alojamiento en otra parte. Pero estaba tan fascinado por sus encantos; parecía haber tal hechizo sobre sus sentidos y su pensamiento, que no podía apartarse de ella. Sus modales, también, eran extraños e indescriptibles. Dejó de hablar de la guillotina. Su pesar había desaparecido. Con sus atenciones, el estudiante se había ganado su confianza y, aparentemente, su corazón. Evidentemente, ella también tenía un espíritu entusiasta como él y las personas así se entienden prontamente.

En el apasionamiento del momento, Wolfgang le confesó su amor. Le contó sus misteriosos sueños y de cómo ella se había adueñado de su corazón, aun antes de que la hubiera conocido. Ella quedó extrañamente impresionada por esta declaración y accedió a reconocer que se había sentido impulsada hacia él de una manera igualmente indescriptible. Era la época de las teorías desenfrenadas y de las acciones impetuosas. Se suprimían los viejos prejuicios y supersticiones; todo estaba bajo el dominio de la «diosa razón». Entre los disparates de los viejos tiempos, se empezaban a considerar las formas y ceremonias del matrimonio. Los acuerdos sociales estaban de moda. Wolfgang era teórico en demasía para no dejarse tentar por las teorías liberales de su época.

—¿Por qué separarnos? —dijo él—. Nuestros corazones se han unido; ante los ojos de la razón y el honor somos uno solo. ¿Qué necesidad hay de formas sórdidas para unir las almas?

La desconocida escuchaba con atención: evidentemente, había aprendido en la misma escuela.

—No tenéis ni hogar ni familia —prosiguió él—; permitidme ser todo para vos, o mejor, seámoslo todo el uno para el otro. Si las formas son necesarias, las respetaremos. Aquí está mi mano. Me entrego a ti para siempre.

—¿Para siempre? —dijo la desconocida, con solemnidad.

—¡Para siempre! —repitió Wolfgang.

La desconocida apretó la mano extendida y murmuró: —Entonces soy tuya—. Luego se reclinó en el pecho de Wolfgang.

A la mañana siguiente, el estudiante dejó a su esposa durmiendo y salió en busca de un apartamento más grande y más apropiado para su nuevo estado. Cuando regresó, encontró acostada a su recién desposada, con la cabeza fuera de la cama y un brazo colgando. Le habló, pero no recibió respuesta alguna. Tomó su mano: estaba fría y sin pulso; su cara estaba pálida y cadavérica. En suma, estaba muerta.

Horrorizado y fuera de sí, llamó a los de la casa. Siguió una escena de confusión. Se llamó a la policía. El oficial de policía entró en la habitación y retrocedió al observar el cuerpo.

—¡Cielos! -exclamó—, ¿cómo llegó esta mujer aquí?

—¿Qué sabe usted de ella?—preguntó ansiosamente Wolfgang.

—¿Qué sé? —dijo el oficial—, ayer fue guillotinada.

Avanzó; deshizo el nudo del collar negro que tenía el cadáver; ¡y la cabeza rodó por el suelo! El estudiante perdió el control de sí mismo.

—¡El demonio!, ¡el demonio ha tomado posesión de mí! -chillaba-; ¡estoy perdido para siempre!

Trataron de calmarlo, pero todo fue en vano. Estaba dominado por la horrible idea de que un demonio había reanimado el cadáver para apoderarse de él. Enloqueció y murió en un sanatorio.

El anciano de cabeza fantasmal terminó su relato.

—¿Es este un hecho verdadero? —preguntó el otro caballero.

—Un hecho del cual no se puede dudar —replicó el primero—. Lo obtuve de la mejor fuente. El estudiante mismo me lo contó. Lo conocí en el manicomio de París.

Traducción de autor anónimo.
Texto de dominio público.
Fuente: Ministerio de Educación de la Republica Dominicana.
Ilustración: PS/Dreamina.

O BRACELETE DO OURO

Gustavo Adolfo Bécquer
(1836 — 1870)

I

Ela em formosa, dessa formosura que inspira vertigens, formosura que não tem nada que ver com a dos anjos, e que é ao mesmo tempo sobre-humana, espécie de condão fatal que o demônio empresta às criaturas para fazer delas instrumentos seus.

Ele amava-a, amava-a com a paixão desordenada que não recua, nem conhece limites, que aspira ao gozo e encontra muitas vezes o sofrimento; amor que tem ares de felicidade, mas que parece antes que desce do céu para expiação de alguma culpa.

Ela era caprichosa como a maior parte das mulheres.

Ele, supersticioso e valente como todos os homens daquele tempo.

Ela chamava-se María Antúnez; ele, Pedro Alfonso de Orellana. Eram ambos naturais de toledo e viviam na cidade que os viu nascer.

A tradição, que nos legou esta singular historia acontecida há um par de anos, não diz mais nada acerca dos personagens que foram seus heróis.

Eu, na qualidade de cronista fiel, não acrescentarei uma única palavra para melhor caracterizá-los.

II

Ele encontrou-a um dia lavada em lágrimas, e perguntou-lhe:

—Por que choras?

Ela enxugou os olhos, cravou-os nele, largou um suspiro e prorrompeu em prantos dobrados.

Pedro abeirou-se então de María, pegou-lhe na mão, encostou-se ao peitoril árabe, de onde a sua amada via passar a corrente do rio, e renovou a pergunta:

— Por que choras?

O Tejo recurvava-se, gemendo aos pés do mirante, ao sopé das rochas que são o pedestal da cidade imperial. O sol resvalava para além dos montes, e a neblina da tarde flutuava no ar como um véu de gaze azul; ouvia-se apenas o monótono quebrar da água.

María exclamou:

— Não me perguntes a razão por que choro, não queiras sabê-la; nem eu poderia dizer-ta, nem tu compreendê-la. Há desejos que se aninham na alma da mulher e não se revelam senão com um suspiro; ideias loucas que atravessam o pensamento e que não chegam aos lábios; mistérios contraditórios que são tão nossos que o homem não pode sequer imaginá-los. Peço-to, não me perguntes qual é a origem da minha dor; se eu ta confessasse, responder-me-ias com uma gargalhada.

Ditas estas palavras, ficou-se ela a cismar. Pedro redobrou de instâncias. Depois de um longo silêncio, María disse com voz profunda e melancólica:

—És tu que o queres, é uma loucura que te fará rir; não imporia; vou satisfazer-te os desejos.

"Ontem estive na igreja; celebrava-se a festa da Virgem; a sua imagem levantada no altar-mor, sobre um trono de ouro, resplandecia como um astro; os sons do órgão encheram a nave, e as vozes dos padres entoavam o 'Salve Regina'.

"Eu rezava, absorta nos meus pensamentos religiosos; maquinalmente, levantei a cabeça, e os olhos procuraram o altar. Não sei bem por quê, mas o meu olhar ficou preso à imagem; digo mal: não à imagem. Fixaram-se a um objeto que até ali não tinha visto, objeto que, nem eu mesma poder dar a razão de tal me atraía toda.

"Não rias Pedro.... Esse objeto era a pulseira de ouro que cinge o braço da mãe de Deus.

"Desviei a vista e continuei comas minhas rezas... Mas qual! Os meus olhos fugiam involuntariamente para o mesmo ponto. As luzes do altar, refletidas nas facetas dos diamantes, reproduziam-se de uma maneira deslumbrante. Milhares de reflexos luminosos, roxos, azuis, verdes e amarelos volteavam em torno das pedras como um turbilhão de átomos de fogo, como um vertiginoso círculo desses espíritos das chamas que fascinam e entontecem!... Saí da igreja, vim para casa, mas vim com aquela ideia fixa. Deitei-me e não pude dormir.

"Pareceu-me a noite eterna como o meu pensamento. Ao amanhecer, cerraram-se-me os olhos, e acreditá-lo-ás, Pedro? Vi em sonhos aparecer, retirar-se e voltar depois, uma mulher, uma mulher morena e bonita, que levava a joia de ouro e diamantes; não era a virgem que eu adoro e perante quem me humilho; era uma mulher como eu, que olhava para mim e me traspassava com e seu riso de escárnio.

"—Vês? — parecia dizer-me mostrando-me o bracelete. — Que brilho! Parece uma coroa de estrelas despregadas do céu de uma noite de verão. Vês? Não é tua, não o será nunca, nunca, nunca!... Poderás ter outras joias melhores, mais ricas, se é possível, mas esta que brilha tão extraordinariamente, nunca, nunca.

"Acordei, e levantou-se comigo a ideia fixa, então como agora queimando-me a fronte; ideia diabólica, singular, inspirada decerto pelo próprio Satanás… Emudeces! Ficas triste! Não te faz rir a minha loucura?"

Pedro apertou com mão convulsa o punho da espada, levantou a cabeça e disse com voz entrecortada:

—Qual é a imagem da Virgem que tem esse bracelete?

—A da Virgem do sacrário — respondeu María.

—A Virgem do sacrário! — repetiu o moço, alterado. —A da catedral!

No rosto dele espalhou-se-lhe instantaneamente a alma assombrada perante uma ideia sinistra.

—Oh! Por que não pertencerá essa joia a outra imagem?— acrescentou com inflexão enérgica e apaixonada. — Por que não estará ela na mitra do arcebispo, na coroa do rei ou nas garras do demônio? Iria arrancá-la para ta dar, embora me custasse a vida ou a alma. Mas a Virgem do sacrário, a nossa santa padroeira, eu… filho de Toledo… É impossível!

—Nunca! — murmurou María, entre soluços. — Nunca!…

E foi-se lavada em lágrimas.

Pedro embebeu um olhar vago, quase idiota, nas águas do rio. A corrente passava e gemia, despenhando-se aos pés do mirante, e entrando pela

garganta das rochas, sobre as quais se levanta a cidade imperial.

III

A catedral de toledo!

Imagine-se um bosque de enormes palmeiras de granito que, no entrelaçar dos ramos, formam uma cúpula colossal e opulenta, sob a qual palpita e vive; da vida que lhe prestou o gênio, toda uma criação de seres imaginários e reais.

Imagine-se o caos misterioso de sombra e de luz, onde se encontram e se confundem, a meio da penumbra das naves, os reflexos iriados dos vidros das cores das janelas, à luz das lâmpadas que despedem clarões mortiços. Um mundo de pedra, imenso como o espírito da nossa religião, sombrio como as suas tradições, enigmático como as suas parábolas; por muito que se pense, ainda assim se fará uma ideia aproximada daquele eterno monumento do entusiasmo e da fé dos nossos maiores, opulentada com os tesouros de crenças, de inspiração e de poesia que os séculos lhe tem sucessivamente legado.

No seio da catedral vive o silêncio, a majestade, a poesia do misticismo, e um terror que, levantado de pé, naquele limiar, proíbe os pensamentos mundanos e expulsa paixões terrenas.

O mal do corpo cura-se com o ar puro das montanhas; o ateísmo, a doença da alma evapora-se naquela atmosfera de fé.

É sempre grande, imponente, a qualquer hora, aquele recinto solene e sagrado, mas não produz nunca uma impressão tão profunda como nos dias de festas, em todo esplendor suas pompas, quando os altares se cobrem de ouro e de pedrarias as paredes de veludo e os degraus de alcatifas.

Então, quando ardem e despendem de si torrentes de luz mil candelabros do prata, quado flutua no ar uma nuvem de incenso, e as vozes do coro, a harmonia dos órgãos, e os sinos das torres estremecem e povoam o templo desde os alicerces até as agulhas de pedra que o rematam, compreende-se, mais que nunca, por que se sente a majestade do Deus que vive ali, animando-o com sopro, e enchendo-o com a grandeza de sua onipotência.

No mesmo dia do diálogo de Pedro e María Antúnez, celebrava-se na catedral de Toledo a última festividade do oitavário da Virgem.

A festa atraíra um sem-número de fiéis, mas já todos tinham saído e se haviam apagado as luzes das capelas do altar-mor, depois das colossais portas terem rangido nos gonzos, quando, do meio das sombras, pálido, tão pálido como a estátua do túmulo onde se encostara, saiu um homem que caminhou com precauções até o cruzeiro. Aí, a claridade de uma lâmpada deu-lhe em cheio no rosto. Era Pedro.

O que se teria passado entre os dois amantes para que Pedro se resolvesse a pôr prática um projeto cuja simples manifestação o aterrara a ponto de lhe eriçar os cabelos? Nunca soube. O que é certo é que ele estava ali disposto a levar a cabo o soe criminoso propósito.

No olhar inquieto, no tremor convulso dos joelhos, no suor que lhe corria em fartas gotas pela fronte, poderia ler-se-lhe, em caracteres pronunciados, o pensamento.

A catedral estava deserta e silenciosa.

No entanto, ouviam-se às vezes rumores vagos; o estalar da madeira talvez, ou murmúrio do vento, ou, quem sabe, se alguma ilusão da fantasia, ouve, vê e palpa, na sua exaltação, o que não existiu nunca; a verdade, porém, é que ora longe, ora perto, aos seus

ouvidos soavam uns soluços comprimidos, um arrastar de vestidos, um como bater do pês que vão e vêm sem parar…

Pedro fez um esforço supremo, prosseguiu no seu caminho até a grade, subiu os primeiros degraus da capela-mor. Em torno desta capela estão os túmulos dos reis, cujas figuras de pedra, com as mãos nos punhos das espadas, parecem velar noite e dia pelo repouso do santuário onde dormem o sono da eternidade.

—Adiante! — balbuciou Pedro; mas quis andar e não pôde: pareceu-lhe que os pés se lhe tinham cravado no chão. Desceu o olhar para o pavimento, e levantaram-se-lhe os cabelos do terror: viu-o todo dividido em lousas sepulcrais.

Acreditou, por um momento, que uma mão fria e descarnada o prendia ali. Às luzes mortiças das lâmpadas que brilhavam no escuro das naves, como estrelas perdidas, oscilaram as estátuas dos túmulos, as imagens do altar; oscilou o templo todo, com as suas abóbadas de granito e as suas colunas de mármore.

—Adiante! — exclamou Pedro, desorientado. E aproximou-se do altar, subindo até o trono da Virgem.

Tudo em volta dele tomava formas singulares e horríveis; as trevas envolviam-no e abismavam-no.

Só a Rainha dos céus, docemente iluminada por uma lâmpada de ouro, parecia sorrir tranquila e bondosa no meio daquela escuridão.

O sorriso, porém, que à primeira vista sossegara, acabou por infundir-lhe terror tão excepcional e tão íntimo, como ele nunca se sentira.

Dominou-se ainda, fechou os olhos, estendeu a mão com um gesto febril e arrancou do braço da imagem o bracelete, o bracelete de ouro que fora oferta de um arcebispo, e cujo valor equivalia a uma fortuna.

A joia estava em seu poder, os dedos crispados apertavam-na com uma espécie de furor; restava fugir, fugir e levá-la, mas para isso era preciso abrir os olhos, e Pedro tinha medo da imagem, dos reis dos túmulos, dos demônios das cornija, dos louvores dos capiteis, das sombras e da luz, cujos reflexos pareciam fantasma movendo-se lentamente no extremo das naves povoadas de rumores sinistros. Afinal, abriu os olhos, olhou e soltou um grito.

A catedral estava cheia de estátuas; estátuas vestidas com amplas roupas, cruzando-se pela igreja, olhando-se com as órbitas sem pupilas.

Santos, freiras, anjos, demônios, guerreiros, mulheres, pajens, frades rodeavam-se e confundiam-se pelas naves e no altar; em frente dele, à vista dos reis, oficiavam os arcebispos de mármore que ele tinha visto, tantas vezes imóveis, sobre os seus leitos de morte, enquanto que, arrastando-se nas colunas, suspendendo-se das sanefas, trepando pelas abóbadas, pulavam como vermes de um enorme cadáver todo um mundo de répteis e animais de granito, quiméricos, disformes e horríveis!

Pedro recuou assombrado; as frontes latejavam-lhe, o peito levantava-se-lhe em um pulsar desordenado; passou-lhe uma nuvem de sangue pelos olhos; despediu um grito, um segundo grito dilacerante e sobre-humano, e caiu desvanecido no chão.

No dia seguinte acharam-no o deitado aos pés do altar da Virgem, com o bracelote apertado na mão; ao ver gente, exclamou através de uma gargalhada estridente:

— É dela! É dela!

O desgraçado enlouquecera.

Tradução de Guiomar Guimarães (1844 — 1898).
Fizeram-se adaptações textuais.
Fonte: “O Espírito Santense”/ES, edições de 16 e 19 de setembro de 1872. Ilustração: PS/Dreamina.

LA AJORCA DE ORO

Gustavo Adolfo Bécquer
(1836 — 1870)

Ella era hermosa, hermosa con esa hermosura que inspira el vértigo; hermosa con esa hermosura que no se parece en nada a la que soñamos en los ángeles, que, sin embargo, es sobrenatural; hermosura diabólica, que tal vez presta el demonio a algunos seres para hacerlos sus instrumentos en la tierra.

Él la amaba; la amaba con ese amor que no conoce freno ni límites; la amaba con ese amor en que se busca un goce y sólo se encuentran martirios; amor que se asemeja a la felicidad, y que, no obstante, parece infundir el cielo para la expiación de una culpa.

Ella era caprichosa, caprichosa: y extravagante como todas las mujeres del mundo.

Él, supersticioso, supersticioso y valiente, como todos los hombres de su época.

Ella se llamaba María Antúnez.

Él, Pedro Alfonso de Orellana.

Los dos eran toledanos, y los dos vivían en la misma ciudad que los vio nacer.

La tradición que refiere esta maravillosa historia, acaecida hace muchos años, no dice nada más acerca de los personajes que fueron sus héroes.

Yo, en mi calidad de cronista verídico, no añadiré ni una sola palabra de mi cosecha para caracterizarlos mejor.

II

Él la encontró un día llorando y le preguntó:

—¿Porqué lloras?

Ella se enjugó los ojos, le miró fijamente, arrojó un suspiro y volvió a llorar.

Pedro entonces, acercándose a María, le tomó una mano, apoyó el codo en el pretil árabe desde donde la hermosa miraba pasar la corriente del río, y tornó a decirle:

—¿Por qué lloras?

El Tajo se retorcía gimiendo al pie del mirador entre las rocas sobre que se asienta la ciudad imperial. El sol trasponía los montes vecinos, la niebla de la tarde flotaba como un velo de gasa azul, y sólo el monótono ruido del agua interrumpía el alto silencio.

María exclamó:

—No me preguntes por qué lloro, no me lo preguntes: pues ni yo sabré contestarte, ni tú comprenderme. Hay deseos que se ahogan en nuestra alma de mujer, sin que los revele más que un suspiro; ideas locas que cruzan por nuestra imaginación, sin que ose formularlas el labio; fenómenos incomprensibles de nuestra naturaleza misteriosa, que el hombre no puede ni aún concebir. Te lo ruego, no me preguntes la causa de mi dolor; si te la revelase, acaso te arrancaría una carcajada.

Cuando estas palabras expiraron, ella tornó a inclinar la frente y él a reiterar sus preguntas.

La hermosa, rompiendo al fin su obstinado silencio, dijo a su amante con voz sorda y entrecortada:

—Tú lo quieres, es una locura que te hará reír; pero no importa: te lo diré, puesto que lo deseas.

Ayer estuve en el templo. Se celebraba la fiesta de la Virgen; su imagen, colocada en el altar mayor sobre un escabel de oro, resplandecía como un ascua de fuego; las notas del órgano temblaban dilatándose de eco en eco por el ámbito de la iglesia, y en el coro los sacerdotes entonaban el Salve, Regina.

Yo rezaba, rezaba absorta en mis pensamientos religiosos, cuando maquinalmente levanté la cabeza y mi vista se dirigió al altar. No sé por qué mis ojos se fijaron desde luego en la imagen; digo mal, en la imagen no: se fijaron en un objeto que hasta entonces no había visto, un objeto que, sin poder explicármelo, llamaba sobre sí toda mi atención... No te rías… aquel objeto era la ajorca de oro que tiene la Madre de Dios en uno de los brazos en que descansa su divino Hijo… Yo aparté la vista y torné a rezar… ¡Imposible! Mis ojos se volvían involuntariamente al mismo punto. Las luces del altar, reflejándose en las mil facetas de sus diamantes, se reproducían de una manera prodigiosa. Millones de chispas de luz rojas y azules, verdes y amarillas, volteaban alrededor de las piedras como un torbellino de átomos de fuego, como una vertiginosa ronda de esos espíritus de llamas que fascinan con su brillo y su increíble inquietud…

Salí del templo, vine a casa, pero vine con aquella idea fija en la imaginación. Me acosté para dormir; no pude… Pasó la noche, eterna con aquel pensamiento… Al amanecer se cerraron mis párpados, y, ¿lo creerás?, aún en el sueño veía cruzar, perderse y tornar de nuevo una mujer, una mujer morena y hermosa, que llevaba la joya de oro y de pedrería; una mujer, sí, porque ya no era la Virgen que yo adoro y ante quien me humillo; era una mujer, otra mujer como yo, que me miraba y se reía mofándose de mí. -¿La ves? -parecía decirme, mostrándome la joya-. ¡Cómo brilla! Parece un círculo de estrellas arrancadas del cielo de una noche de verano. ¿La ves? Pues no es tuya, no lo será nunca, nunca… Tendrás acaso otras mejores, más ricas, si es posible; pero ésta, ésta, que resplandece de un modo tan fantástico, tan fascinador… nunca… nunca… Desperté; pero con la misma idea fija aquí, entonces como ahora semejante a un clavo ardiendo, diabólica, incontrastable, inspirada sin duda por el mismo Satanás… ¿Y qué?… Callas, callas y doblas la frente… ¿No te hace reír mi locura?

Pedro, con un movimiento convulsivo, oprimió el puño de su espada, levantó la cabeza, que en efecto había inclinado, y dijo con voz sorda:

—¿Qué Virgen tiene esa presea?

—¡La del Sagrario! —murmuró María.

—¡La del Sagrario! —repitió el joven con acento de terror-: ¡la del Sagrario de la Catedral!… Y en sus facciones se retrató un instante el estado de su alma, espantada en una idea.

¡Ah! ¿por qué no la posee otra Virgen? -prosiguió con acento enérgico y apasionado-; ¿por qué no la tiene el arzobispo en su mitra, el rey en su corona o el diablo entre sus garras? Yo se la arrancaría para ti, aunque me costase la vida o la condenación. Pero a la Virgen del Sagrario, a nuestra Santa Patrona, yo… yo que he nacido en Toledo, ¡imposible, imposible!

—¡Nunca! —murmuró María con voz casi imperceptible-; ¡nunca!

Y siguió llorando.

Pedro fijó una mirada estúpida en la corriente del río. En la corriente, que pasaba y pasaba sin cesar

ante sus extraviados ojos, quebrándose al pie del mirador entre las rocas sobre que se asienta la ciudad imperial.

III

¡La catedral de Toledo! Figuraos un bosque de gigantes palmeras de granito que al entrelazar sus ramas forman una bóveda colosal y magnífica, bajo la que se guarece y vive, con la vida que le ha prestado el genio, toda una creación de seres imaginarios y reales.

Figuraos un caos incomprensible de sombra y luz, en donde se mezclan y confunden con las tinieblas de las naves los rayos de colores de las ojivas; donde lucha y se pierde con la oscuridad del santuario el fulgor de las lámparas.

Figuraos un mundo de piedra, inmenso como el espíritu de nuestra religión, sombrío como sus tradiciones, enigmático como sus parábolas, y todavía no tendréis una idea remota de ese eterno monumento del entusiasmo y la fe de nuestros mayores, sobre el que los siglos han derramado a porfía el tesoro de sus creencias, de su inspiración y de sus artes.

En su seno viven el silencio, la majestad, la poesía del misticismo, y un santo horror que defiende sus umbrales contra los pensamientos mundanos y las mezquinas pasiones de la tierra.

La consunción material se alivia respirando el aire puro de las montañas, el ateísmo debe curarse respirando su atmósfera de fe.

Pero si grande, si imponente se presenta la catedral a nuestros ojos a cualquiera hora que se penetra en su recinto misterioso y sagrado, nunca produce una impresión tan profunda como en los días en que despliega todas las galas de su pompa religiosa, en que sus tabernáculos se cubren de oro y pedrería; sus gradas de alfombra y sus pilares de tapices.

Entonces, cuando arden despidiendo un torrente de luz sus mil lámparas de plata; cuando flota en el aire una nube de incienso, y las voces del coro y la armonía de los órganos y las campanas de la torre estremecen el edificio desde sus cimientos más profundos hasta las más altas agujas que lo coronan, entonces es cuando se comprende, al sentirla, la tremenda majestad de Dios que vive en él, y lo anima con su soplo y lo llena con el reflejo de su omnipotencia.

El mismo día en que tuvo lugar la escena que acabamos de referir, se celebraba en la catedral de Toledo el último de la magnífica octava de la Virgen.

La fiesta religiosa había traído a ella una multitud inmensa de fieles; pero ya ésta se había dispersado en todas direcciones, ya se habían apagado las luces de las capillas y del altar mayor, y las colosales puertas del templo habían rechinado sobre sus goznes para cerrarse detrás del último toledano, cuando de entre las sombras, y pálido, tan pálido como la estatua de la tumba en que se apoyó un instante mientras dominaba su emoción, se adelantó un hombre que vino deslizándose con el mayor sigilo hasta la verja del crucero. Allí la claridad de una lámpara permitía distinguir sus facciones.

Era Pedro.

¿Qué había pasado entre los dos amantes para que se arrestara al fin a poner por obra una idea que sólo el concebirla había erizado sus cabellos de horror? Nunca pudo saberse. Pero él estaba allí, y estaba allí para llevar a cabo su criminal propósito. En su mirada inquieta, en el temblor de sus rodillas, en el sudor que corría en anchas gotas por su frente, llevaba escrito su pensamiento.

La catedral estaba sola, completamente sola, y sumergida en un silencio profundo.

No obstante, de cuando en cuando se percibían como unos rumores confusos: chasquidos de madera tal vez, o murmullos del viento, o ¿quién sabe?, acaso ilusión de la fantasía, que oye y ve y palpa en su exaltación lo que no existe; pero la verdad era que ya cerca, ya lejos, ora a sus espaldas, ora a su lado mismo, sonaban como sollozos que se comprimen, como roce de telas que se arrastran, como rumor de pasos que van y vienen sin cesar.

Pedro hizo un esfuerzo para seguir en su camino; llegó a la verja y subió la primera grada de la capilla mayor. Alrededor de esta capilla están las tumbas de los reyes, cuyas imágenes de piedra, con la mano en la empuñadura de la espada, parecen velar noche y día por el santuario, a cuya sombra descansan todos por una eternidad.

—¡Adelante! —murmuró en voz baja, y quiso andar y no pudo. Parecía que sus pies se habían clavado en el pavimento. Bajó los ojos, y sus cabellos se erizaron de horror: el suelo de la capilla lo formaban anchas y oscuras losas sepulcrales.

Por un momento creyó que una mano fría y descarnada le sujetaba en aquel punto con una fuerza invencible. Las moribundas lámparas que brillaban en el fondo de las naves como estrellas perdidas entre las sombras, oscilaron a su vista, y oscilaron las estatuas de los sepulcros y las imágenes del altar, y osciló el templo todo con sus arcadas de granito y sus machones de sillería.

—¡Adelante! —volvió a exclamar Pedro como fuera de sí, y se acercó al ara, y trepando por ella, subió hasta el escabel de la imagen. Todo alrededor suyo se revestía de formas quiméricas y horribles; todo era tinieblas y luz dudosa, más imponente aún que la oscuridad. Sólo la Reina de los cielos, suavemente iluminada por una lámpara de oro, parecía sonreír tranquila, bondadosa y serena en medio de tanto horror.

Sin embargo, aquella sonrisa muda e inmóvil que le tranquilizara un instante concluyó por infundirle temor; un temor más extraño, más profundo que el que hasta entonces había sentido.

Tornó empero a dominarse, cerró los ojos para no verla, extendió la mano con un movimiento convulsivo y le arrancó la ajorca de oro, piadosa ofrenda de un santo arzobispo; la ajorca de oro cuyo valor equivalía a una fortuna.

Ya la presea estaba en su poder; sus dedos crispados la oprimían con una fuerza sobrenatural; sólo restaba huir, huir con ella; pero para esto era preciso abrir los ojos, y Pedro tenía miedo de ver, de ver la imagen, de ver los reyes de las sepulturas, los demonios de las cornisas, los endriagos de los capiteles, las fajas de sombras y los rayos de luz que, semejantes a blancos y gigantescos fantasmas, se movían lentamente en el fondo de las naves, pobladas de rumores temerosos y extraños.

Al fin abrió los ojos, tendió una mirada, y un grito agudo se escapó de sus labios.

La catedral estaba llena de estatuas, estatuas que, vestidas con luengos y no vistos ropajes, habían descendido de sus huecos y ocupaban todo el ámbito de la iglesia, y le miraban con sus ojos sin pupila.

Santos, monjas, ángeles, demonios, guerreros, damas, pajes, cenobitas y villanos se rodeaban y confundían en las naves y en el altar. A sus pies oficiaban, en presencia de los reyes, de hinojos sobre sus tumbas, los arzobispos de mármol que él había visto otras veces inmóviles sobre sus lechos mortuorios, mientras que arrastrándose por las losas, trepando por los machones, acurrucados en los doseles, suspendidos de las bóvedas, pululaban, como los gusanos de un inmenso cadáver, todo un

mundo de reptiles y alimañas de granito, quiméricos, deformes, horrorosos.

Ya no puedo resistir más. Las sienes le latieron con una violencia espantosa; una nube de sangre oscureció sus pupilas; arrojó un segundo grito, un grito desgarrador y sobrehumano, y cayó desvanecido sobre el ara.

Cuando al otro día los dependientes de la iglesia le encontraron al pie del altar, tenía aún la ajorca de oro entre sus manos, y al verlos aproximarse, exclamó con una estridente carcajada:

—¡Suya, suya!

El infeliz estaba loco.

Ilustración: PS/Dreamina.

A MINHA QUARTA SEPTICEMIA
(Memórias de um Estreptococo)
Horácio Quiroga
(1878 — 1937)

Tivemos que esperar mais de dois meses. Nosso homem tinha uma ridícula prolixidade asséptica que contrastava cruelmente com a nossa decisão.

Eduardo Foxterrier! Que nome! Esta foi a causa da vaga consideração que tive por ele um momento. O nosso sujeito não era na verdade pior que os outros; antes honrava a medicina — que seria a sua profissão — com sua bela presunção apostólica.

Quando cortou a mão na vértebra de nosso morto em dissecação — que pleurisia justa! —, não se deu conta. Assim que retirou a mão, viu a ferida e ficou por um instante olhando para ela. Teve a fugaz ideia de continuar, e mesmo fez um movimento para afundá-la novamente, mas toda a Academia de Medicina e Bacteriologia se impôs, e ele largou o bisturi. Lavou-se copiosamente. À tarde, voltou à Faculdade. Cauterizou a ferida, embora um tanto tardiamente, coisa que ele claramente sabia. Em 22 horas, minuto por minuto, teve o primeiro calafrio.

Mas, mal a epiderme desgarrou-se — no incidente da vértebra —, lançamo-nos dentro dele com uma precipitação que acelerava o terror do bicloreto iminente, seguros das cautelas de Foxterrier.

Em dois minutos, lavou-se. A corrente arrastou, inutilizou e abrasou uma terça parte da colônia. O termocautério, à tarde, com o sacrifício dos que restaram, selou a sua própria tumba, encerrando-nos dentro dele.

Ao anoitecer, começou a luta. Nas primeiras horas nós nos reproduzimos silenciosamente. Éramos muitos, sem dúvida; mas, como aos 20 minutos éramos o dobro (como têm aumentado esses companheiros!) e, aos 40 minutos, o quádruplo, em 6 horas éramos 180.000 vezes mais. Isto conduziu ao primeiro ataque.

Creio estar seguro de que — a não ser nós mesmos — qualquer outra colônia teria sucumbido no primeiro dia, dada a enérgica fagocitose de Foxterrier. Algo para nossa energia, nossa própria meditação do crime. Se chegamos ao último grau de exasperação séptica, foi porque fizemos o possível para consegui-lo, ao menos em honra do inferno branco que teríamos de combater. Este nos envolvia sem trégua possível, mas rumava para a morte conosco, na própria absorção. Incansáveis, continuávamos a nossa secreção mortífera, morríamos aos trilhões, novamente nos multiplicávamos e, a 22 horas desta luta desesperada, a colônia inteira vibrou de alegria dentro de Foxterrier: ele acabava de experimentar o primeiro calafrio.

É justo que se diga: ele não abrigou nem remotamente uma só dúvida a respeito do que desmoronava sobre ele.

Deitou-se em seguida. Sentiu-se melhor, sem dúvida, como era natural. Mas, vinte minutos depois, voltou o calafrio, a temperatura subiu, e, a partir de tal momento, o quadro de sua horrível enfermidade ajustou-se em um todo ao que havíamos decidido.

Na casa de Foxterrier não havia estufa. Como esses dias foram cruéis, acenderam-se em seu quarto duas ou três lâmpadas, que não se apagaram até que ele morreu. Seus companheiros não o abandonaram um só instante, revezando-se em turnos, cheios de triste serenidade fraternal ante este sacrifício que compartilhava seu apostolado comum. Algo mais grave devia ser para nós a Academia reunida.

A quinina foi nosso tormento contínuo com o gelo de sua presença, esfriando-nos, detendo nossa vertiginosa reprodução. E o soro — o maldito soro claro — ampliava uma energia cardíaca tão ridícula como desesperada, sustentando a corrente, varrendo a nossa obra com sua estéril purificação. Os banhos, o café, os panos frios sustinham, de sua feita, a química. Logo, os rins eliminavam-nos abundantemente… De modo que, na manhã seguinte, último dia de Foxterrier, decidimos subir a temperatura e mantê-la alta a todo custo. O principal, indubitavelmente, era que não nos concentrássemos num dado local, malgrado uma broncopneumonia nos tentasse como em uma criança. E a terebintina aplicada a nosso passo havia sido o nosso martírio, em razão de sua força redutiva quase irresistível. Teria sido uma loucura fixar-nos, e sobretudo uma crueldade a mais com Foxterrier, já que nossa excitação devia de todo modo findar-se com ele.

Não posso recordar-me das últimas horas sem compartilhar do violento calafrio que varreu Foxterrier. De fato, às três, Foxterrier tinha 41,5 graus de febre. Resistiu ainda um momento, pois, se no mundo que abandonou conosco houve um cérebro claro, este foi o de Eduardo. Às quatro, a temperatura subiu a 42 graus e ele se rendeu em franco delírio. Não houve esperança. O pulso não reagia mais, apesar das estricninas e dos óleos. Às cinco, caiu em coma e a febre subiu a 42,4 graus. Nesse momento, tivemos aflorada a ideia de nosso próprio perigo. Houve uma voz de alarme que, sem dúvida, saiu das profundezas de nossa angústia: a temperatura, a temperatura! Mas, o que podíamos fazer? Tão grande havia sido e era a nossa exasperação que nossas toxinas se tornavam luminosas. Nem mesmo podíamos nos deter, em meio a uma secreção meditada dois meses inteiros. Às cinco e quinze, Foxterrier tinha 43,1 graus e morreu. Foi debalde o nosso desespero. Continuamos multiplicando-nos, secretando novos rios de toxina, subindo, subindo sempre a temperatura. Em meia hora chegou a 44,5 graus.

A metade da colônia morreu. Um ambiente de fogo, asfixia e honra comprometida acompanhou os resquícios de nossa atividade, e minhas lembranças cessam aqui, uma hora e doze minutos depois de havermos matado Foxterrier.

Tradução de Paulo Soriano.

Ilustração: PS/Perchance.

MI CUARTA SEPTICEMIA
(Memorias de un estreptococo)
Horácio Quiroga
(1878 — 1937)

Tuvimos que esperar más de dos meses. Nuestro hombre tenía una ridícula prolijidad aséptica que contrastaba cruelmente con nuestra decisión.

¡Eduardo Foxterrier! ¡Qué nombre! Esto fue causa de la vaga consideración que se le tuvo un momento. Nuestro sujeto no era en realidad peor que los otros; antes bien, honraba la medicina —en la cual debía recibirse— con su bella presunción apostólica.

Cuando se rasgó la mano en la vértebra de nuestro muerto en disección —¡qué pleuresía justa!— no se dio cuenta. Al rato, al retirar la mano, vio la erosión y quedó un momento mirándola. Tuvo la idea fugitiva de continuar, y aun hizo un movimiento para hundirla de nuevo; pero toda la Academia de Medicina y Bacteriología se impuso, y dejó el bisturí. Se lavó copiosamente. De tarde volvió a la Facultad; hízose cauterizar la erosión, aunque era ya un poco tarde, cosa que él vio bastante claro. A las 22 horas, minuto por minuto, tuvo el primer escalofrío.

Ahora bien; apenas desgarrada la epidermis —en el incidente de la vértebra— nos lanzamos dentro con una precipitación que aceleraba el terror del bicloruro inminente, seguros de las cobardías de Foxterrier.

A los dos minutos se lavó. La corriente arrastró, inutilizó y abrasó la tercera parte de la colonia. El termocauterio, de tarde, con el sacrificio de los que quedaron, selló su propia tumba, encerrándonos.

Al anochecer comenzó la lucha. En las primeras horas nos reprodujimos silenciosamente. Éramos muchos, sin duda; pero, como a los 20 minutos, éramos el doble (¿cómo han subido éstos, los otros?) y a los 40 minutos el cuádruple, a las 6 horas éramos 180.000 veces más, y esto trajo el primer ataque.

Creo estar seguro de que —a no ser nosotros— cualquiera otra colonia hubiera sucumbido el primer día, dada la enérgica fagocitosis de Foxterrier. Algo era para nuestra energía nuestra propia meditación del crimen. Si llegamos al último grado de exasperación séptica, hicimos lo posible por conseguirlo, siquiera en honor del infierno blanco con que íbamos a tener que combatir. Nos envolvían sin paz posible, pero llevaban la muerte con nosotros en la propia absorción. Continuábamos incansables nuestra secreción mortífera, moríamos a trillones, multiplicábamonos de nuevo y, a las 22 horas de esta lucha desesperada, la colonia entera vibró de alegría dentro de Foxterrier: acababa de tener el primer escalofrío.

Justo es que lo diga, no abrigó ni remotamente una sola duda respecto a lo que se desplomaba sobre él.

Se acostó enseguida. Sintiose mejor, sin duda, como era natural. Pero a los veinte minutos repitiose el escalofrío, la temperatura subió, y desde ese momento, el cuadro de su horrible enfermedad ajustose en un todo a lo que habíamos decidido.

En casa de Foxterrier no había estufa. Como esos días fueron crudos, encendiéronse en su cuarto dos o tres lámparas, que no se apagaron más hasta que murió. Sus compañeros no le dejaron un momento, turnándose, llenos de triste serenidad fraternal ante ese sacrificio que compartía su apostolado común. Algo más grave debía ser para nosotros la academia reunida.

La quinina fue nuestro tormento continuo con el hielo de su presencia, enfriándonos, deteniendo nuestra vertiginosa reproducción. Y el suero, el maldito suero claro, ampliando una energía cardiaca tan ridícula como desesperada, sosteniendo la corriente, barriendo nuestra obra con su estéril purificación. Los baños, el café, los paños fríos, sostenían a su vez la química. Luego, los riñones eliminaban demasiado… De modo que a la mañana siguiente, último día de Foxterrier, decidimos subir la temperatura y sostenerla a toda costa. Lo primero, indudablemente, era no localizarnos, a pesar de que una espléndida bronconeumonía nos tentaba como en una criatura. Ya la trementina inyectada a nuestro paso había sido nuestro martirio, en razón de su reducción casi irresistible. Hubiera sido una locura fijarnos, y sobre todo una crueldad más con Foxterrier, ya que nuestra excitación debía de todos modos concluir con él.

No puedo recordar las últimas horas sin un violento escalofrío que Foxterrier había compartido ya. En efecto, a las tres, Foxterrier tenía 41,5 grados de fiebre. Resistió un momento aún, pues si en el mundo que abandonó con nosotros hubo un cerebro claro, fue el de Eduardo. A las cuatro, la temperatura subió a 42 grados y se rindió en franco delirio. No hubo ya esperanza; el pulso no daba más, a pesar de las estricninas y los aceites. A las cinco cayó en coma y la fiebre subió a 42,4 grados. En este momento tuvimos recién la idea de nuestro propio peligro. Hubo una voz de alarma, sin duda, que salió de lo profundo de nuestra angustia: ¡la temperatura, la temperatura! ¿Pero qué podíamos hacer? Tan grande había sido y era nuestra exasperación, que nuestras toxinas se tornaban luminosas. Ni aun podíamos detenernos, en una violencia de secreción meditada dos meses enteros. A las cinco y cuarto, Foxterrier tenía 43,1 grados y murió. Fue en balde nuestra desesperación. Continuamos multiplicándonos, secretando nuevos ríos de toxinas, subiendo, subiendo siempre la temperatura. A la media hora llegó a 44,5 grados.

La mitad de la colonia murió. Un ambiente de fuego, asfixia y honra comprometida se llevó los últimos restos de nuestra actividad, y mis recuerdos se cortan aquí, a la hora y doce minutos de haber muerto Foxterrier

Ilustração: PS/Perchance.

O GATO AZUL DE SCHRÖDINGER

Marcelo Medone

Pedro caminha nervoso pela calçada estreita. Ele saiu tarde do trabalho. Ele quer chegar em casa antes que escureça, para se sentir seguro. Suas crises de ansiedade vão matá-lo algum dia. Ou seus surtos de paranoia.

Ele pega um atalho e entra em um bairro desconhecido. “Eu deveria ter seguido pelo caminho seguro”, diz a si mesmo. De qualquer forma, decide continuar andando por ali, embora acelerando o passo.

De repente, ele se depara com um prédio que não conhece, com uma fachada anônima e uma pequena porta de madeira. Um grande letreiro luminoso anuncia na marquise: “TEATRO O GATO AZUL — PEQUENAS PEÇAS TEATRAIS PARA PEQUENOS AUDITÓRIOS”. Ao lado da porta, há uma pequena placa em letras vermelhas: “HÁ UMA VAGA DISPONÍVEL PARA A PRÓXIMA PEÇA”.

Um homem gordo vestido com uma libré guarda a entrada. Antes que Pedro possa impedi-lo, o gordo se aproxima dele.

— Você está interessado? Temos um lugar disponível para você. Entrada totalmente gratuita. Garantimos que irá superar as suas expectativas.

Pedro fica um momento avaliando a situação.

O cartaz vermelho pisca com um brilho fantasmagórico, convidando-o a entrar.

— Que tipo de peça é? — pergunta Pedro.

— É um policial, no estilo das antigas peças inglesas de mistério. Há um morto e um assassino, é claro. Elenco mínimo, poucos espectadores. Queremos que os assistentes vivam a peça com intensidade.

— É como um enigma de Agatha Christie? Um quarto fechado onde é preciso descobrir o assassino? Gosto dessas obras.

— Já ouviu falar do gato de Schrödinger?

— Tenho uma vaga ideia.

— É uma experiência teórica discutida por duas eminências científicas há um século, Erwin

Schrödinger e Albert Einstein queriam levar os postulados da física quântica para o mundo macroscópico. No mundo quântico, uma pessoa pode estar em dois estados ao mesmo tempo: presente ou ausente. Da mesma forma, um gato trancado em uma caixa blindada especial deveria poder estar vivo ou morto. Estou te entediando?

— Não, de forma alguma. Parece que você é um especialista no assunto.

— Tornei-me especialista com o tempo. Mas não se engane: nós não concordamos com a famosa superposição quântica. Odiamos a indeterminação. Ou o gato está vivo ou está morto, mas não as duas coisas ao mesmo tempo. Você logo vai entender tudo.

Pedro parece indeciso.

— Ainda falta muito para começar? — diz ele. — Não gostaria de perder muito tempo.

— Ansioso, não é? — diz o homem. — Aqui representamos peças muito curtas, de poucos minutos. Como já lhe disse, cada peça é para um público seleto, de apenas doze espectadores. Temos um lugar disponível para você. Já vai começar. É exatamente o que você precisa. Não pense mais nisso. Verá que é feita à sua medida.

— Devo confessar que fiquei curioso.

— Dizem que a curiosidade matou o gato. Como o gato de Schrödinger! Ha, ha, ha!

Pedro olha para ele com uma expressão confusa.

— É um mistério que ganha um significado diferente em cada função — diz o homem gordo. — O elenco é renovado continuamente. Por curiosidade, qual é o seu nome?

— Pedro. Pedro Sanabria.

O homem gordo sorri satisfeito e abre a porta cerimonialmente.

— Depois de você — diz ele.

Pedro entra docilmente. Atrás dele, o homem fecha a porta e a tranca com um pesado ferrolho metálico.

— Função completa! — exclama o gordo, para o interior do teatro.

Lá fora, o letreiro vermelho ao lado da porta e o letreiro azul da marquise se apagam.

Eles avançam por um pequeno corredor.

O homem gordo com a libré abre uma cortina e eles entram em um pequeno palco profusamente iluminado, no centro do qual há um grande trono embutido em uma gigantesca escultura de um gato azul. A Pedro, isso lembra um artefato do Antigo Egito.

Começa a tocar uma música inquietante, com órgão de igreja e violinos. Pedro sente um arrepio na espinha. Parece estar em uma cerimônia religiosa de uma seita secreta.

O homem faz um gesto para que ele se sente.

— Ali? — pergunta Pedro, apontando para o trono.

— Sim, cara. Vá em frente. O lugar mais privilegiado de todos. O centro de todo o espetáculo.

Hesitante, Pedro obedece. Imediatamente, aparecem dois assistentes, que o seguram e amarram seus dois pulsos com correias aos braços do trono, enquanto outro amarra seu pescoço ao encosto, prendendo-o firmemente.

Pedro se sente como Alex DeLarge, o protagonista do romance e do filme “A Laranja Mecânica”, um psicopata que é feito prisioneiro pelo Estado para ser submetido a uma terapia de reabilitação por aversão chamada “Técnica Ludovico”.

Para aumentar sua desconfiança, Pedro observa que várias câmeras o estão filmando do alto. Quem sabe quem está observando-o.

Ele está tão petrificado pelo horror que é incapaz de protestar ou emitir um único som. Ele não sabe se tudo isso é apenas parte de uma encenação teatral ou se ele está diante de uma gangue de criminosos sádicos.

Então, abrem uma cortina e Pedro vê que, do outro lado do palco, há um auditório com doze assentos ocupados. Todos observam, expectantes.

O homem gordo de libré avança para a frente e proclama:

— Apresento-lhes o novo protagonista da peça: o senhor Pedro Sanabria. Nossa nova vítima.

Os espectadores começam a aplaudir e a dar gritos de alegria.

A música agora soa mais forte, com o som de tambores e gongos. As luzes acendem e apagam freneticamente, em flashes deslumbrantes.

— Vocês não podem fazer isso comigo! Eu sou inocente! — exclama Pedro, tentando elevar a voz acima dos gritos frenéticos.

— Tão inocente quanto o gato de Schrödinger — responde o homem gordo, enquanto um dos espectadores, jubilante, se levanta de seu assento, levanta o braço, no qual empunha um revólver, aponta para o peito de Pedro e atira.

Ilustração: PS/Dreamina.

EL GATO AZUL DE SCHRÖDINGER

Marcelo Medone

Pedro camina nervioso por la estrecha vereda. Ha salido tarde de su trabajo. Quiere llegar a su casa antes de que se haga de noche, para sentirse a salvo. Sus crisis de ansiedad lo van a matar algún día. O sus brotes de paranoia.

Toma un atajo y se interna por un vecindario no familiar. "Debería haber seguido por el camino seguro", se dice a sí mismo. De todos modos, decide continuar caminando por allí, aunque apurando el paso.

De pronto, se topa con un edificio que no conoce, con una fachada anónima con una pequeña puerta de madera. Un gran cartel luminoso anuncia en la marquesina: "TEATRO EL GATO AZUL — OBRAS TEATRALES BREVES PARA AUDITORIOS BREVES". Junto a la puerta, hay un pequeño letrero en letras rojas: "HAY UNA PLAZA DISPONIBLE PARA LA PRÓXIMA OBRA".

Un hombre gordo vestido de librea custodia la entrada. Antes de que Pedro pueda impedirlo, el gordo se le acerca.

—¿Le interesa? Tenemos un lugar disponible para usted. Absolutamente gratis el ingreso. Garantizamos que superará sus expectativas.

Pedro se queda un momento evaluando la situación.

El letrero rojo destella con un chisporroteo fantasmal, invitándolo a entrar.

—¿Qué tipo de obra es? —pregunta Pedro.

—Es un policial, al estilo de las viejas obras inglesas de misterio. Hay un muerto y un asesino, por supuesto. Elenco mínimo, pocos espectadores. Queremos que los asistentes vivan la obra con intensidad.

—¿Es como un enigma de Agatha Christie? ¿Una habitación cerrada en la que hay que descubrir al asesino? Me gustan esas obras.

—¿Oyó hablar del gato de Schrödinger?

—Tengo una vaga idea.

—Es un experimento teórico que discutieron dos eminencias científicas hace un siglo. Erwin Schrödinger y Albert Einstein querían llevar los postulados de la física cuántica al mundo macroscópico. En el mundo cuántico, una puede estar a la vez en dos estados: presente o ausente. Del mismo modo, un gato encerrado en una caja blindada especial debería poder estar vivo o muerto. ¿Lo aburro?

—No, para nada. Parece que usted es un experto en el tema.

—Me he vuelto experto con el tiempo. Pero no se equivoque: nosotros no comulgamos con la famosa superposición cuántica. Odiamos la indeterminación. O el gato está vivo o está muerto, pero no las dos cosas a la vez. Ya va a darse cuenta de todo.

Pedro se muestra indeciso.

—¿Falta mucho para que empiece? —dice. —No quisiera perder demasiado tiempo.

—Ansioso, ¿no? —le dice el hombre. —Aquí representamos obras muy cortas, de pocos minutos. Como ya le dije, cada obra es para una clientela selecta, de apenas doce espectadores. Tenemos un lugar disponible para usted. Ya va a empezar. Justo lo que usted necesita. No lo piense más. Verá que está hecha a su medida.

—Debo confesar que me ha picado la curiosidad.

—Dicen que la curiosidad mató al gato. ¡Como al gato de Schrödinger! ¡Ja, ja, ja!

Pedro lo mira con expresión confundida.

—Es un misterio que cobra un sentido diferente en cada función —le dice el hombre gordo. —El elenco se renueva continuamente. Por curiosidad, ¿cuál es su nombre?

—Pedro. Pedro Sanabria.

El hombre gordo sonríe complacido y le abre la puerta ceremoniosamente.

—Después de usted —le dice.

Pedro entra mansamente. Detrás de él, el hombre cierra la puerta y la asegura con un pesado pasador metálico.

—¡Función completa! —exclama el gordo, hacia el interior del teatro.

Afuera, se apagan el cartel rojo junto a la puerta y el cartel azul de la marquesina.

Avanzan por un breve pasillo.

El hombre gordo de la librea descorre una cortina e ingresan a un pequeño escenario profusamente iluminado, en el centro del cual hay un gran trono empotrado dentro de una gigantesca escultura de un gato azul. A Pedro le hace acordar a un artefacto del Antiguo Egipto.

Comienza a sonar una música inquietante, a base de órgano de iglesia y de violines. A Pedro le recorre un escalofrío por la espalda. Le parece estar en una ceremonia religiosa de una secta secreta.

El hombre le hace señas de que se siente.

—¿Allí? —pregunta Pedro, señalando el trono.

—Sí, hombre. Anímese. La ubicación más privilegiada de todas. El centro de todo el espectáculo.

Titubeante, Pedro obedece. De inmediato, aparecen dos asistentes, que lo sujetan y le amarran ambas muñecas por medio de unas correas a los brazos del trono, mientras otro le ata el cuello al respaldo, aprisionándolo firmemente.

Pedro se siente como Alex DeLarge, el protagonista de la novela y la película “La naranja mecánica”, un sicópata que es tomado prisionero por el estado para someterlo a una salvaje terapia de rehabilitación por aversión llamada “Técnica Ludovico”.

Para aumentar su desconfianza, Pedro observa que desde lo alto varias cámaras lo están filmando. Quién sabe quién lo están observando.

Está tan petrificado por el horror, que es incapaz de protestar o de emitir un solo sonido. No sabe si todo esto es solamente parte de una actuación teatral o se ha enfrentado a una banda de criminales sádicos.

Entonces, descorren un telón y Pedro ve que, al otro lado del escenario, hay un auditorio, con doce asientos ocupados. Todos observan, expectantes.

El hombre gordo de la librea avanza hacia el frente y proclama:

—Les presento al nuevo protagonista de la obra: el Señor Pedro Sanabria. Nuestra nueva víctima.

Los espectadores comienzan a aplaudir y dar exclamaciones de júbilo.

La música ahora suena más fuerte, resonando tambores y gongs. Las luces se encienden y se apagan frenéticamente, en flashes deslumbrantes.

—¡No pueden hacerme esto! ¡Soy inocente! —exclama Pedro, tratando de elevar su voz por encima del frenético griterío.

—Tan inocente como el gato de Schrödinger —le responde el hombre gordo, mientras uno de los espectadores, jubiloso, se para en su asiento, levanta su brazo, en el que empuña un revólver, le apunta a Pedro al pecho y dispara.

Traducción de Marcelo Medone.
Ilustración: PS/Dreamina.

COLHEITA

Belén Fernández Crespo

"Yes, there are aliens. No, we shouldn't contact them."

Stephen Hawking[1]

O Sol oscila, como uma luz que agoniza ao sopro do vento.

Ontem, o dia todo, mal se via um fulgor. Prendi a respiração, rezando para que não se apagasse, para que não fossem aqueles os nossos últimos oito minutos de vida, mas, finalmente, esta manhã, as brasas pareceram avivar-se.

Olho pela janela. Vejo o tênue brilho, cinquenta por cento mais suave do que o que refulge durante uma nevasca, e tento capturá-lo na minha mente: recordar o calor, a chama da qual tanto fugi nos dias de verão, incomodada pela sensação asfixiante; preservar aqueles ocasos escarlates, adornados com nuvens azuis-anis. Nunca imaginei seria testemunha deste fenômeno. Presumi que, quando acontecesse, já estaríamos extintos.

O fenômeno começou em 11 de novembro, há vinte dias. O Sol crepitava de forma diferente, como se perdesse a sua chama. Talvez devido a uma mudança em seu ciclo ou ao surgimento de alguma mancha solar excepcional. Nada poderia estar mais longe da realidade: a superfície do Sol estava lisa e impecável. No entanto, sua cor alaranjada havia transmudado para um vermelho intenso.

Não consigo entender muito bem o empenho da humanidade em encontrar e contatar seres de outros planetas, de enviar-lhes informações detalhadas sobre quem somos, onde estamos e como chegar até aqui.

Nos primeiros anos, eram simples mensagens espalhadas aleatoriamente na imensidão do espaço: canções enviadas por antenas, placas presas a sondas, na esperança de que chegassem a algum receptor, tal como os antigos marinheiros faziam com mensagens em garrafas.

Até que descobriram aquele sistema solar, gêmeo do nosso, a meros quatro anos-luz de distância.

Tal distância parecia ínfima em comparação com a de outros possíveis planetas habitáveis, cujos nomes haviam surgido em diversas ocasiões. Era urgente encontrar uma forma de enviar dispositivos que fossem os nossos olhos, que revelassem a verdade e pusessem fim às elucubrações e deduções no tocante à atmosfera, a existência de água e de vida.

Não houve consulta planetária. Não se importavam com a nossa opinião. Como sempre, os poderosos tomavam as suas próprias decisões, atendendo aos seus interesses; como sempre, não pensaram nas consequências de seus atos. As nanonaves guiadas a *laser* simplesmente foram lançadas.

E esperamos vinte anos.

Esperamos tanto que ninguém mais se lembrava da existência daquela missão.

E lá estava ele, o vampiro cósmico, imóvel, ileso, ancorado, de alguma forma desconhecida, ao

1 "Sim, existem alienígenas. Não, não deveríamos contactá-los." Fonte: The Atlantic.com "Stephen Hawking: Don´t contact Aliens." 26 de abril de 2010.

nosso astro: um perfil negro indeterminado que, de uma forma para nós incompreensível, sugava-lhe a preciosa energia. Sua emissão calorífica de mil de graus formava o negativo da imagem que ninguém conseguira captar, dando cara ao Horror remoto que jamais confrontaremos; isso nos ajudou a compreender que o tamanho da "nave" era equivalente ao de um planeta como Mercúrio. Por meio de quais procedimentos ele extrairá a essência da nossa estrela? Onde armazenará a energia ou para onde a transportará, se o fizer? Por que o nosso Sol e não outro? Terão os recursos da sua civilização se esgotado, ou serão eles simplesmente piratas que pretendem vender o combustível ao maior lance?

— Vou esquecer as palavras, mamãe — diz o meu filho de seis anos.

— Não entendi.

— Por não ir à escolinha.

— São apenas umas férias… — tento acalmá-lo.

Como lhe explicar a verdade? Como dizer que não há futuro, se ele sequer começou a viver? O que farei quando as plantas e os animais morrerem? Como protegê-lo do Horror quando não restarem alimentos?

— Estou com frio, mamãe.

— Vamos nos cobrir com o cobertor. Abrace-me.

Contemplo o céu constantemente, esperando um milagre que sei que jamais acontecerá. A vida se apaga, a Terra esfria lentamente, enquanto uma espessa camada de neve e gelo cobre tudo. Nem mesmo os edifícios são reconhecíveis. Já não lembro como era o mundo, como era a nossa existência. Sinto o Nada avançando implacavelmente, e um arrepio percorre a minha nuca. Ao fundo, o zumbido contínuo das notícias, que, ao tentar explicar os fatos, buscam nos ajudar a encontrar a paz e aceitar o nosso destino. Em constante estado de alerta, mal consigo dormir.

Somos meros espectadores que assistem impotentes à própria destruição. Jamais saberemos como são os Coletores. Não tiveram a cortesia de nos permitir vislumbrar a fisionomia da nossa Morte; não nos permitiram lutar. Para eles, devemos ter a mesma importância que a de uma insignificante partícula de pólen. O nosso orgulho humano nos levou a pensar que, ao saberem de nossa existência, eles viriam nos ensinar a sua avançada tecnologia e viveríamos juntos num Universo de harmonia ideal. De antemão, deveríamos ter prestado atenção à forma como nos tratamos uns aos outros e previsto o que aconteceria.

Segundo os especialistas, eles acabarão por se aproximar da Terra para roubar-lhe a água. Certamente o farão antes que o Sol se apague definitivamente e o planeta comece a vagar, inerte, pelo espaço.

Colhemos o que plantamos.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustração: PS/Dreamina.

SIEGA

Belén Fernández Crespo

"Yes, there are aliens. No, we shouldn't contact them."

Stephen Hawking[2].

El sol parpadea, como una luz que agoniza bajo el soplido del viento.

Durante todo el día de ayer, apenas fue una candela. Aguanté la respiración, rezando por que no se apagara, por que no fueran aquellos nuestros últimos ocho minutos de vida, y, por fin, ésta mañana, los rescoldos parecieron avivarse.

Miro por la ventana. Veo el pequeño resplandor, un cincuenta por ciento más leve que el que hay durante una tormenta de nieve, y trato de atraparlo en mi mente: recordar el calor, la llama de la que tanto huí en los días de verano, molesta por la sensación asfixiante; preservar aquellos atardeceres color escarlata, engalanados de nubes azul añil. Nunca me imaginé que sería testigo de éste fenómeno. Supuse que cuando ocurriese, ya nos habríamos extinguido.

El fenómeno comenzó el once de noviembre, hace ya veinte días. El Sol chisporroteaba de forma diferente, como si estuviera perdiendo su llama. Podría deberse a un cambio de ciclo o a la aparición de alguna nueva mancha solar excepcional. Nada más lejos de la realidad: la superficie del Sol estaba lisa e impecable. Sin embargo, su color anaranjado había cambiado a un rojo intenso.

No acabo de comprender el empeño humano por encontrar y contactar seres de otros planetas, de enviarles información detallada sobre quienes somos, dónde estamos y cómo llegar.

En los primeros años, eran simples notas lanzadas al azar a la inmensidad del espacio: canciones enviadas desde antenas, placas adjuntas a sondas con la esperanza de que llegaran a algún receptor, tal y como los antiguos marineros habían hecho con los mensajes en botellas.

Hasta que descubrieron aquel sistema solar, gemelo al nuestro, a tan sólo cuatro años luz.

La distancia parecía ínfima, en comparación con la de otros posibles planetas habitables cuyo nombre había surgido en diversas ocasiones. Era urgente buscar la forma de enviar unos dispositivos que fueran nuestros ojos, que revelaran la verdad y terminaran con las elucubraciones y deducciones en lo referente a la atmósfera, la existencia de agua y de vida.

No hubo consulta planetaria. No les importaba nuestra opinión. Como siempre, los poderosos tomaron sus propias decisiones atendiendo a sus intereses; como siempre, no pensaron en las consecuencias de sus actos. Las nano-naves guiadas por láser simplemente se lanzaron.

Y esperamos veinte años.

2"Si, hay alienígenas. No, no deberíamos contactar con ellos." Fuente: *The Atlantic. com* "Stephen Hawking: Don´t contact Aliens." 26 de Abril de 2010.

Esperamos tanto, que ya nadie recordaba la existencia de aquella misión.

Y allí estaba el vampiro cósmico, inmóvil, ileso, anclado de forma desconocida a nuestro astro: Un perfil negro indeterminado, que de alguna forma incomprensible para nosotros, esquilmaba la preciada energía. Su emisión calorífica de miles de grados formaba el negativo de la imagen que nadie ha sido capaz de captar, ponía cara al Horror remoto que jamás confrontaremos; nos ayudó a comprender que el tamaño de "la nave" era equivalente al de un planeta como Mercurio. ¿Por medio de qué procedimientos extraerá la esencia a nuestra estrella? ¿Dónde almacenará la energía o a que lugar la transportará si lo hace? ¿Por qué nuestro Sol y no otro? ¿Se habrán agotado los recursos en su civilización o serán unos simples piratas que pretenden vender el combustible al mejor postor?

— "Se nos van a olvidar las palabras, mamá." — dice mi hijo de seis años.

— "No te entiendo."

— "De no ir al cole."

— "Son sólo unas vacaciones..." —intento calmarle.

¿Cómo explicarle la verdad? ¿Cómo decirle que no hay futuro cuando ni siquiera ha comenzado a vivir? ¿Qué haré cuando las plantas y los animales mueran? ¿Cómo le protegeré del Horror cuando no queden alimentos?

— "Tengo frío, mamá."

— "Vamos a taparnos con la manta. Abrázame."

Miro al cielo continuamente, esperando un milagro que sé que jamás ocurrirá. La vida se apaga, la Tierra se enfría lentamente mientras una espesa capa de nieve y hielo lo cubre todo. Ni siquiera los edificios son reconocibles. Ya no recuerdo cómo era el mundo, cómo era nuestra existencia. Siento cómo la Nada avanza irrefrenable y un escalofrío recorre mi nuca. De fondo, el zumbido continuo de las noticias, que, al intentar dar explicación de los hechos, buscan ayudarnos a encontrar la paz y aceptar nuestro destino. En continuo estado de alerta, apenas puedo dormir.

Somos meros espectadores que asisten impotentes a su destrucción. Jamás sabremos cómo son los Recolectores. No han tenido la deferencia de permitirnos ver qué rostro tiene nuestra Muerte; no nos han permitido luchar. Para ellos, debemos de tener la misma importancia que una inapreciable partícula de polen. Nuestro orgullo humano nos llevó a pensar que, al saber de nosotros, vendrían a enseñarnos su avanzada tecnología y viviríamos juntos en un Universo de armonía ideal. Deberíamos habernos fijado en cómo nos tratamos los unos a los otros para haber predicho lo que ocurriría de antemano.

Según los expertos, finalmente se acercarán a la Tierra para arrancarle el agua. Seguramente lo harán ntes de que el Sol se apague definitivamente y el Planeta comience a errar, inerte, por el espacio.

Recogemos lo que sembramos.

Ilustración: PS/Dreamina.

O RECORDISTA

Marco Eugenio Sánchez Arrate

Minha casa, a casa de família, herdada dos meus pais, a mansão Bartozzi, incendiou-se.

A dor por tão triste perda oprime-me. Quantas recordações e velhas relíquias do sobrenome — armaduras suíças, o casaco bufante do *condottiero* Bartozzi, os bestiários medievais do mosteiro de Menz — extinguem-se com aquela casa, agora envolta nas chamas vorazes.

Mas o quer? É preciso fazer certos sacrifícios quando se quer se livrar de parentes problemáticos.

Ouço os seus gritos desesperados, batendo nas portas trancadas, enquanto atiro a lata da gasolina ao relvado do jardim.

Jovem demais para herdar tudo, diziam os meus primos mais velhos, os ambiciosos, os meus tutores e quase donos pela graça de um testamento esfarrapado. Agora os meus tenros onze aninhos já não serão um obstáculo.

Nós, os Bartozzi, somos precoces.

Dizem que o *condottiero* matou o pai aos catorze anos, nos tempos do papa Bórgia.

E acho que acabei de bater o recorde da família.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustração: PS/Perchance.

EL RECORDMAN

Marco Eugenio Sánchez Arrate

Mi casa, la casa familiar, heredada de mis padres, el palacete Bartozzi, ha ardido.

La pena por tan triste perdida me abruma. Cuántos recuerdos y viejas reliquias del apellido, armaduras suizas, la casaca abullonada del *condottiero* Bartozzi, los bestiarios medievales del monasterio de Menz, se marchan con esa casa, envuelta ahora en las voraces llamas.

Pero qué quieres. Uno tiene que hacer ciertos sacrificios si desea librarse de familiares molestos.

Oigo sus gritos desesperados, golpeando las puertas atrancadas, mientras arrojo al cesped del jardín la lata de gasolina.

Demasiado niño para heredarlo todo, decían mis primos mayores, los ambiciosos, mis tutores y casi dueños por la gracia de un raído testamento. Ahora ya mis tiernos once añitos no serán un obstáculo.

Los Bartozzi somos precoces.

Dicen que el *condottiero* mató a su padre con catorce en tiempos del Papa Borgia.

Y yo creo que acabo de batir ahora el récord familiar.

Ilustración: PS/Perchance.

O homem, depois de percorrer o longo corredor, chega à porta, chama o seu cão-guia, pega a sua bengala branca e sai de casa.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustración: PS/Dreamina.

A ENTIDADE

Dolo Espinosa

A entidade — vestida de branco, com o rosto coberto por longos cabelos escuros — está parada no meio do longo e escuro corredor por onde o homem avança às escuras.

O espectro espera pacientemente que o homem se aperceba da sua presença.

O homem se limita a atravessá-la com um ligeiro arrepio, que atribui a uma janela aberta.

O espírito, algo frustrado, decide mudar de forma. Avança até reencontrar-se diante do homem, transformado numa freira de horrendas feições.

Mais uma vez, o homem atravessa o seu corpo etéreo sem sequer sobressaltar-se.

— Talvez recorrendo aos métodos clássicos… — pensa o fantasma. E decide transformar-se no banal e aborrecido homem sem cabeça.

E, mais uma vez, o homem simplesmente o atravessa.

O espectro, completamente abatido, decide retirar-se.

— Esse homem é feito de gelo — murmura, enquanto se esfuma.

El hombre tras recorrer el largo pasillo, llega a la puerta, llama a su perro guía, recoge su bastón blanco y sale de casa.

Ilustración: PS/Dreamina.

EL ENTE

Dolo Espinosa

El ente — vestido blanco, el rostro cubierto por una larga cabellera oscura — está parado en mitad del largo pasillo por el que el hombre avanza a oscuras.

El espectro espera pacientemente a que el hombre se percate de su presencia.

El hombre se limita a atravesarlo con un ligero escalofrío que achaca a alguna ventana abierta.

El espíritu, algo frustrado, decide cambiar de forma. Avanza hasta ponerse, de nuevo, delante del hombre y se planta ante él, transformado en una monja de horrendas facciones.

De nuevo, el hombre pasa a través de su etéreo cuerpo sin ni tan siquiera sobresaltarse.

—Quizás recurriendo a los clásicos… —piensa el fantasma. Y decide transformarse en el manido y aburrido hombre sin cabeza.

Y, una vez más, el hombre lo atraviesa sin más.

El espectro, totalmente abatido, decide retirarse.

—Este hombre es de hielo —murmura mientras se esfuma.

SHOPPING CENTER

Dolo Espinosa

O *shopping center* está abarrotado. Centenas de pessoas circulam por ele, deambulando entre as lojas como laboriosas formigas, cada uma absorta em seu próprio mundinho.

Os funcionários atendem gentilmente, sorriem, recebem pagamentos e ouvem reclamações.

Os clientes entram e saem, compram ou olham, protestam, reclamam e, às vezes, sorriem. Sentam-se nos restaurantes e comem, bebem, reclamam e, às vezes, sorriem.

Quando aconteceu, ninguém percebeu a mudança. Alguns, no máximo, sentiram um arrepio que atribuíram ao ar-condicionado. Ninguém percebeu que o shopping inteiro havia sido arrancado da realidade e transportado para lugar nenhum.

Quando alguém tenta sair, simplesmente volta a encontrar-se no interior, sem se lembrar de nada, como se tivesse acabado de chegar, como *hamsters* em uma roda infinita de compras e trabalho.

Zumbis absortos em seus próprios mundinhos.

Os funcionários atendem, sorriem e ouvem reclamações.

Os clientes entram, saem, compram coisas, olham em volta, reclamam e, às vezes, até sorriem.

Eles são assim há eras; a luz envelheceu, o ar foi respirado milhões de vezes, mas nenhum deles sabe disso.

Tradução: Paulo Soriano.

Ilustração: PS/Dreamina.

CENTRO COMERCIAL

Dolo Espinosa

El centro comercial está abarrotado. Cientos de personas se mueven en su interior, deambulando entre las tiendas como laboriosas hormigas, cada una ensimismada en su diminuto mundo.

Los empleados atienden amablemente, sonríen, cobran, escuchan reclamaciones.

Los clientes entran y salen, compran o miran, protestan, se quejan, a veces sonríen. Se sientan en los restaurantes y comen, beben, se quejan y, a veces, sonríen.

Cuando ocurrió, ninguno de ellos se percató del cambio. Algunos, a lo sumo, sintieron un escalofrío que achacaron al aire acondicionado. Nadie se dio cuenta de que todo el centro comercial había sido arrancado de la realidad y trasladado a ninguna parte.

Cuando alguno intenta salir, sencillamente, vuelve a encontrarse en el interior, sin recordar nada, como si acabara de llegar, como hámsters en una rueda eterna de compras y trabajo.

Zombis ensimismados en sus pequeños mundos.

Los empleados atienden, sonríen y escuchan reclamaciones.

Los clientes entran, salen, compran, miran, se quejan y, a veces, incluso sonríen.

Llevan así eones, la luz se ha vuelto vieja, el aire ha sido millones de veces respirado, pero ninguno de ellos lo sabe.

Ilustración: PS/Dreamina.

O POETA

Ângelo Brea

Já levava vários meses internado no campo de prisioneiros da ilha de São Simão, em plena ria de Vigo. É triste que converteram esta ilha mítica para nossa cultura, no marco incomparável onde se desenvolveram os poemas de Martim Códax ou de Meendinho, num campo de sofrimento e de repressão. Desde que começara a guerra tinha visto como chegavam e saíam de aqui centos de pessoas. Conhecia alguns prisioneiros de vista. Mesmo passou por aqui um amigo da infância, do qual me despedi como se nunca fôssemos voltar a ver-nos. Quase todos eram desta zona, de Vigo, de Moanha, de Cangas, de Ponte-vedra, de Redondela… Nos primeiros meses tinham trazido muitas pessoas ao campo de prisioneiros da ilha, mas agora apenas ficamos aqui umas dúzias. Supus que os evacuados seriam transladados a outras prisões ou, talvez, assassinados.

Ao princípio não sabia a razão por que me mantinham com vida neste terrível lugar e não me transladavam (ou porquê ainda não me mataram). Mas depois adivinhei a causa: O ano em que começara a guerra coincidira com o remate de meus estudos de medicina. Infelizmente, nunca pude exercer. Estava aqui por ter pertencido a uma pequena associação de defesa da língua. Acho que todos meus companheiros foram fuzilados, mas não sei ao certo. Talvez nunca chegue a conhecer a sorte que correram.

Às vezes os guardas me chamavam para cuidar de algum deles. Tinha de vencer o nojo da melhor maneira e fazer aquilo para o que estudei, mas na maioria das ocasiões devia atender outros réus. Os guardas-civis tinham pavor a que por aqui estourasse uma epidemia de tifo ou de qualquer outra enfermidade contagiosa. A tuberculose causava estragos entre os prisioneiros. Não há nenhum remédio eficaz contra ela e nestas condições de sobrelotação em que vivemos é sumamente fácil o contágio. O meu sonho como médico é que algum especialista descubra um medicamento para esta terrível enfermidade no futuro próximo. Quantas vidas se poderiam salvar!

Um dia como outro qualquer, a fins de novembro do 36, chegou à ilha uma pequena remessa de novos prisioneiros. Seriam uns dez. Nada fora do comum. Os rostos cadavéricos pareciam réplicas de tantos centos como tinha visto nestes meses. Ao dia seguinte, um companheiro comentou-me que um daqueles prisioneiros era poeta. Disse-me que tinha estado num recital dele havia um par de anos.

— Você leu algum livro dele? — perguntei, inesperadamente interessado por aquela notícia. Antes da guerra tinha estado bem informado dos escritores que apareciam no nosso panorama

editorial. Claro que o sermos um país pequeno ajudava bastante a conhecer quase tudo o que se ia publicando…

— Não — respondeu. — Acho que ainda não publicou nenhum. E agora vai ser um milagre que o chegue a fazer. Falei ontem com ele e me confessou que tinham assaltado seu andar e que queimaram seus livros e todos os manuscritos. Só falta que o matem a ele. Então será como se nunca tivesse escrito nada.

Fiquei muito triste durante todo o dia. Para um escritor, que lhe queimem todo o que leva escrito é como se lhe roubassem a existência. A ele iam matá-lo ao menos duas vezes, não era como o resto de nós, que só temos uma vida. E o pior dos crimes é o que se comete com nossa língua, que morre um pouco mais com cada escritor que assassinam. São estas agressões as que me fazem adjurar deste país. E o pior de tudo é que na Europa atual quase não há para onde fugir. Cada vez há menos democracias e o totalitarismo parece que se vai estender imparável por todo o continente.

O poeta — meu amigo esquecera dizer-me como se chamava — estava noutro dos pavilhões e não consegui coincidir com ele, apesar das tentativas que fiz. Tinha muitas ganas de falar um bocadinho com ele antes que fosse demasiado tarde.

Infelizmente, consegui vê-lo numa ocasião em que não gostaria nunca de ter-me visto envolvido. Foi ao começo de dezembro. Um dos guardas-civis chamou-me para atender uns prisioneiros. Devia ir à sala de interrogatórios. Revolveu-se-me o estômago antes de entrar ali. Sabia o que me ia encontrar. Às vezes matavam a golpes a algum, outras vezes batiam tanto nalgum réu que ficava à beira da morte. Era tão duro ver as consequências das pancadas que lhes davam que quase sempre acabo vomitando.

Ao chegar ali, disseram-me que devia atender quatro prisioneiros. Por sorte nenhum deles tinha morrido. A um deles romperam-lhe um par de costelas. Outro ficara sem três dentes. O terceiro deu-me pena, porque lhe tinham saltado um olho, que pendurava fora da órbita e aquele jovem o tinha na palma da mão, com um fio de carne. O quarto tinha golpes por todo o peito e a espalda.

Trabalhei durante uma hora. Deram-me apenas umas vendas. Nada de medicinas. Fiz o que pude. Quando cheguei ao jovem ao que lhe saltaram o olho dei-me conta que aquele era o escritor com o que tinha querido falar todos aqueles dias.

Havia um guarda-civil ali, assim que não pude intercambiar nem uma palavra com ele. Tinha ordens precisas de não fazer perguntas pessoais, apenas averiguar onde lhe doía e coisas assim. Um dos guardas deveu bater-lhe com a porra ou com o fuzil, mas o jovem não se queixava. Mantinha a cabeça baixa e do olho caíam-lhe sobre a mão umas grossas pingas de sangue. Não pude fazer nada para salvar-lhe o olho. Apenas vendá-lo da melhor maneira possível.

Perguntei-lhe ao guarda-civil que estava no quarto se podia levá-los ao sanatório. Negou-se várias vezes, mas eu insisti e insisti até conseguir que o poeta e o homem com as costelas rotas pudessem passar a noite no sanatório e não nos pavilhões. Disse-lhe que iam morrer se não os atendia. O guarda não deixava de resmungar, mas ainda assim obtive sua permissão para transladar os dois em uma padiola. Ajudaram-me três companheiros que estavam no pátio.

— Devemos transladá-los com muito cuidado — pedi-lhe aos outros três, antes de entrarmos naquele quarto. — É preciso caminhar a modo e não movê-los com brusquidão.

Os outros três assentiram. Quando entrei no quarto, pegamos primeiro no poeta. Dava pena vê-lo, com a cabeça vendada, uma mancha vermelha onde tinha estado o olho direito e com tantos golpes por todo o corpo. Perguntei-lhe como estava, mas, por sorte, tinha desmaiado.

Transladamo-lo ao pequeno sanatório do campo, onde eu trabalhava. Apenas seis camas, das que agora três estavam ocupadas (três enfermos graves de tuberculose aos que mantinha isolados). Coloquei aquele rapaz afastado dos enfermos e o tapei com um cobertor e com uma manta. Depois transladamos o homem com as costelas rotas. Essa tarde fiquei com eles todo o tempo, até à hora do toque de silêncio. A tunda que lhes tinham dado fora importante, assim que passaram quase todo o tempo adormecidos. Deixei-os descansar. Era o melhor. Apenas saí um bocadinho do sanatório. Fui pedir-lhe permissão ao sargento para passar a noite no sanatório (era algo inusual, já o sei) e, milagrosamente, aceitou.

Depois de dar-lhes o jantar aos tuberculosos (uma minúscula ração que quase não nos permite manter-nos vivos), aguardei a que os outros dois acordassem. Como continuavam num dorme-vela contínuo, eu também me deitei para descansar umas horas. Ao redor das três da manhã um deles começou a queixar-se. Era o homem com as costelas rotas. Pediu-me água para beber e um calmante para as dores.

— Não tenho medicinas. Sinto-o — confessei. — A morfina está no quarto do sargento, que só me autoriza a utilizá-la com os guardas. Nestes meses nunca me deu nem uma pequena dose para os prisioneiros. Dói-lhe a cabeça? — perguntei.

— Dói-me muito o peito… e quase não posso respirar — respondeu.

— Você tem duas costelas rotas — disse-lhe. — Não pode fazer esforços durante um mês, enquanto não se recuperar.

— Não creio que me deixem descansar aqui nem um par de dias — afirmou, tristemente.

— Você de onde é?

— Sou de Cangas — respondeu, num sussurro. — Mas não sou militante de nenhum partido… Suponho que foi por ter feito campanha a favor do Estatuto. Mas nestes tempos…, quem sabe a razão em concreto? Estive dois dias em Vigo e agora trouxeram-me para aqui.

— Sabe algo deste rapaz? — perguntei, a assinalar para o poeta.

— Quase nada. Sei que nos trouxeram juntos e estamos no mesmo pavilhão, mas não sei nada mais dele — olhou para ele e observou-o atentamente. — É bastante jovem… Que terá? Vinte anos?

— Isso parece, ao sumo vinte e um ou vinte e dois — admiti. — Disseram-me que era escritor? Sabe algo?

— A mim não me disse nada disso — afirmou. — A verdade é que falamos pouco. Mas os guardas têm-lhe uma especial animadversão. Estão sempre a bater-lhe e a fazer-lhe a vida impossível. Suponho que alguém importante o terá denunciado. Não apostaria por ele nem um real.

— Um guarda saltou-lhe um olho de um golpe — confessei. — Creio que tem o nariz roto e talvez tenha outras lesões importantes, mas até que acorde não posso fazer mais nada. Dá-me pena vê-lo assim.

— Não duraremos muito neste sítio — admitiu. — Sabe de alguém que conseguisse fugir?

— Nestes meses que levo aqui, ninguém — respondi. — Ao menos que eu saiba… Ao estarmos numa ilha é mais difícil fugir. E isso que com a maré baixa quase se pode ir caminhando até à costa. Mas

ninguém conseguiria dar um passo antes de ser abatido. Esqueça-o!

Nesse momento senti um movimento na cama do lado. Vi como o poeta piscava várias vezes o seu único olho são. Depois ficou outra vez adormecido.

— Tente descansar — murmurei. — Aguente como possa. De manhã tentarei conseguir algo para aliviar-lhe a dor.

Ele moveu a cabeça em sinal de assentimento. Fiquei a observá-lo uns minutos. Depois, reparei que o poeta descansava. Tinha um sono suave, apesar das circunstâncias. Aguardei ao pé dele quase meia hora, observando-o bem. Teria frio? Apanhei a última manta do estante e o cobri com ela, tentando não o acordar.

Quando ouvi o toque de revista, ergui-me rapidamente e preparei-me para passar lista. O poeta estava acordado. Olhou para mim e vi naquele olho um sinal de agradecimento, ainda que não falou nada.

— Vou descer ao pátio para formar enquanto passam lista — comentei. — Depois trarei algo para a dor. Não se preocupe, já verá como tudo vai sair bem. — Esbocei um sorriso, que tentou ser o mais afetuoso possível, e desci ao pátio.

Era muito cedo e estava frio. Os prisioneiros tiritavam. Alguns sopravam nas mãos e as esfregavam para tentar encontrar um bocadinho de calor. Então, como cada dia, começou essa cerimónia idiota de passar lista. Crispa-me os nervos. Cada dia esta hora interminável, à chuva ou ao sol.

Então vi como ao pequeno cais da ilha chegava uma lancha da guarda-civil com mais prisioneiros. Levaram-nos ao quarto de interrogatório. Pareciam assustados e intimidados por este maldito lugar e não era para menos.

O sargento chamou por mim, ainda que não remataram de passar lista. Ordenou-me que fosse fazer-lhes um reconhecimento aos novos prisioneiros. E rápido!

Eram doze. Estavam de pé, arrimados à parede do fundo. Sentei-me na cadeira que havia no centro, enquanto uns guardas falavam e riam, sentados na mesa principal ou no corredor. Tinha o ouvido à escuta e senti como o cabo que tinha trazido o pequeno grupo perguntava se havia que "transladar" alguém. Parece que a lancha não vai regressar de vazio. Queria ouvir mais, mas o cabo saiu com um par de guardas-civis e eu tive que continuar com o reconhecimento. Um parecia ter difteria e havia outro que tinha os sintomas da tuberculose, mas para assegurar-me devia fazer-lhe umas provas, que me levariam algo de tempo. Pedi que o levassem ao sanatório. Quando por fim acabei com aquele tedioso trabalho, regressei ao pátio e reparei que a lancha da guarda-civil ia já a meio caminho. A quem levariam esta vez? E a quantos?

Um dos prisioneiros aproximou-se a mim.

— Você conhece algum dos novos? — perguntou.

— Não, a verdade é que não reconheci nenhum — respondi. — Quase não pude falar com eles, porque havia sempre guardas na sala. E por aqui, houve alguma novidade?

— Os da lancha levaram quatro ou cinco — respondeu. — Pareceu-me que traziam uma listagem com vários nomes, porque não deixavam de olhar para uma folha de papel. Suponho que quando remataram, foram embora. Eu tentei passar desapercebido e não dar muito nas vistas.

Dissemo-nos um par de frases intranscendentes, relacionadas com o frio que ia e eu regressei, quase à corrida, ao sanatório. Quando cheguei, reparei que o doente que atendera havia uns minutos já estava ali. Disse-me uma frase de saúdo, mas eu não a ouvi. Reparei que o jovem poeta não estava. A cama estava

vazia. As duas mantas foram arremessadas para um lado. Aquela cama vazia dava-me terror. Aproximei-me para falar com o que tinha as costelas rotas. Mas antes de falar, já sabia a verdade. Tinham transladado o poeta e eu não conseguira cruzar nem uma palavra com ele. Por que o mundo tinha de ser tão cruel? Olhei para o companheiro. Ele olhou para mim com uns olhos doentes e tristes.

— Sinto-o muito. Tentei impedir que o levassem, mas deram um golpe com a porra que me deixou sem ar durante um minuto. Vi as estrelas.

Senti uma névoa que me toldava a visão. Retrocedi dois passos e consegui sentar-me na cama. Na mesma cama onde o jovem passara a noite. Uma onda de calor subiu-me do estómago à boca. De imediato senti uma dor intensa, como uma agulha que se me cravava no coração.

Ilustração: PS/Perchance.

EL POETA
Ângelo Brea

Ya llevaba varios meses internado en el campo de prisioneros de la isla de San Simón, en plena ría de Vigo. Es triste que hayan convertido esta isla legendaria para nuestra cultura, marco incomparable de los poemas de Martín Códax o de Meendinho, en un campo de sufrimiento y de represión. Desde que comenzó la guerra había visto cómo llegaban y salían de aquí cientos de personas. Conocía a algunos prisioneros de vista. Incluso pasó por aquí alguno de mis amigos de la infancia, de los que me despedí como si nunca fuésemos a volver a vernos. Casi todos eran de esta zona, de Vigo, de Moaña, de Cangas, de Pontevedra, de Redondela… En los primeros meses habían traído a muchas personas al campo de prisioneros de la isla, pero ahora únicamente quedamos aquí unas docenas. Supongo que los evacuados habrán sido trasladados a otras prisiones o, quizá, asesinados.

Al principio no sabía la razón por la cual me mantenían con vida en este terrible lugar y no me trasladaban (o porqué aún no me habían asesinado). Pero después adiviné la causa: El año en el que había comenzado la guerra había coincidido con el final de mis estudios de medicina. Infelizmente, nunca había podido ejercer. Estaba aquí por haber pertenecido a una pequeña asociación de defensa de la lengua gallega. Creo que todos mis compañeros ya han sido fusilados, pero no lo sé con seguridad. Quizá nunca llegue a conocer la suerte que han corrido.

A veces los guardias me llamaban para cuidar a algunos de ellos. Tenía que superar el asco de la mejor manera y hacer aquello para lo que había estudiado, pero en la mayoría de las ocasiones debía atender a otros reos. Los guardias civiles tenían pavor a que por aquí explotase una epidemia de tifus o de cualquier otra enfermedad contagiosa. La tuberculosis causaba estragos entre los prisioneros. No hay ningún remedio eficaz contra ella y en estas condiciones de sobrecapacidad en la que vivimos es sumamente fácil el contagio. Mi sueño como médico es que algún especialista descubra un medicamento para esta terrible enfermedad en un futuro próximo. ¡Cuántas vivas se podrían salvar!

Un día como otro cualquiera, a finales de noviembre del año 36, llegó a la isla una pequeña remesa de nuevos prisioneros. Serían unos diez. Nada fuera de lo común. Los rostros cadavéricos parecían réplicas de tantos cientos como había visto en estos meses. Al día siguiente un compañero me comentó que uno de aquellos prisioneros era poeta. Me dijo que había estado en uno de sus recitales hacía un par de años.

— ¿Has leído algún libro de él? — pregunté, inesperadamente interesado por aquella noticia. Antes de estallar la guerra había estado bien informado de los escritores que aparecían en nuestro panorama editorial. Claro que ser un país pequeño ayudaba bastante a conocer casi todo lo que se iba publicando en gallego…

— No — respondió. — Creo que aún no ha publicado ninguno. Y ahora va a ser un milagro que llegue a hacerlo. Hablé ayer con él y me confesó que habían asaltado su piso y que habían quemado sus libros y todos sus manuscritos. Ahora solo falta que lo maten. Y será como si nunca hubiese escrito nada.

Aquello me dejó apenado para todo el día. Para un escritor, que le quemen todo lo que lleva escrito es como si le robasen la existencia. A él lo iban a matar al menos dos veces, no era como al resto de nosotros, que solamente tenemos una vida. Y el peor de los crímenes es el que se comete con nuestra lengua, que muere un poco más con cada escritor que asesinan. Son esas agresiones las que me hacen adjurar de este país. Y lo peor de todo es que en la Europa actual casi no hay un lugar para donde huir. Cada vez hay menos democracias y el totalitarismo parece que avanza imparable por todo el continente.

El poeta — mi amigo se había olvidado de decirme cómo se llamaba — estaba en otro de los pabellones y no conseguí coincidir con él, a pesar de que intenté. Tenía muchas ganas de hablar un rato con él antes de que fuese demasiado tarde.

Tristemente, conseguí verlo en una ocasión en la que nunca me gustaría haberme visto envuelto. Ya era al comienzo de diciembre. Uno de los guardias civiles me llamó para atender a unos prisioneros. Tenía que ir a la sala de interrogatorios. Se me revolvieron las tripas antes de entrar allí, porque sabía lo que me iba a encontrar. A veces mataban a golpes a alguno, otras veces golpeaban tan fuerte a algún reo que quedaba al borde de la muerte. Era tan duro ver las consecuencias de los golpes que les daban que casi siempre acabo vomitando.

Al llegar allí, me dijeron que tenía que atender a cuatro prisioneros. Por suerte, ninguno de ellos había fallecido. A uno de ellos le habían roto un par de costillas. A otro le había partido tres dientes. El tercero me dio mucha pena, porque le habían saltado un ojo, que le colgaba fuera de la órbita. Aquel joven lo mantenía en la palma de la mano, unido a un hilo de carne. El cuarto tenía golpes por todo el pecho y la espalda.

Trabajé durante una hora. Me dieran solamente unas vendas. Nada de medicinas. Hice lo que pude. Cuando me ocupé del chico al que le habían saltado un ojo, me di cuenta que aquel era el escritor con el que había querido hablar todos aquellos días.

Había un guardia civil allí, por lo que no pude intercambiar ni una palabra con él. Nos daban órdenes precisas para no hacer preguntas personales, únicamente averiguar qué les dolía a los prisioneros o dónde. Cosas así. Supongo que uno de los guardias le había golpeado con la porra o con el fusil. Pero el joven no se quejaba. Mantenía la cabeza baja y del ojo le caían gruesas gotas de sangre. No pude hacer nada nada para salvarle el ojo. Solo vendarlo de la mejor manera posible.

Le pregunté al guardia civil que estaba en aquella estancia si podía llevarlos al sanatorio. Se negó varias veces, pero yo insistí e insistí hasta conseguir que el poeta y el hombre con las costillas rotas pudiesen pasar la noche en el sanatorio y no en los pabellones. Le dije que iban a morir si no los atendía. El guardia no dejaba de mascullar entre dientes, pero aun así obtuve su permiso para trasladar a los dos en una camilla portátil. Me ayudaron tres compañeros que estaban en el patio.

— Tenemos que trasladarlos con mucho cuidado — les pedí a los tres, antes de entrar en la habitación. — Hay que andar con precaución y no moverlos bruscamente.

Los otros tres asintieron. Cuando entré en el cuarto, nos ocupamos primero del poeta. Daba pena verlo, con la cabeza vendada, una mancha roja en el lugar donde había estado el ojo derecho y con tantos golpes por todo el cuerpo. Le pregunté cómo estaba, pero, por suerte, se había desmayado.

Los trasladamos al pequeño sanatorio del campo, en donde yo trabajaba. A penas seis camas, de las cuales estaban ahora tres ocupadas (tres enfermos de tuberculosis, que mantenía aislados). Coloqué a aquel chico alejado de los enfermos y lo tapé con una sábana y con una manta. Después trasladamos al hombre con las costillas rotas. Esa tarde me quedé con ellos todo el tiempo, hasta la hora del toque de silencio. La paliza que les habían dado había sido importante. Por esa razón permanecieron casi todo el tiempo dormitando. Los dejé descansar. Era lo mejor. A penas salí un momento del sanatorio. Le fui a pedir permiso al sargento para pasar la noche allí (era algo inusual, ya lo sé) y, milagrosamente, aceptó.

Después de darles la cena a los tuberculosos (una ración minúscula que casi no nos permite mantenernos vivos), esperé a que los otros dos despertasen. Como continuaban en un duerme-vela continuo, yo también me acosté para descansar unas horas. Alrededor de las tres de la mañana, uno de ellos comenzó a quejarse. Era el hombre con las costillas rotas. Me pidió agua y un calmante para el dolor.

— No tengo medicinas. Lo siento — confesé. — La morfina está en la habitación del sargento, que solo me autoriza a utilizarla con los guardias. En estos meses jamás me dio ni una pequeña dosis para los prisioneros. ¿Le duele la cabeza? — le pregunté.

— Me duele mucho el pecho… y casi no puedo respirar — respondió.

— Tiene dos costillas rotas — le dije. — No puede hacer esfuerzos durante un mes, mientras no se recupera.

— No creo que me dejen descansar aquí ni un par de días — afirmó, tristemente.

— ¿Usted de dónde es?

— Soy de Cangas — respondió, en un susurro. — Pero no soy militante de ningún partido… Supongo que fue por haber hecho campaña a favor del Estatuto. Pero en estos tiempos… ¿quién sabe la razón en concreto? Estuve dos días en Vigo y ahora me trajeron para aquí.

— ¿Sabe algo de este chico? — pregunté, señalando al poeta.

— Casi nada. Sé que nos trajeron juntos y estamos en el mismo pabellón, pero no sé nada más de él — miró para él y lo observó con atención. — Es bastante joven… ¿Qué tendrá? ¿Veinte años?

— Eso parece, a lo sumo veintiuno o veintidós — admití. — Me dijeron que era escritor. ¿Usted sabe algo?

— A mí no me dijo nada de eso — afirmó. — La verdad es que hablamos poco. Pero los guardias le tienen una inquina especial. Siempre están golpeándole y haciéndole la vida imposible. Supongo que alguien importante lo habrá denunciado. No apostaría por él ni un real.

— Uno de ellos le sacó el ojo de un golpe — confesé. — Creo que tiene la nariz rota y tal vez tenga otras lesiones importantes, pero hasta que despierte no puedo hacer nada más. Me da pena verlo así.

— No duraremos mucho en este sitio — admitió. — ¿Sabe de alguien que haya conseguido huir?

— En estos meses que llevo aquí, nadie — respondí. — Al menos que yo sepa... Al estar en una isla es más difícil escapar. Y eso que con la marea baja casi se puede ir caminando hasta alcanzar la costa. Pero nadie podría dar ni un paso fuera antes de ser abatido. ¡Olvídelo!

En ese momento sentí un movimiento en la cama de al lado. Vi como el poeta abría y cerraba su único ojo. Después me pareció que se había vuelto a quedar dormido.

— Tienes que intentar descansar — le dije. — Aguanta el dolor todo lo que puedas. Por la mañana intentaré conseguir algo para aliviarte.

Él movió la cabeza, en señal afirmativo. Poco después comprobé que ya descansaba. Tenía un sueño suave, a pesar de las circunstancias. Esperé allí, a su lado, casi media hora, observándolo bien. ¿Tendría frío? Tomé la última manta de la estantería y lo cubrí con ella, intentando no despertarlo.

Al día siguiente, cuando oí el toque de revista, me levanté rápidamente y me preparé para pasar lista. El poeta estaba despierto. Me miró y vi en su único ojo una señal de gratitud, aunque no me dijo nada.

— Voy a bajar al patio para formar mientras pasan lista — le comenté. — Después me ocuparé de ti. No te preocupes, ya verás como todo va a salir bien. — Esbocé una sonrisa, que intentó ser lo más afectuosa posible, y bajé al patio.

Era muy temprano y hacía mucho frío. Los prisioneros tiritaban. Algunos se soplaban en las manos y se las refregaban para intentar para intentar entrar en calor. Entonces, como cada día, comenzó esa ceremonia idiota de pasar lista. A mí me crispa los nervios. Cada día esta hora interminable, haga sol o caigan chuzos de punta.

Entonces vi cómo llegaba al pequeño embarcadero de la isla una lancha de la guardia civil con más prisioneros. Parecían asustados e intimidados por este maldito lugar y no era para menos.

El sargento me llamó, aunque no habían acabado de pasar lista. Me ordenó que fuera a hacerles un reconocimiento a los nuevos prisioneros. ¡Y rápido!

Eran doce. Estaban de pie, arrimados a la pared del fondo. Me senté en una silla que había en el centro de la sala, mientras unos guardias hablaban o reían, sentados en la mesa principal o en el pasillo.

Tenía los oídos bien abiertos. Oí cómo el cabo que había traído a aquel grupo preguntaba si había que "trasladar" a alguien. Parece ser que la lancha no va a regresar de vacío. Quería enterarme de algo más, pero el cabo salió con un par de guardia civiles y yo tuve que continuar con el reconocimiento. Uno de ellos parecía tener difteria y otro de ellos presentaba síntomas de tuberculosis, pero para asegurarme debía hacerle unas pruebas, que me llevarían algo de tiempo. Pedí que lo llevasen al sanatorio. Cuando por fin acabé con aquel tedioso trabajo, regresé al patio y observé que la lancha ya iba a medio camino. ¿A quiénes habrán llevado en esta ocasión? ¿Y a cuántos?

Uno de los prisioneros se me aproximó.

— ¿Conoces a alguno de los nuevos? — le pregunté.

— No, la verdad es que no reconocí a ninguno — respondí. — Casi no pude hablar con ellos, porque había siempre guardias en la sala. ¿Y por aquí, hay algo que contar?

— Los de la lancha se llevaron a cuatro o cinco — respondió. — Me dio la impresión que traían una lista con los nombres, porque no dejaban de mirar para una hoja de papel. Supongo que cuando

acabaron, se marcharon sin más. Yo intenté pasar desapercebido y no llamar la atención.

Intercambiamos un par de frases intrascendentes, relacionadas con el frío que hacía y yo regresé, casi corriendo, al sanatorio. Cuando llegué, me di cuenta de inmediato que el paciente que había atendido hacía unos minutos ya estaba allí. Me saludó, pero yo no hice caso. El joven poeta no estaba allí. La cama estaba vacía. Las dos mantas habían sido arrojadas a un lado. Aquella cama vacía me causaba una sensación terrorífica. Me aproximé al hombre que tenía las dos costillas rotas. Pero antes de hablar con él, ya sabía la verdad. Habían trasladado al poeta y yo ni siquiera había podido cruzar ni una palabra con él. ¿Por qué el mundo tenía que ser tan cruel? Su compañero intercambió una mirada conmigo. Sus ojos expresaban una profunda tristeza.

— Lo siento mucho. Intenté impedir que se lo llevasen, pero me dieron un golpe con la porra que me dejó sin aire durante un minuto. Vi las estrellas.

Sentí como una niebla que me nubló la visión. Retrocedí dos pasos y conseguí sentarme en la cama. En la misma cama donde el joven había pasado la noche. Una ola de calor me subió del estómago a la boca. De inmediato, sentí un dolor intenso, como una aguja que se me clavaba en el corazón.

Traducción de Ângelo Brea.
Ilustración: PS/Perchance.

AUTOMÁTICO

Ricardo Manzanaro

Quando chegou a hora, o estimulador cerebral automático emitiu ondas que ativaram Felipe suavemente e o acordaram. O ativador induziu a secreção de endorfinas no cérebro de Felipe para que estivesse feliz ao levantar-se. No chuveiro, o limpador ultrassônico deixou a pele de Felipe livre de infecções e o hidratante automático eliminou as suas rugas. No quarto, a máquina de vestir pôs-lhe a roupa selecionada, conforme previsão do tempo.

Na cozinha, o preparador de café da manhã já pusera à mesa o necessário ao consumo de Felipe. Cumprimentou a sua esposa e o seu filho. Enquanto conversavam, o massageador automático relaxava a musculatura de Felipe e o analisador examinava o seu plasma sanguíneo, injetando os medicamentos necessários à normalidade de todos os parâmetros.

O carro de condução automática já estava lá fora, aguardando Felipe. A esposa e o filho despediram-se dele carinhosamente.

Assim que Felipe partiu ao trabalho, a esposa e o filho automáticos se apagaram até que ele voltasse à noite.

*

No dia seguinte, uma patrulha da polícia entrou no chalé de Felipe e o encontrou no quarto, morto. Como acontecera em muitas residências, a enorme queda de energia deixara inoperantes os aparelhos elétricos, e Felipe havia sofrido um infarto devido ao pânico ocasionado por aquela situação.

Após a autorização do juiz, o agente funerário embalsamador automático, que havia na residência, começou a trabalhar no corpo Felipe.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustração: PS/Perchance.

AUTOMÁTICO
Ricardo Manzanaro

El estimulador cerebral automático, al llegar la hora, emitió las ondas que activaron suavemente a Felipe y le despertaron. El activador indujo la secreción de endorfinas en el cerebro de Felipe para que estuviera contento al levantarse. En la ducha el limpiador de ultrasonidos dejó la piel de Felipe libre de infecciones y el hidratante automático le eliminó las arrugas. En el dormitorio, el vestidor le colocó la ropa seleccionada, según la previsión del tiempo.

Ya en la cocina, el preparador de desayunos lo tenía dispuesto para el consumo de Felipe. Saludó a su esposa y su hijo. Mientras charlaban, el masajeador automático relajaba la musculatura de Felipe y el analizador examinaba su plasma sanguíneo, inyectando los fármacos necesarios para que todos los parámetros estuvieran bien. El coche autónomo ya estaba en el exterior, esperando a Felipe. Su esposa y su hijo le despidieron cariñosamente.

Tras la marcha de Felipe al trabajo, la esposa y el hijo automáticos se apagaron, hasta que volviera a la noche

*

Al día siguiente, una patrulla de la policía entró en el chalet de Felipe y le encontraron en el dormitorio, muerto. Como había sucedido en muchas viviendas, el apagón masivo había provocado el no funcionamiento de ninguna máquina, y Felipe había sufrido un infarto por el pánico ocasionado por aquella circunstancia.

Tras la autorización del juez, el enterrador embalsamador automático que había en la vivienda, empezó a trabajar en el cuerpo de Felipe.

Ilustración: PS/Perchance.

Gaizka Azkaratek eginiko itzulpena.
Ilustrazioa: PS/Perchance.

O AUTOMATIKOA

Ricardo Manzanaro

Burmuin-estimuladore automatikoak, ordua iritsi zenean, Felipe esnatu eta kontzientzia pizteko uhinak igorri zituen. Aktibagatzaileak endorfinen sekrizioa eragin zuen Felipeko garunean altxatzean pozik egon zedin. Dutxan, ultrasoinu-garbitzaileak Felipe-ren azalazko infekziorik gabe utzi zuen eta larruazal hidratatzaile automatikoak zimurrak ezabatu zizkion. Logelan, jantzigileak aukeratutako arropak jarri zion, eguraldiaren aurreikuspenaren arabera.

Sukaldean, gosarien prestatzaileak prest zituen jada Felipek kontsumitzeko. Bere emazteari eta semeari agurtu zion, eta elkarrizketan ari ziren bitartean, masaiagailu automatikoak Felipe-ren muskuluak erlaxatzen zituen eta analisatzaileak bere odol-plasma aztertzen zuen, beharrezko sendagaiak injektatuz parametro guztiak ondo egoteko. Auto

autonomoa kanpoan zegoen Feliperen zain. Bere emazteak eta semeak maitasunez agur egin zioten. Felipe lanera joan bezain pronto, emaztea eta seme automatikoak itzali ziren, gaua heldu arte.

Hurrengo egunean, polizia Feliperen txaletean sartu zen eta logelan aurkitu zuten, hil. Etxebizitza askotan gertatu zen bezala, itzalaldi masiboak makinarik ez funtzionatzea eragin zuen, eta Felipek bihotzekoak jo zuen egoeraren ondorioz. Epailearen baimenaren ondoren, forense automatiko bat Feliperen gortputza aztertzen ari zen.

O APAGÃO

Gaizka Azkarate Saez

Era um dia ensolarado de primavera; mais que primavera, parecia verão. As pessoas se divertiam nos parques e até na praia, e nada prenunciava o que estava por vir. Agustín Trabudua, nosso protagonista, buscava inspiração para seu novo romance, quando sirenes distantes chamaram sua atenção.

Trabudua tentou acessar a *internet* em seu computador para descobrir o que estava acontecendo, mas o sistema indicava que não estava conectado à rede. Ligou a TV para assistir ao noticiário, mas não havia nada. O seu celular estava desligado ou fora de área, e somente funcionava o rádio a pilha. Pegou a mochila, com a intenção de seguir ao jornal onde trabalhava, mas as imagens diante de seus olhos fizeram-no parar e tirar algumas fotos.

Chegou à redação e lá reinava o caos. Os computadores estavam desligados, os teletipo não funcionavam, os redatores corriam de um lado para o outro, e todos faziam a mesma pergunta: o que estava acontecendo? E a temperatura e o calor se tornavam cada vez mais insuportáveis.

Uma explosão a escassos metros da redação chamou a atenção de Agustín e dos demais para a janela. Drones de combate haviam atingido pontos estratégicos da cidade, provocando caos e destruição. Sem meios de se comunicar com o mundo exterior e sem entender o que estava acontecendo, Trabudua decidiu voltar à rua para coletar informações.

Uma vez no epicentro do caos, a única coisa que conseguiu apurar foi que havia ocorrido um apagão, provavelmente de grandes dimensões, e que qualquer possibilidade de comunicação com outros lugares era quase impossível. E a culpa disto tudo recaía sobre a mudança climática, que já vinha se manifestando de diversas formas há muito tempo, mas que os governos de diferentes países se recusavam a enfrentar.

Agustín compreendeu imediatamente a magnitude da situação. A primeira vítima de um apagão prolongado seria a vida urbana. As bombas d'água que abastecem os prédios altos parariam de funcionar, deixando os moradores sem água potável. Os sistemas de aquecimento e refrigeração entrariam em colapso, afetando tanto as residências quanto os hospitais. Os supermercados perderiam a capacidade de conservar os alimentos, enquanto os sistemas de pagamento eletrônico inutilizar-se-iam, criando o caos no abastecimento de bens básicos.

Sem eletricidade, os hospitais enfrentariam um cenário catastrófico: respiradores desligados,

cirurgias canceladas e a higiene básica ficaria comprometida. Até mesmo o manejo de resíduos, que em muitas cidades depende de sistemas elétricos pressurizados, entraria em colapso, acarretando enormes riscos sanitários.

Mas esse não seria o único perigo. Um apagão prolongado teria consequências negativas para a economia. A eletricidade necessária ao funcionamento de todos os tipos de equipamentos e máquinas industriais. Isso inclui computadores, celulares, televisores, sistemas de aquecimento e muito mais. Algumas indústrias seriam diretamente afetadas por cortes de energia elétrica. Isso poderia levar à queda na receita, redução do emprego e declínio no bem-estar geral.

Agustín Trabudua decidiu voltar para casa, sentindo-se como se estivesse em um cenário de filme, mas consciente de que o que vivenciava era real. Sem reservas d'água nos domicílios, sem alimentos não perecíveis e sem fontes alternativas de iluminação, como lanternas de emergência, a situação parecia um retorno aos tempos pré-tecnológicos. Uma época distante da qual só temos registros escritos.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustração: PS/Perchance.

EL APAGÓN

Gaizka Azkarate Saez

Era un día soleado de primavera, más que primavera parecía verano. La gente disfrutaba en los parques, e incluso en la playa, y nada hacia presagiar lo que vendría después. Agustín Trabudua, nuestro protagonista estaba en busca de inspiración para su nueva novela, cuando unas sirenas lejanas llamaron su atención.

Trabudua intentó acceder a internet desde su ordenador para saber qué ocurria, y éste le indicaba que no estaba conectado a la red, encendió la TV para ver los informativos, y nada. El móvil estaba apagado o fuera de cobertura, y sólo funcionaba la radio a pilas. Cogió su mochila con la intención de dirigirse al periódico donde trabajaba, pero las imágenes que tenia frente a sus ojos le hicieron parar y sacar algunas fotos.

Llegó a la redacción y allí reinaba el caos. Ordenadores apagados, los teletipos no funcionaban, los redactores corriendo arriba y abajo, pero todos con la misma pregunta: ¿qué estaba ocurriendo?. Y la temperatura y el calor cada vez más insoportable.

Una explosión a escasos metros de la redacción llamó la atención de Agustín y de los demás hacia la ventana. Drones de combate habían impactado contra centros neurálgicos de la ciudad, provocando el caos y la destrucción. Sin forma de comunicarse con el exterior, y sin posibilidad de enterarse qué estaba ocurriendo, Trabudua decidió volver a la calle a recabar información.

Una vez en el epicentro del caos, lo único que sacó en claro es que se había producido un apagón eléctrico, probablemente de grandes dimensiones, y que toda posibilidad de comunicarse con otros lugares era casi imposible. Y el responsable de todo era el cambio climático, que desde hacia un largo periodo de tiempo se estaba haciendo notar en sus diferentes modalidades, pero al que los gobiernos de los diferentes países se negaban a hacer frente.

Agustín comprendió enseguida el alcance de la situación. La primera víctima de un apagón prolongado sería la vida urbana. Bombas de agua que alimentan edificios altos dejarían de funcionar, dejando a los residentes sin agua potable. Los sistemas de calefacción y refrigeración colapsarían, afectando tanto a hogares como a hospitales. Supermercados perderían la capacidad de conservar alimentos, mientras los sistemas electrónicos de pago quedarían inutilizables, generando caos en el abastecimiento de productos básicos.

Sin electricidad, los hospitales se enfrentarían a un escenario de pesadilla: respiradores apagados, cirugías canceladas y la higiene básica

comprometida. Incluso el manejo de residuos, dependiente en muchas ciudades de sistemas eléctricos de presión, colapsaría, provocando riesgos sanitarios enormes.

Pero no era ese el único peligro. Un apagón prolongado traería consecuencias negativas en la economía. La electricidad es necesaria para el funcionamiento de todo tipo de equipos industriales y maquinaria. Esto incluye computadoras, teléfonos móviles, televisores, sistemas de calefacción y mucho más. Algunas industrias se verían afectadas directamente por interrupciones en el suministro de electricidad. Esto podría conducir a la disminución de los ingresos, una reducción de empleo y un empeoramiento del bienestar general.

Agustín Trabudua decidió volver a su casa, con la sensación de estar en el escenario de una película, pero siendo consciente de que lo que estaba viviendo era real. Sin reservas de agua en los domicilios, sin alimentos no perecederos o fuentes de iluminación alternativas como linternas de emergencia, la situación era volver a épocas pre-tecnológicas. Una época lejana de la que solo tenemos referencia escrita.

Ilustración: PS/Perchance.

ITZALALDIA

Gaizka Azkarate Saez

Udaberriko egun eguzkitsua zen, baina udaberria baino gehiago uda zirudien. Jendeak gozatu egiten zuen parkeetan, baita hondartzan ere, eta ezerk ez zuen iragartzen gero etorriko zenik. Agustin Trabudua, gure protagonista, inspirazio bila zebilen bere eleberri berrirako, sirena urrun batzuek haren arreta erakarri zutenean.

Trabudua bere ordenagailutik Internetera sartzen saiatu zen zer gertatzen zen jakiteko, eta honek sarera konektatuta ez zegoela adierazi zion. Telebista piztu zuen albistegiak ikusteko, eta ezer ez. Mugikorra itzalita edo estaldurarik gabe zegoen, eta pilatutako irratiak bakarrik funtzionatzen zuen. Bere motxila hartu zuen lan egiten zuen egunkarira joateko asmoz, baina aurrean zituen irudiek geldiarazi eta argazki batzuk aterarazi zizkioten. Erredakziora iritsi eta kaosa zen nagusi. Ordenagailu itzaliak, teletipoak ez zebiltzan, erredaktoreak gora eta behera korrika, baina denak galdera berarekin: Zer gertatzen ari zen? Eta tenperatura eta beroa gero eta jasangaitzagoak ziren.

Erredakziotik metro gutxira zegoen leherketa batek Agustinen eta besteen arreta erakarri zuen leihorantz. Borroka-droneek hiriko erdigune neuralgikoak jo zituzten, eta kaosa eta suntsipena eragiten ari ziren. Kanpoaldearekin komunikatzeko modurik gabe eta zer gertatzen ari zen jakiteko aukerarik gabe, Trabuduak kalera itzultzea erabaki zuen, informazioa biltzera. Kaosaren epizentrora iritsitakoan, argi utzi zuen gauza bakarra zen itzalaldi elektriko bat gertatu zela, ziurrenik handia, eta beste leku batzuekin komunikatzeko aukera oro ia ezinezkoa zela. Eta guztiaren erantzulea klima-aldaketa zen; izan ere, aldaketa hori, aspalditik, nabarmentzen ari zen modalitate guztietan, baina herrialde ezberdinetako gobernuek uko egiten zioten horri aurre egiteari.

Agustinek berehala ulertu zuen egoeraren norainokoa. Itzalaldi luze baten lehen biktima hiriko bizitza izango litzateke. Eraikin altuak elikatzen dituzten ur-ponpek funtzionatzeari utziko liokete, eta egoiliarrak edateko urik gabe utziko lituzkete. Berokuntza- eta hozte-sistemak kolapsatu egingo lirateke, eta eragina izango lukete etxeetan eta ospitaleetan. Supermerkatuek elikagaiak kontserbatzeko gaitasuna galduko lukete, eta ordainpeko sistema elektronikoak, berriz, erabilezin geratuko lirateke, oinarrizko produktuen hornikuntzan kaosa sortuz. Elektrizitaterik gabe, ospitaleek amesgaiztoko egoera bati aurre egin beharko liokete: arnasgailu itzaliak, kirurgia ezeztatuak eta oinarrizko higienea arriskuan. Are gehiago, hondakinen maneiuak, hiri askotan presio-

sistema elektrikoen mende dagoena, kolapsatu egingo luke, arrisku sanitario izugarriak eraginez.

Baina ez zen hori arrisku bakarra. Itzalaldi luze batek ondorio negatiboak ekarriko lituzke ekonomian. Elektrizitatea beharrezkoa da era guztietako ekipo industrialen eta makinen funtzionamendurako. Besteak beste, ordenagailuak, telefono mugikorrak, telebistak, berokuntza-sistemak eta askoz gehiago. Industria batzuek elektrizitate-horniduraren etenduren eragin zuzena jasango lukete. Horrek diru-sarrerak gutxitzea, enplegua murriztea eta ongizate orokorra okertzea ekar lezake. Agustin Trabuduak etxera itzultzea erabaki zuen, pelikula bateko eszenatokian zegoelako sentsazioarekin, baina jabetzen zen bizitzen ari zena benetakoa zela. Etxebizitzetako ur-erreserbarik gabe, elikagai ez galkorrik gabe edo argiztapen-iturri alternatiborik gabe, hala nola larrialdiko linternak, egoera garai aurre-teknologikoetara itzultzea zen. Garai urruna da, eta idatzizko erreferentzia baino ez dugu.

Gaizka Azkaratek eginiko itzulpena.
Ilustrazioa: PS/Perchance.

INIMIGO

Carlos Enrique Saldívar

Os três soldados corriam a duras penas pela planície. Dois homens e uma mulher. Estavam feridos. A tempestade começara. A chuva era intensa; o frio, cortante; os relâmpagos, ensurdecedores.

Encontraram refúgio numa caverna.

Assim que entraram, abraçaram-se uns aos outros para se aquecerem, depois retiraram ampolas de pequenas maletas, injetaram-nas em si mesmos, cauterizaram os ferimentos, o analgésico os deixou sonolentos e adormeceram.

Um dos homens acordou após doze horas, olhou para seu controlador espaço-temporal e contemplou o exterior da caverna. A tempestade continuava. Não poderiam sair até que ela terminasse. Com sorte, diminuiria em um ou dois dias, então retomariam a sua rota, recuperados, e encontrariam seu pelotão em poucas horas.

O segundo homem abriu os olhos e dirigiu-se ao camarada, chegando à conclusão de que o restante da sua equipe poderia ter caído nas mãos do inimigo. “Malditos bastardos”, murmurou um deles. De repente, observaram que a sua companheira dormia placidamente, com o uniforme a realçar harmoniosamente as suas formas.

Ambos os homens perceberam que se tinham apaixonado pela cadete.

O caos atmosférico durou uma semana. A garota levou mais tempo para se recuperar, pois havia ferido o abdômen e ambas as pernas. Os homens cuidaram dela com carinho, e ela permitiu que ambos a amassem, mas a nenhum deles retribuiu fisicamente aquele amor. Ela implorou que não brigassem por ela.

Quando a tempestade cessou, saíram todos da caverna. Caminharam por muitas horas; os mantimentos estavam quase esgotados, embora tivessem munição suficiente para se defenderem, se fosse necessário.

Ao chegarem a uma vasta praia, um dos homens percebeu algo estranho: não se lembrava quem era o inimigo. Seria amnésia? Algum mecanismo cerebral de evasão? Ele contou o incidente aos outros, mas eles também não se lembravam.

Nenhum dos homens percebeu que estavam entrando na água, que avançavam vorazmente, que o líquido lhes cobria o peito.

Eles entenderam tudo quando ouviram a risada da garota.

Ela havia sido ferida por ambos, precisara de três segundos para dominar as suas mentes, sete dias para se recuperar e meio dia para levá-los ao seu fim pelas mãos das outras mutantes que viviam no mar. Inimigos que outrora eram chamados de “mulheres”.

Tradução de Paulo Soriano. Ilustração: PS/Perchance.

ENEMIGO

Carlos Enrique Saldívar

Los tres soldados corrían a duras penas por la llanura. Dos hombres y una mujer. Estaban heridos. La tormenta había comenzado. La lluvia era intensa; la gelidez, atenazadora; los relámpagos, ensordecedores.

Encontraron refugio en una cueva.

Una vez que ingresaron, se abrazaron entre ellos para darse calor, después sacaron ampollas de unas pequeñas maletas, se inyectaron, cauterizaron sus heridas, el analgésico les provocó sueño y se quedaron dormidos.

Uno de los varones despertó luego de doce horas, miró su controlador de tiempo y espacio, observó afuera de la caverna. La tempestad continuaba. No podrían salir hasta que terminara. Con suerte amainaría en uno o dos días, luego retomarían su ruta, recuperados, y encontrarían en pocas horas a su pelotón.

El segundo hombre abrió los ojos y se dirigió a su camarada, llegaron a la conclusión de que el resto de su equipo podía haber caído ante el enemigo. «Malditos infelices», musitó uno. De pronto observaron a su compañera, quien dormía con placidez, el uniforme militar ceñía sus formas con armonía.

Ambos hombres descubrieron que se habían enamorado de la cadete.

El caos atmosférico duró una semana. A la chica le había llevado más tiempo recuperarse, tenía heridos el abdomen y ambas piernas. Los varones la llenaron de cuidados y ella aceptó que ambos la amaran, pero no le correspondía físicamente a ninguno. Les rogó que no se pelearan por ella.

Cuando cesó la tempestad, salieron todos de la cueva. Caminaron durante muchas horas, sus víveres casi se habían agotado, aunque tenían muchas municiones para defenderse, por si acaso.

Al llegar a una vasta playa, uno de los hombres se dio cuenta de algo extraño: no recordaba quién era el enemigo, ¿amnesia?, ¿algún mecanismo cerebral de evasión? Se lo dijo a los otros, ellos tampoco se acordaban.

Ninguno de los dos varones percibió que estaban entrando en el agua, que avanzaban con voracidad, que el líquido cubría sus pechos.

Lo comprendieron todo cuando oyeron las risas de la muchacha.

Ella había sido herida por ambos, había necesitado tres segundos para dominar sus mentes, siete días para recuperarse, medio día para conducirlos a su fin en manos de las otras mutantes que vivían en el mar. Enemigos que alguna vez fueron llamados «mujeres».

Ilustración: PS/Perchance.

SONATA PARA UM MUNDO NOVO

Daniel Frini

A nave desintegrou-se ao cruzar um campo de asteroides enquanto viajava a 33% da velocidade da luz. Anteriormente, quando a IA teve certeza de que a desintegração seria inevitável, ordenou aos instrumentos que ativassem as cápsulas de segurança. Algumas se atomizaram, como a nave. Outras se puseram em direção ao planeta.

Elas cruzaram o limite de Kármán a uma velocidade muito superior à de segurança e não conseguiram suportar o atrito e o calor resultante. Estilhaçaram-se na atmosfera, reduzindo-se a milhões de pedaços. A maioria não atingiu a superfície. Todas as cápsulas, exceto uma.

No entanto, seu pouso foi violento e descontrolado. O reator quebrou e, em milissegundos, um pulso em forma de radiação ionizante e de nêutrons matou os que a ocupavam. Todos, salvo ele.

Os gases neurais tiraram-no do sono da animação suspensa. O caos, ruído dos alarmes — intermináveis —, a fumaça e o cheiro penetrante e ácido o aturdiram. Levou vários minutos para se recompor e entender o que havia acontecido. O gosto metálico em sua boca lhe dizia que o reator se tinha rompido. Uma olhada ao redor mostrou-lhe que todos estavam mortos e que nem sequer haviam saído de seus nichos. Uma rápida varredura nos *scanners* mostrou que ninguém — e nada — de seu mundo estava vivo dentro de uma esfera de quatro anos-luz de raio, centrada em sua posição. Em outras palavras, a nave havia morrido. E ele estava sozinho.

Aquele situação ficou clara para ele, e essa compreensão o atingiu, deixando-o sem fôlego. Os anos de preparação, sua coragem e seu sangue-frio o impediram de gritar. Gemeu. Um nó inconcebível o impedia de engolir. Tentou chorar, mas as lágrimas negaram-se a cair: ele era o último habitante de seu mundo.

Não haviam conseguido.

Todos previram a aproximação do apocalipse; os sinais eram claros há muito tempo; as mudanças não poderiam pressagiar nada diferente. Mas, por alguma razão inexplicável, aqueles em posição de encontrar e implementar uma solução não só foram incapazes de fazer algo para impedir o desastre, enquanto era possível, como sequer o tentaram. Pior ainda, negaram o problema. Assim se passaram anos, décadas e séculos.

Muito tempo depois, quando tudo estava perdido, alguns governantes se aventuraram a dar explicações que, na verdade, não convenceram ninguém, e, claro, nada ofereceram que sugerisse o mínimo resquício de solução. Restava apenas salvar as sobras. E a memória. Mas nem mesmo nisto foram capazes de chegar a um acordo e os últimos e inestimáveis momentos da civilização foram perdidos.

Ao menos eles — os do seu grupo — tentaram.

A ideia nada tinha de original. Construir dez naves, nas quais carregariam tudo o que pudessem salvar de seu mundo. Dez arcas. Dez *backups.*

Mas o que salvar? Isso implicaria uma série interminável de seleções aleatórias, sem planejamento

ou projeto; com apenas uma ideia vaga, um propósito indefinido, mais focado na ânsia de vergar a morte do que em um propósito concreto. Para eles, estava claro que não havia tempo para mais nada. O que deixar? O que levar? O que condenar, não à morte, mas ao esquecimento?

Tanta riqueza, vida, espécies, história, memórias. Tanta cultura. Um milhão de anos de cultura.

Além disto, para onde ir? Decidiram que cada uma das dez naves viajaria para um planeta distante dentre os milhões que haviam encontrado a orbitar estrelas distantes ao longo de milhares de anos — aqueles mais próximos do Planeta Mãe já haviam sido visitado e comprovaram-se inabitáveis. Disto emergiu outra das muitas outras tão importantes questões impossíveis de serem respondidas agora: por que alguns desses mundos não foram preparados para uma eventualidade ainda muito menor do que a extinção da vida no Planeta Mãe? Teriam eles tecnologia para tornar habitável outro mundo? E então?

Não havia outra opção senão procurar nas estrelas distantes; e arriscar, porque não havia meios de saber se o que havia acontecido antes — a impossibilidade de encontrar um planeta habitável — poderia, com apenas o vislumbre de observatórios em órbita, ser revertido. Era uma aposta de morte.

Começaram por selecionar os mundos entre os mais estudados no passado e descartar os que apresentavam alguma dúvida. Estudaram-se outros, em substituição aos rejeitados, em um processo recorrente que, finalmente, resultou em dez possíveis alvos, o mais próximo a cerca de 1.200 anos-luz de distância, e eles os fracionaram. Sua nave foi designada a um pequeno mundo azul, a meio caminho entre o centro e a borda da galáxia, gravitacionalmente preso a uma pequena estrela — uma anã branca do tipo G — a cerca de 2.500 anos-luz de distância. Quando chegassem, se chegassem, seu mundo já teria se tornado inabitável há muito tempo e, provavelmente, já teria desaparecido.

Perguntarem-se se conseguiriam alcançá-lo não foi em vão. Não sabiam se poderiam ir muito além do Planeta Mãe. A única forma de transportar tamanha carga era em naves com motores de radioisótopos de pósitrons, mas de um tamanho cinco vezes maior que as maiores já construídas. Dessa forma, seria possível viajar a não mais que 40% da velocidade da luz. Tal era o máximo a que poderiam aspirar. As naves teriam que ser fabricadas no espaço, fora do sistema, e carregadas em um grande número de viagens realizadas por naves convencionais com propulsão de motores helicoidais.

Assim foi feito.

Quando as dez naves estavam carregadas e prontas, a tripulação entrou em animação suspensa e a IA assumiu a ignição.

Ele foi designado para retardar o seu sono e supervisionar o início da viagem. Malgrado não pudesse ver as outras naves, detectou nos sensores, com horror, a inusual carga de antimatéria que somente poderia significar a destruição de, ao menos, seis das outras naves. Também pôde ver, nas telas, como as três restantes giraram descontroladamente e se puseram a cair em direção ao centro do sistema, seguindo o rumo à estrela. Sua nave, a única sobrevivente, iniciou sua jornada ao planeta designado, distante no espaço e no tempo.

Não havia mais nada a fazer. E lá se foram eles.

Ele era engenheiro e doutor em física nuclear, com experiência em nível III na operação de reatores de classe W — um dos únicos três técnicos capacitados em seu mundo — e era um especialista em armas de hidrogênio. Além disto, ele — assim como toda a tripulação — havia sido geneticamente modificado para resistir a 6500 rad de radiação ionizante. Ele sobreviveria à exposição aos prótons e

partículas alfa de alta energia do espaço durante a mui longa viagem e à qualquer acidente. E isto aconteceu.

"Revisão!". Uma voz proveniente de alguma parte de seu cérebro o devolveu à realidade. A sua temperança e maturidade mental permitiram-lhe superar o medo. Reagiu conforme exigia o seu treinamento. Automaticamente, verificou a sua condição e se tinha ou não ferimentos. Estava em condições física aceitáveis. Verificou o seu equipamento, o seu exoesqueleto e as suas armas. Estava tudo bem. Verificou a sua comunicação com a cápsula de segurança. Tudo bem. Acionou os comandos de sobrevivência. Estavam funcionando. Pelo menos, as baterias não haviam perdido a carga. Estado do reator? Vazamentos de radioisótopos. Ele resistiria.

Onde estava? Digitou os comandos no computador. A tela acendeu. Era o planeta certo. E a estrela? Há pouco se ocultara no horizonte. Estava na face escura. Tocou, na tela, o botão virtual "Verificação e exploração". Era um mundo habitado. E com certo grau de civilização Tipo "0", mas a cem ou duzentos anos de alcançar o Tipo 1. Fez uma careta de desgosto que, logo em seguida, se transformou em um rasgo de esperança. Talvez os nativos pudessem ajudá-lo.

Inundou-o um otimismo impensável segundo antes. Se conseguisse comunicar-se com eles, poderia contar-lhes sobre seu mundo.

Nada havia de orgânico a salvar, exceto o seu próprio corpo. Todavia, embora isso fosse melhor do que nada, ele era apenas uma minúscula amostra da diversidade que um dia conhecera. Mas os discos rígidos na cápsula continham uma cópia de segurança de todas as informações da nave; basicamente, um diário de bordo com todo o conhecimento de sua civilização. E, talvez, o grau de desenvolvimento de engenharia genética dos nativos pudesse reproduzir o genoma de pelo menos uma parte das espécies em seu mundo; e, claro, armazenar e conhecer toda a sua cultura.

Agora, era a sua esperança que o dominava Seu idioma não se perderia. Os idiomas de seu mundo não se perderiam. A música, a arte, a literatura, a geografia, as paisagens — os belos e amados ocasos do seu sol —, as selvas, os desertos, o gelo, a neve, o mar, as areias das praias, as cidades, a tecnologia, as plantas, os animais. A história, a sua história, a história da sua civilização; as excelentes conquistas das culturas antigas, os poemas gravados em tábuas de argila e as imensas bibliotecas de pergaminhos. E, claro, as guerras, as mortes, as pragas, a destruição, a superexploração, os assassinatos e genocídios, a escravidão, a maldade. E o crepúsculo — estúpido, idiota e alienado — do seu mundo.

— Eles poderiam usar nossa experiência e evitar o que nos destruiu — a si mesmo surpreendeu, falando em voz alta, entusiasmado. — Não somente serei capaz de preservar a memória da minha civilização. O que eu lhes tenho a oferecer pode-lhes salvar o próprio mundo!

Ele sabia, é evidente, que os nativos distorceriam as informações; usariam-nas com parcialidade e esconderiam materiais sensíveis uns dos outros. Conheceriam as suas armas e seu incrível poder. Ficariam surpresos com a possibilidade de dominar o espaço-tempo, de viajar para estrelas vizinhas, de curar todas as doenças e disputariam aquele conhecimento; mas ele estaria ali para preveni-los e evitar essas desagradáveis situações.

Convenceu-se, finalmente, do que era evidente. Os nativos reconstituiriam o mundo perdido, sua cultura e sua gente. Mas, muito mais importante do que isso, ele iria salvá-los da própria aniquilação.

Seria possível comunicar-se com eles, os nativos?

Na tela, pressionou o botão virtual que dizia "Informação, Comunicação e Linguagem". O computador indicou que estava a escanear sinais. A barra de *status* rolava com uma lentidão exasperante. Então, ele leu na tela: *"Informações insuficientes para determinar o número de espécies existentes. Estimativa: 9x10^{6} espécies distintas."* Arregalou, surpreso, os olhos. *"Uma espécie dominante identificada. Quantidade estimada de indivíduos desta espécie no planeta:7x10^{9}. Proximidade de indivíduos desta espécie: quatro indivíduos a dois mil metros. Características dos indivíduos: detectam radiação eletromagnética com os olhos, de 380 a 750 nanômetros, muito reduzida na face escura do planeta; detectam ondas de pressão, com os ouvidos, de 20 hertz a 20 kilohertz; detectam substâncias químicas com a língua e o nariz; detectam temperatura e pressão através da sua cobertura externa. Não detectam campos magnéticos. Não detectam radioatividade. Identificação de conceitos matemáticos: sistemas predominantes, base dez, base dois e base sessenta; conhecimento de zero e infinito, conhecimento de números primos, conhecimento de números irracionais e imaginários; conhecimento dos números* e, *pi e phi. Identificação de conceitos físicos: conhecimento da constante de Planck; conhecimento da constante gravitacional; conhecimento da permissividade elétrica no vácuo; conhecimento da permeabilidade magnética no vácuo. Identificação de conceitos químicos: conhecimento da camada de valência. Identificação de conceitos de linguagem em indivíduos: repetição de sons identificada; rácio de entropia calculada. Nível de possibilidade de comunicação: bom. Informações de codificação/decodificação baixadas para dispositivo móvel. Informações topográficas baixadas para dispositivo móvel. Informações sobre o ambiente baixadas para dispositivo móvel."*

— Tenho tanto a lhes ensinar — disse a si mesmo. Localizou a moradia dos nativos. Nenhum problema detectou ao longo do caminho. Novamente, verificou seu equipamento. Partiu. A maior das marchas. A que daria sentido à sua epopeia. A que salvaria a memória do seu mundo. A que salvaria este novo mundo de si mesmo.

Percorreu e atravessou, primeiro, malgrado não soubesse, o caminho que vai de Valdizán ao Castelo cristão, a antiga ferrovia e a Rua das Adegas. Viu a moradia e surpreendeu-se com o seu tamanho. Os nativos deviam ser enormes. Consultou seu dispositivo móvel. Apertou "Fisionomia" na tela. Lá estava a informação. Sim. Havia dois que eram cerca de cinquenta e cinco vezes o seu tamanho. Os outros dois eram cerca de trinta e sete vezes maiores.

A adrenalina o inundava. Aquele era o momento. Entrou na casa.

A mulher se levantou para levar os pratos à pia da cozinha. O jantar fora bom. O marido estava satisfeito e piscou para ela. As crianças adoraram o frango assado.

Ela deu dois passos e olhou para o chão.

— Puta merda! — disse ela e deu uma pisadela, que ressoou pela sala de jantar.

— O que foi que aconteceu? — perguntou o marido.

Ela respondeu:

— Nada, querido. Uma barata.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustração: PS/Copilot.

SONATA PARA UN MUNDO NUEVO

Daniel Frini

La nave se deshizo al cruzar un campo de asteroides mientras viajaba a un treinta y tres por ciento de la velocidad de la luz. Antes, cuando la AI tuvo la certeza de que la desintegración era inevitable, ordenó a los automatismos que activaran las cápsulas de seguridad. Algunas se atomizaron, como la nave. Otras, pusieron dirección al planeta.

Cruzaron el límite de Kármán a una velocidad muy superior a la de seguridad, y no resistieron la fricción ni el calor consecuente. Se desguazaron en la atmósfera, en millones de pedazos, La mayoría de ellos no llegó a la superficie. Todas las cápsulas, menos una.

Sin embargo, su aterrizaje fue violento e incontrolado. El reactor se partió y, en milisegundos, un pulso en forma de radiaciones ionizantes y neutrónicas mató a quienes la ocupaban. A todos, menos a él.

Los gases neuronales lo sacaron del sueño de la animación suspendida. El caos, el ruido de las alarmas —infinitas—, el humo y el olor penetrante y ácido lo aturdieron. Necesitó varios minutos para sobreponerse y entender qué había pasado. El gusto metálico en su boca le indicó la rotura del reactor. Una mirada a su alrededor, le mostró que todos estaban muertos, y que ni siquiera habían dejado sus nichos. Una lectura rápida de los escáneres le mostró que no había nadie —ni nada— de su mundo, con vida, en una esfera de cuatro años luz de radio, centrada en su posición. Es decir, la nave había muerto. Y estaba solo.

Su situación le resultó clara, y esa comprensión lo golpeó, dejándolo sin aire. Los años de preparación, su entereza y su sangre fría le impidieron gritar. Gimió. Un nudo inconcebible le impedía tragar. Intentó llorar, pero las lágrimas se negaron: era el último habitante de su mundo.

No lo habían logrado.

Todos vieron aproximarse el apocalipsis, las señales fueron claras durante mucho tiempo, los cambios no podían presagiar nada distinto. Pero, por alguna razón inexplicable, quienes estaban en posición de encontrar e implementar una solución, no solo fueron incapaces de hacer algo por detener la debacle, mientras esto fue posible: tampoco lo intentaron. Peor aún, negaron el problema. Así pasaron años, décadas, siglos.

Mucho tiempo después, cuando todo estaba perdido, algunos gobernantes aventuraron explicaciones que, en realidad, no convencieron a nadie y, por supuesto, no aportaron nada que mostrase un mínimo resquicio para avistar un remedio. No quedaba otra cosa que salvar las sobras. Y la memoria. Pero tampoco aquí fueron capaces de consensuar una solución, y se perdieron los últimos e invaluables momentos de la civilización.

Al menos, ellos, su grupo, lo intentaron.

La idea no era, para nada, original. Construir diez naves a las que subirían todo lo que pudieran salvar de su mundo. Diez arcas. Diez backups.

Pero, ¿qué salvar? Esto implicó un cúmulo interminable de selecciones al azar, sin planificación ni proyecto; apenas con una vaga idea, un propósito indefinido, más centrado en las ganas de ganarle a la muerte que a un propósito concreto. Para ellos estaba claro que ya no había tiempo para otra cosa. ¿Qué dejar? ¿Qué llevar? ¿Qué condenar, no a la muerte, sino al olvido?

Tanta riqueza, vida, especies, historia, recuerdos. Tanta cultura. Un millón de años de cultura.

Además, ¿adónde ir? Decidieron que cada una de las diez naves viajaría a un planeta distante de los millones que, en miles de años, habían encontrado girando alrededor de estrellas lejanas —aquellos más cercanos al Planeta Madre ya habían sido visitados y resultaron ser inhabitables. Allí aparecía otra de las tantas y tan importantes cuestiones imposibles de contestar ahora: ¿por qué no se había preparado alguno de estos mundos para una eventualidad aún mucho menor que la de la extinción de la vida en el Planeta Madre? Tenían tecnología para hacer habitable otro mundo. ¿Entonces?—.

No había otra opción más que buscar en las estrellas alejadas; y apostar, porque no había forma de saber si lo que había ocurrido antes —la imposibilidad de encontrar un planeta capaz de ser habitado—, podía, con solo mirar desde los observatorios en órbita, revertirse. Era una apuesta de muerte.

Se comenzó por seleccionar mundos de entre los más estudiados en el pasado, y se descartaron aquellos que presentaron alguna duda. Se estudió otros que reemplazaran a los rechazados, en un proceso recurrente que arrojó, al fin, diez posibles objetivos; el más cercano, a unos mil doscientos años luz, y se los repartieron. A su nave se le asignó un pequeño mundo azul, a mitad de camino entre el centro y el borde de la galaxia, sujeto gravitacionalmente a una estrella pequeña —una enana blanca de tipo G—, a unos dos mil quinientos años luz de distancia. Para cuando llegasen, si llegaban, haría muchísimo tiempo que su mundo se habría transformado en inhabitable y, probablemente, habría desaparecido.

Preguntarse si podrían llegar no era vano. No sabían tan solo si podían alejarse del Planeta Madre. La única manera de llevar tamaña carga, era en naves con motores de radiosótopos de positrones, pero de un tamaño tal que resultaban cinco veces más grandes que las más grandes jamás construidas. De esta manera, sería posible viajar a no más de un cuarenta por ciento de la velocidad de la luz. Eso era lo máximo a lo que aspirar. Era necesario fabricarlas en el espacio, fuera del sistema, y cargarlas en un gran número de viajes, con naves convencionales de motores helicoidales.

Así se hizo.

Cuando las diez naves estuvieron cargadas y dispuestas, los tripulantes entraron en animación suspendida y la IA se hizo cargo de la ignición.

Él fue el designado para demorar su sueño y supervisar el comienzo del viaje. Aunque no podía ver las otras naves, sí detectó en los sensores, con horror, la inusual carga de antimateria que no podía significar más que la destrucción de, al menos, seis de las otras naves. También pudo ver, en las pantallas, cómo las tres restantes, giraron alocadas y comenzaron a caer hacia el centro del sistema, hacia la estrella. Su nave fue la única en sobrevivir y comenzó su viaje hacia el planeta asignado, lejano en espacio y en tiempo.

No quedaba otra cosa por hacer. Allá fueron.

Él era ingeniero y doctor en física nuclear, contaba con Grado III en experiencia de manejo de reactores de la clase W —uno de los únicos tres técnicos capaces de esto en su mundo— y era experto

en armas de hidrógeno. Es más: él, como toda la tripulación, había sido mutado genéticamente para resistir 6500 rads de radiación ionizante. Sobreviviría a la exposición a los protones y partículas alfa de alta energía del espacio durante el larguísimo viaje; y a cualquier accidente. Y eso había ocurrido.

«¡Revisión!». Una voz proveniente de alguna parte de su cerebro lo devolvió a la realidad. Su templanza y su madurez mental lograron que se sobrepusiese al miedo. Reaccionó como su entrenamiento dictaba. De manera automática, verificó su estado y la existencia o no de heridas. Estaba en condiciones físicas aceptables. Controló su equipo, su exoesqueleto y sus armas. Todo bien. Verificó su comunicación con la cápsula de seguridad. Bien. Encendió los comandos de supervivencia. Funcionaban. Al menos, las baterías no habían perdido la carga. ¿Estado del reactor? Fugas de radioisótopos. Él resistiría.

¿Dónde estaba? Tecleó los comandos en la computadora. La pantalla se ilumino. Era el planeta correcto. ¿Y la estrella? No hacía mucho se había ocultado tras el horizonte. Estaba en el lado oscuro. Tocó, en la pantalla, el botón virtual «Comprobación y exploración». Era un mundo habitado. Y con un grado de civilización Tipo 0, pero a cien o doscientos años de alcanzar el Tipo 1. Hizo una mueca de disgusto; que, muy pronto, cambió por un gesto de esperanza. Quizá los nativos pudiesen ayudarlo.

Lo inundó un optimismo que era impensado hacía, apenas, segundos. Si lograba comunicarse con ellos, podría hablarles de su mundo.

No había nada orgánico para salvar, salvo su propio cuerpo. Pero, aún cuando esto era mejor que nada, él era sólo una minúscula muestra de la diversidad que alguna vez había conocido. Pero los discos rígidos que estaban en la cápsula contenían un back up de toda la información de la nave; de manera básica, una bitácora con todo el conocimiento de su civilización. Y, quizá, el grado de desarrollo de la ingeniería genética de los nativos podría reproducir el genoma de, aunque sea, una parte de las especies de su mundo; y, por supuesto, guardar y conocer toda su cultura.

Ahora, fue su esperanza la que lo golpeó. Su idioma no se perdería. Los idiomas de su mundo no se perderían. La música, el arte, la literatura, la geografía, los paisajes —los hermosos y queridos atardeceres de su sol—, las selvas, los desiertos, los hielos, la nieve, el mar, las arenas de las playas, las ciudades, la tecnología, las plantas, los animales. La historia, su historia, la historia de su civilización; los excelentes logros de culturas antiguas, los poemas grabados en tablillas de barro y las inmensas bibliotecas de pergaminos. Y, por supuesto, las guerras, las muertes, las plagas, la destrucción, la sobreexplotación, los asesinatos y genocidios, la esclavitud y la maldad. Y el ocaso —estúpido, idiota, y enajenado— de su mundo.

—Ellos podrían usar nuestra experiencia y evitar lo que nos destruyó a nosotros —se sorprendió hablando en voz alta, entusiasmado—. No solo podré conservar la memoria de mi civilización. ¡Lo que tengo para ofrecerles puede salvar su propio mundo!

Por supuesto —lo sabía—, los nativos tergiversarían la información, la utilizarían con parcialidad, se ocultarían material sensible unos a otros. Conocerían sus armas y su increíble poder. Se sorprenderían con la posibilidad de dominar el espaciotiempo, de viajar a las estrellas vecinas; de curar todas las enfermedades, y se disputarían el conocimiento; pero allí estaría él para prevenirlos y evitar estas desagradables situaciones.

Se convenció, por fin, de lo que era evidente. Los nativos iban a reconstruir el mundo perdido, su

cultura y su gente. Pero, mucho más importante que eso, él iba a salvarlos de su propia aniquilación,

¿Era posible comunicarse con ellos, con los nativos?

En la pantalla, pulsó el botón virtual que indicaba «Información. Comunicación y lenguaje». La computadora indicó que escaneaba señales. La barra de estado avanzaba con lentitud exasperante. Luego, leyó en la pantalla: *Información insuficiente para determinar el número de especies existentes. Estimación: $9x10^6$ especies distintas* —arqueó sus ojos en un gesto de sorpresa—. *Una especie dominante identificada. Cantidad estimada de individuos de esta especie en el planeta: $7x10^9$. Proximidad de individuos de esta especie: Cuatro individuos, a dos mil metros. Características de los individuos: detectan radiación electromagnética por ojos, 380 a 750 nanómetros, muy reducida en el lado oscuro del planeta; detectan ondas de presión por oídos, 20 hertz a 20 kilohertz; detectan productos químicos por lengua y nariz; detectan temperatura y presión a través de cubierta externa. No detectan campos magnéticos. No detectan radioactividad. Identificación de conceptos matemáticos: sistemas predominantes, base diez, base dos y base sesenta; conocimiento de cero e infinito, conocimiento de números primos, conocimiento de números irracionales e imaginarios; conocimiento de números e, pi y phi. Identificación de conceptos físicos: conocimiento de la constante de Planck; conocimiento de la constante de gravitación; Conocimiento de la permitividad eléctrica en el vacío; conocimiento de la permeabilidad magnética en el vacío. Identificación de conceptos químicos: conocimiento de capa de valencia. Identificación de concepto de lenguaje en individuos: repetición de sonidos, identificada; ratio de entropía, calculado. Nivel de posibilidad de comunicación: bueno. Información de cod/decod descargada a dispositivo móvil. Información topográfica descargada a dispositivo móvil. Información de entorno descargada a dispositivo móvil.*

«Cuánto por enseñarles», se dijo. Ubicó la vivienda de los nativos. No se detectaban problemas en el camino. Revisó, otra vez, su equipo. Emprendió la marcha. La más grande marcha. La que le daría sentido a su epopeya. La que salvaría la memoria de su mundo. La que salvaría a este nuevo mundo de sí mismo.

Caminó y cruzo, primero y aunque él no lo sabía, el sendero que sube al Castillo cristiano desde Valdizán, el viejo ferrocarril y la Calle de las Bodegas. Vio la vivienda y se sorprendió con su tamaño. Los nativos debían ser enormes. Consultó con su dispositivo móvil. Presionó «Fisonomía» en la pantalla. Allí estaba la información. Si. Había dos que tenían unas cincuenta y cinco veces su tamaño. Los otros dos, eran unas treinta y siete veces más grandes.

La adrenalina lo inundaba. Ese era el momento. Entró a la vivienda.

La mujer se levantó para llevar los platos a la pileta de la cocina. La cena había estado bien. Su marido estaba satisfecho y le guiñó un ojo. A los niños les encantaba el pollo al horno.

Dio dos pasos y miró al piso.

—¡Coño! —dijo, y dio un fuerte pisotón que resonó en el comedor.

—¿Qué pasó? —la interrogó su esposo.

Ella contestó:

—Nada, hombre. Una cucaracha.

Traducción de Paulo Soriano.
Ilustración: PS/Copilot.

SOBRE RODAS

Alexandre Brea

Isto aconteceu quando eu percorria os Estados Unidos com Álvaro e Carlos, em busca de Deus.

O sol estava ainda alto no céu quando chegamos ao Parque Estadual de Bienville, no Mississippi. Não havia ninguém na entrada, marcada com uma placa de madeira com letras amarelas, então descemos do carro e lemos com atenção os avisos do posto de informações.

"Proibido disparar": isso era bom.

"Nadar no lago é por sua própria conta e risco": OK.

Ao lado, uma caixa para depositar os 20 dólares exigidos por noite para acampar. Precisávamos escolher um espaço, preencher uma ficha de registo e voltar ali para pagar. Tudo claro.

Voltamos ao carro — nosso refúgio contra os 92 graus Fahrenheit daquele dia escaldante do Sul — e entramos floresta adentro. Álvaro dirigia. Do caminho principal brotavam outros menores, como galhos de uma árvore escura, mas todos com placas de acesso proibido. Seguimos adiante, devagar, até chegar ao Acampamento B.

Um lago calmo, cercado de ervas altas, nos esperava. Só havia uma barraca por lá — a de um jovem negro que viajava numa moto pintada com padrão militar de camuflagem. Ele nos observava com atenção, com uma faixa ocre amarrada à testa.

Paramos no ponto seguinte e montamos nossa barraca. O rapaz deitou-se sobre a mesa de madeira que, junto com uma torneira e um cilindro de metal para fazer fogo, incluía cada espaço. Parecia ouvir música.

Álvaro e Carlos montavam as hastes da barraca enquanto eu inflava o colchão e preparava cobertores e almofadas.

— Que lugar mais bonito! — disse Álvaro, com ênfase nas últimas palavras, olhando para o lago.

Era verdade. As árvores da margem oposta se refletiam naquele espelho imóvel, que nos chamava com promessas de frescor. Uma vez instalados, preenchemos o registo com nossa placa, a data de chegada e saída, e o número do nosso ponto: 13.

Quis enviar uma mensagem à minha família, mas estávamos sem sinal havia muitos quilômetros.

Voltamos à entrada. De facto, só estávamos nós e aquele homem em todo o parque. Às vezes é difícil acreditar que lugares tão bonitos sejam tão desconhecidos. Mas estávamos longe da civilização, procurando algo que não se quer revelar à multidão.

Pelos cartazes, o maior perigo era a queda de uma árvore. Recomendava-se levar um machado, caso alguma bloqueasse a estrada. Parecia improvável. Como já havíamos feito tudo que precisávamos, voltamos ao lago dispostos a nadar.

Uma plataforma de madeira avançava uns 10 metros lago adentro. Álvaro e eu sentamos ali. Carlos colocou os pés timidamente na água. A cena me lembrou dois cães se conhecendo pela primeira vez — um parado, e o outro cheirando com cautela.

O sol começava a baixar. O jovem motociclista começou a recolher galhos ao redor da barraca. Pouco depois, elevou-se uma coluna de fumaça e chamas na floresta.

Carlos submergiu-se naquela água espessa. Álvaro e eu, não. Aquela água nos deixava inquietos. Às vezes é assim. No ano anterior, ao visitarmos o Lago Ness, cheguei à conclusão de que o monstro não passava de uma projeção do terror que a própria água escura nos impunha.

Talvez fosse isso também. O lago borbulhava em pontos alternados, e ondas circulares apareciam aqui e ali, como se algum corpo estivesse girando lá embaixo. Fosse o que fosse, era grande.

Foi então que Álvaro viu algo. Levantou-se da plataforma e gritou para Carlos sair da água. Eu o imitei.

— O que você viu? — perguntei.

— Não sei. Mas era grande. Apareceu por uns segundos, uma cabeça preta, e... pluft. Afundou.

Carlos se juntou a nós, enrolado numa toalha, perguntando o que tinha acontecido. Álvaro repetiu e ficamos ali, os três, em silêncio.

Pouco depois, vimos algo. Semelhava um tubo de borracha preta que emergiu uns 10 centímetros acima da superfície. Um segundo depois afundou de novo.

Um arrepio percorreu minha espinha. Até hoje, não sei o que era aquilo. Só sei que, cinco minutos depois, Carlos e eu estávamos nadando. Naqueles anos éramos assim, ainda invencíveis. Suponho que foi naquela noite que tudo começou a se torcer. Mas não quero me adiantar.

Voltamos à barraca. Eu olhava de vez em quando para o nosso vizinho. Decidi escrever um conto sobre ele. Um jovem da cor da noite atravessando o continente numa motocicleta de camuflagem, dormindo numa barraca, sozinho. Isso era o mais importante. Era isso que o diferenciava de mim. Talvez ele encontrasse o que eu procurava.

Decidimos imitá-lo e acender o fogo. O céu estava já escuro. Enquanto eles recolhiam galhos finos, eu entrei na floresta para buscar madeira. Quase não via. Tive medo de pegar, por engano, uma cobra. Mas correu tudo bem e voltei com um bom feixe de ramos e pinhas.

Conversamos por alguns minutos sobre a rota do dia seguinte. Comemos sanduíches e, de sobremesa, *marshmallows* espetados em gravetos. Aos poucos, o silêncio se assentou ao nosso redor.

Nosso vizinho já não estava fora. Presumi que tivesse ido dormir durante minha ausência, mas não perguntei.

Depois de jantar, voltamos à plataforma. Era 12 de agosto — a última noite das Lágrimas de São Lourenço. Aquele era um ótimo lugar para contemplar o céu noturno. Mas havia uma lua cheia tão clara que iluminava o mundo com uma luz pálida, ocultando quase todas as estrelas.

Eu vi a primeira estrela candente. Eles não a viram. Depois de uns dez minutos de espera, fechei os olhos, pensando no quanto eu estava longe de tudo o que conhecia. Tentei afastar da cabeça as bolhas do lago, e aquelas figuras negras que emergiam de vez em quando. Com os olhos fechados, ouvi a Álvaro e a Carlos dizer que acabara de ver um meteoro. Missão cumprida. Aquele não era mais um lugar para contemplar o céu. A escuridão pesava.

Voltamos entre as árvores. Dezenas de criaturas indefinidas nos observavam com as cabeças fora da água e mergulhavam de novo, borbulhando. Mas não as vimos.

No acampamento, a noite era escura. Muito. Eu já me sentia mal desde pouco depois de nadar naquela água.

— Vou à casa de banho— anunciei. — Apaguem o fogo, por favor.

O caminho até o banheiro era longo demais. Comecei a me sentir inquieto. Meus passos ecoavam

no vazio daquela escuridão silenciosa. Comecei a cantar baixinho, sem motivo.

O banheiro era branco. Branco demais para aquele lugar, como recém-pintado. A luz piscava, como uma estrela a cintilar. Reunindo coragem, entrei numa das cabines e me sentei.

Sem sinal no celular, decidi escutar uma música que eu mesmo tinha gravado meses antes para me acalmar:

A gente diz: a vida é uma
e fica tudo por viver…
A gente diz: a vida é uma
e é uma puta merda sem ti.

Ao acabar, saí da cabine. Fiquei paralisado — minha espinha gelou. Uma poça de sangue entrava pelo chão, por baixo da porta exterior.

Quando o ar me faltou, inspirei de novo e voltei à vida. O sangue era fresco, vermelho-ocre, e um cheiro selvagem invadiu meus pulmões. Tentei pensar. Queria chamar Álvaro e Carlos, mas era impossível. Sem sinal. Verifiquei: nada.

Tinha que sair dali. As paredes eram tão brancas que pareciam se fechar. O banheiro estreitava.

Só havia uma saída. Acendi a lanterna do celular e empurrei a porta com a pele em tensão. Senti uma leve resistência. Hesitei. Silêncio total. Continuei. Algo caiu do lado de fora — um peso escorregando. Iluminei. Merda.

Dei um salto e corri, desesperado, de volta à barraca. De volta ao carro.

O que eu vi… era a cabeça decepada do motorista negro. Alguém a tinha deixado ali enquanto eu estava no banheiro.

Temendo o pior, corri o caminho o mais rápido que pude. Vi nosso carro branco no escuro. Gritei os nomes deles até ficar sem ar.

Eles apareceram correndo, assustados.

— O que houve?!

— Ao carro! Rápido!

— Mas a barraca tá montada! Tudo… — protestou Carlos.

— Já! — gritei. Acho que minha cara estava desfigurada.

Eles assumiram seus lugares. Eu entrei de copiloto.

Álvaro ligou o carro e trancou as portas.

— Vai, vai! Vamos!

Ele dirigia rápido entre as árvores e a noite.

— O que aconteceu? — perguntou Carlos.

— Vamos sair daqui primeiro.

— Alex, você precisa dizer o que aconteceu.

A voz de Álvaro era calma. Contagiou-me um pouco.

— Quando saí do banheiro, encontrei a cabeça do cara da barraca ao lado.

— O quê?! — Carlos.

— A cabeça? — Álvaro.

— Cortada. Ainda pingando. Alguém deixou na porta... enquanto eu cagava.

— Tem certeza? — insistiu Carlos. — Não pode ser outra coisa?

Saquei um dos meus sapatos e atirei-lho. Ele pegou pela sola — sujando a mão de sangue e ficou sem palavras.

Recuperei o sapato e me abaixei para calçá-lo de novo. Mas Álvaro, inesperadamente, parou o carro. Levantei a cabeça, olhando para ele. Seu rosto era puro pânico.

A estrada estava bloqueada por troncos de árvores. E lá, em pé, preso por arames, estava o corpo sem cabeça do motorista.

Agora, acreditavam.

Ilustração: PS/Perchance,

SOBRE RUEDAS

Alexandre Brea

Esto ocurrió cuando recorría los Estados Unidos con Álvaro y Carlos, buscando a Dios.

El sol estaba todavía alto en el cielo cuando llegamos al Parque Estatal de Bienville, en Mississippi. No había nadie en la entrada, señalada con una placa de madera con letras amarillas. Después bajamos del coche y leímos con atención los avisos del puesto de información.

"Prohibido disparar": eso estaba bien.

"Nadar en el lago es por su cuenta y riesgo": OK.

Al lado, una caja para depositar los 20 dólares exigidos por noche para acampar. Necesitábamos escoger un lugar, rellenar la ficha de registro y volver a allí para pagar. Todo claro.

Volvimos al coche — nuestro refugio contra los 92 grados Fahrenheit de aquel día tórrido del sur — y nos adentramos en el bosque. Álvaro conducía. Del camino principal brotaban otros menores, como ramas de un árbol oscuro, pero todos con carteles de acceso prohibido. Seguimos adelante, lentamente, hasta llegar al Campamento B.

Un lago en calma, cercado por hierbas altas, nos esperaba. Solo había una tienda allí, la de un joven negro que viajaba en una moto pintada con un patrón militar de camuflaje. Él nos observaba con atención, con un cinta ocre amarrada a la cabeza.

Paramos en el puesto siguiente y montamos nuestra tienda. El chico se echó sobre la mesa de madera que, junto con un grifo y un cilindro de metal para hacer fuego, incluía cada puesto. Parecía estar oyendo música.

Álvaro y Carlos montaron los postes de la tienda, mientras yo inflaba el colchón y preparaba sábanas y almohadas.

— ¡Qué lugar más bonito! — dijo Álvaro, con énfasis en las últimas palabras, mirando para el lago.

Era verdad. Los árboles de la otra orilla se reflejaban en aquel espejo inmóvil, que nos llamaba con promesas de frescor. Una vez instalados, cubrimos el registro con nuestra matrícula, la fecha de llegada y de salida, y el número de nuestro puesto: 13.

Quise enviar un mensaje a mi familia, pero estábamos sin señal hacía ya muchos quilómetros.

Regresamos a la entrada. De hecho, solo estábamos nosotros y aquel hombre en todo el parque. A veces es difícil creer que lugares tan bonitos sean tan desconocidos. Pero estábamos lejos de la civilización, buscando algo que no se quiere revelar a las multitudes.

Según lo que decían los carteles, el mayor peligro era la caída de un árbol. Se recomendaba llevar un machete, en caso de que alguno bloquease la carretera. Parecía improbable. Como ya habíamos hecho todo lo que necesitábamos, regresamos al lago dispuestos a nadar.

Una plataforma de madera se adentraba unos diez metros lago adentro. Álvaro y yo nos sentamos allí. Carlos introdujo los pies tímidamente en el agua. La escena me recordó a dos perros conociéndose por primera vez, uno parado y el otro olfateando con cautela.

El sol comenzaba a declinar. El joven motociclista comenzó a recoger ramitas alrededor de la tienda. Poco después, se elevó una columna de humo y llamas en el bosque.

Carlos se sumergió en aquellas aguas espesas. Pero Àlvaro y yo no lo hicimos. Aquella agua nos causaba inquietud. A veces es así. Un año antes, cuando visitamos el Lago Ness, yo había llegado a la conclusión de que el monstruo no era más que una proyección del terror que las mismas aguas nos imponían.

Quizá fuera eso también. El lago burbujeaba en ciertos puntos, y ondas circulares aparecían aquí y allá, como si algún cuerpo estuviera girando allí abajo. Fuese lo que fuese, era grande.

Fue entonces cuando Álvaro vio algo extraño. Se levantó de la plataforma y gritó para que Carlos saliera del agua. Yo también lo imité.

— ¿Qué has visto? — pregunté.

— No sé. Pero era grande. Apareció unos segundos solamente, una cabeza negra y… pluff. Se sumergió.

Carlos se unió a nosotros, enrollado en una toalla, preguntando qué había ocurrido. Álvaro le repitió todo y nos quedamos los tres allí, en silencio.

Poco después vimos algo. Parecía un tubo de goma negra que emergió unos diez centímetros por encima de la superficie. Un segundo después se sumergió de nuevo.

Un escalofrío recorrió mi espinazo. Hasta el día de hoy, no sé qué era aquello. Solo sé que, cinco minutos después, Carlos y yo estábamos nadando. En aquellos años éramos así, nos sentíamos invencibles. Supongo que fue durante aquella noche que todo empezó a torcerse. Pero no quiero adelantarme.

Regresamos a la tienda de campaña. Yo miraba de vez en cuando para nuestro vecino. Decidí escribir un cuento acerca de él. Un joven del color de la noche, atravesando el continente en una moto de camuflaje, durmiendo en una tienda, solo. Eso era lo más importante. Era eso lo que lo diferenciaba de mí. Quizá él encontrase lo que yo estaba buscando.

Decidimos imitarlo y encender un fuego. El cielo estaba oscuro. Mientras ellos recogían algunas ramitas, yo entré en el bosque para buscar madera. Casi no veía nada. Tuve miedo de coger, por error, una serpiente. Pero todo fue bien y regresé con un buen haz de ramos y piñas.

Conversamos durante unos minutos sobre la ruta que seguiríamos al día siguiente. Comimos unos bocadillos y, de postre, nubes de golosina clavadas en palitos. Al poco tiempo, el silencio se asentó a nuestro alrededor.

Nuestro vecino ya no estaba allí fuera. Supuse que había ido a dormir durante mi ausencia, pero no pregunté.

Después de cenar, regresamos a la plataforma. Era 12 de agosto, la última noche de las Lágrimas de San Lorenzo. Aquel era un lugar excelente para contemplar el cielo nocturno. Pero una inmensa luna llena iluminaba el mundo con una luz pálida, ocultando casi todas las estrellas.

Yo vi la primera estrella fugaz. Ellos no la vieron. Después de unos diez minutos de espera, cerré los ojos, pensando en cuan lejos estaba de todo lo que conocía. Intenté alejar de la cabeza las burbujas del lago y aquellas figuras negras que emergían de vez en cuando. Con los ojos cerrados, oí a Álvaro y a Carlos decir que acababan de ver un meteorito. Misión cumplida. Aquel ya no era un lugar para contemplar el cielo. La oscuridad pesaba.

Volvimos entre los árboles. Decenas de criaturas indefinidas nos observaban con las cabezas fuera del agua y se sumergían de nuevo, burbujeando. Pero no las vimos. En el campamento, la noche era oscura.

Mucho. Yo había comenzado a sentirme mal desde el mismo momento en el que me sumergí en aquellas aguas.

— Voy al baño — anuncié. — Apagad el fuego, por favor.

El camino hasta los baños era bastante largo. Comencé a sentirme inquieto. Mis pasos sonaban como un eco en el vacío de aquella oscuridad silenciosa. Comencé a cantar bajo, sin motivo.

El baño era de color blanco. Demasiado blanco para aquel lugar, como recién pintado. La luz parpadeaba, como una estrella centelleante. Reuniendo coraje, entré en una de las cabinas y me senté.

Sin señal en el teléfono móvil, decidí escuchar la música que yo mismo había grabado hacía meses, para calmarme:

La gente dice: La vida es una
Y queda todo por vivir.
La gente dice: La vida es una
Y es una puta mierda sin ti.

Al acabar, salí de la cabina. Quedé paralizado, sentí que se me helaba el espinazo. Un charco de sangre entraba por el suelo, por debajo de la puerta exterior.

Cuando me quedé sin aire, inspiré de nuevo y volví a la vida. La sangre era fresca, roja-ocre, y un olor salvaje invadió mis pulmones. Intenté pensar. Quería llamar a Álvaro y a Carlos, pero me fue imposible. No había señal. Volví a intentarlo: Nada.

Tenía que salir de allí. Las paredes eran tan blancas que parecían que se iban a cerrar sobre sí mismas. El baño se estrechaba por momentos.

Sólo había una salida. Encendí la linterna del teléfono y empujé la puerta, con los nervios a flor de piel. Sentí una leve resistencia. Dudé. Silencio total. Pero continué. Algo cayó del lado de fuera — era un peso que resbalaba. Lo iluminé. Mierda.

Di un salto y corrí, desesperado, de vuelta a la tienda de campaña. De regreso al coche.

Lo que había visto era la cabeza decapitada del motorista negro. Alguien la había dejado allí mientras yo estaba en el baño.

Temiendo lo peor, corrí de regreso lo más rápido que pude. Vi nuestro coche blanco en medio de la oscuridad. Grité los nombres de ellos hasta quedar sin aliento.

Ellos aparecieron corriendo, asustados.

— ¿Qué ocurre?

— ¡Al coche! ¡Rápido!

— ¡Pero la tienda está montada! Todo… — protestó Carlos.

— Ya — grité. Imagino que mi cara estaba desfigurada.

Ellos ocuparon sus lugares. Yo entré como copiloto.

Álvaro encendió y puso el seguro a las puertas.

— ¡Venga, venga! ¡Vamos!

Él conducía a toda velocidad entre los árboles y la noche.

— ¿Qué ocurre? — preguntó Carlos.

— Vamos a salir primero de aquí.

—Alex, tienes que contarnos lo que ocurre.

La voz de Álvaro era calmada. Me contagié un poco de ella.

— Cuando salí del baño, me encontré la cabeza del tipo de la tienda de al lado.

— ¿Qué? — dijo Carlos.

— ¿La cabeza? — insistió Álvaro.

— Cortada. Aún goteando sangre. Alguien la dejó en la puerta…, mientras estaba cagando.

— ¿Seguro?— insistió Carlos. — ¿No sería otra cosa?

Me saqué uno de los zapatos y se lo pasé. Él lo agarró por la suela, manchándose la mano de sangre. Se quedó sin palabras.

Recuperé el zapato y me incliné para calzarlo de nuevo. Pero Álvaro, inesperadamente, paró el coche en seco. Levanté la cabeza, mirando para él. Su rostro era de puro pánico.

La carretera estaba bloqueada por los troncos de unos árboles. Y allí, de pie, preso por alambre de espino, estaba el cuerpo sin cabeza del motorista.

Solo entonces me creyeron.

Traducción de Ângelo Brea

Ilustración: PS/Perchance,

O ROTEIRO

Campo Ricardo Burgos López

1

A espaçonave pousou em um prado no planeta Mpo e, pouco depois, os seus tripulantes desceram para instalar o acampamento exploratório. No comando da missão estava o veterano comandante Isidoro Zacarías, acompanhado por uma dúzia de outros homens e mulheres que também tinham vasta experiência em voos interplanetários. Mpo era um planeta raro com atmosfera, gravidade e condições climáticas muito semelhantes às da Terra; assim, após algumas horas de aclimatação, toda a tripulação pôde remover seus capacetes e trajes espaciais para respirar e mover-se livremente.

2

Nos primeiros dias, os exploradores coletaram amostras da fauna, flora e outros elementos naturais do planeta, e também realizaram vários experimentos físicos e químicos que haviam planejado. Tudo transcorria na maior normalidade até que uma das astronautas (Soledad Obligado) descobriu que, em algumas cavernas, havia impressionantes portas fechadas, com pelo menos 10 metros de altura, embutidas no limiar do que pareciam ser galerias subterrâneas. Assim que a tripulação foi informada, todos os cosmonautas se reuniram em frente ao pórtico gigante, deveras surpresos com o acontecimento, pois, de acordo com as informações anteriores sobre o planeta Mpo, pensava-se que aquele mundo jamais havia abrigado habitantes capazes de desenvolver cultura e civilização, firmes em que ali existia apenas a natureza e nada mais. Após diversas discussões, determinou-se que a melhor maneira de abrir os portais seria mediante uma explosão controlada. Assim, uma vez posicionado o explosivo necessário, detonou-se o portal, abrindo-se em seu cerne a embocadura por onde penetraram os treze viajantes.

3

A equipe explorou as galerias de Mpo por vários dias e finalmente chegou a uma meseta subterrânea imensa, com vários tipos de construções, mas completamente desabitada. As primeiras estimativas eram a de que aquela cidadela poderia abrigar pelo menos quinhentos indivíduos de tipo humano, e, por isso, os pesquisadores se dividiram em grupos para explorar diferentes partes do ambiente. E foi assim que, num certo momento, Soledad e três outras pessoas que a acompanhavam encontraram uma série de discos que pareciam ser gravações e, quando Soledad inseriu um dos discos em um aparelho semelhante a um televisor, um vozeirão andrógino e estrondoso soou repentinamente de um alto-falante, sem qualquer imagem adicional.

— *Na data espacial 400-563-232, a esta cidade chegará, oriundo do planeta Terra, um grupo de treze cosmonautas, chefiado pelo comandante Isidoro Zacarías; os visistantes pensarão que este mundo se encontra desabitado e terão uma grande surpresa quando descobrirem que estavam enganados e que esta cidadela existe. Será a exobióloga Soledad Obligado quem descobrirá a entrada deste lugar…*

Naquele instante, Soledad, assustada, apertou um botão e interrompeu a gravação. Tanto ela quanto os colegas ficaram estupefatos e acharam difícil acreditar no que acabavam de ouvir: de alguma forma, sem que ninguém suspeitasse, aquela gravação antevia, ponto por ponto, exatamente o que toda a equipe havia vivenciado nos últimos dias! Como seria possível? O que era aquilo? Quem havia gravado tal coisa? Antes de continuarem ouvindo a gravação, toda a tripulação da nave foi convocada, e novamente ouviram até o ponto em que Soledad a havia interrompido. Impressionados novamente com o que escutaram, retomaram a audição até o ponto em que Soledad a cessara.

— *… Será a exobióloga Soledad Obligado quem descobrirá a entrada deste lugar e que, atemorizada pela descoberta, interromperá a gravação e convocará uma reunião com toda a tripulação para continuar a escutá-la…* — aqui houve um silêncio de uns segundos no disco, mas, depois, o vozeirão ressurgiu*: Mortais, a história da Terra, até hoje, segue inteiramente um roteiro que escrevemos, até em seu mínimo detalhe; e, por isto, embora vocês se creiam livres, na realidade têm rigorosamente seguido e seguirão o argumento que lhes temos elaborado até a sua extinção! Se ousarem conhecê-lo e souberem procurar, diremos apenas que é nesta cidadela que encontrarão o roteiro. Boa sorte!*

Isto era tudo. A gravação terminava ali. Novamente em silêncio, os treze humanos olharam-se sem nada entender. Toda a situação era absurda, pois saltava aos olhos que aqulela cidadela existia naquele mundo há centenas ou milhares de anos. Como aquele disco gravado poderia prever, com tanta precisão, o que acontecera nas últimas horas? Além disso, estavam diante da primeira prova cabal, em toda a história da humanidade, de que todo o percurso temporal havia sido previsto e que a espécie humana jamais tivera a liberdade que supunha. Aparentemente, os humanos eram uma espécie de experimento criado por alguma espécie de deuses ou demiurgos. Por milhões de anos, os humanos acreditaram que estavam fazendo sua própria história, quando, na realidade, não passavam de *hamsters* dando voltas em uma rodinha.

4

Mais uma vez, a tripulação reunida aceitou o desafio e decidiu procurar algum tipo de arquivo ou gravação que contivesse o roteiro escrito para a espécie humana pelos construtores da cidadela. Nos três meses seguintes, os treze humanos em Mpo dedicaram-se exclusivamente a este mister, examinando minuciosamente cada centímetro das antigas construções, sem deixar nenhum corredor, sala, teto ou chão sem ser examinado. No entanto, o inexplicável naquilo tudo era que nada encontraram. Depois, escanearam cada centímetro da cidadela abandonada com todos os dispositivos disponíveis, acreditando que aquela gravação poderia estar atrás de uma parede ou sob um piso; todavia, novamente, nada se encontrou.

Exaustos após tantos dias de trabalho, os exploradores finalmente abandonaram o planeta rumo à Terra, com o firme propósito de levar outros cientistas e pesquisadores a Mpo para continuarem a busca com novas ideias e recursos. Certa noite, enquanto os cosmonautas retornavam para casa, Soledad Obligado pôs-se a revisar todos os registros que haviam coletado na cidadela; eram, literalmente,

milhões deles, e se supunha que todos já tivessem sido vistos, ouvidos e catalogados. Ao olhar para a caixa 578V, a etiqueta indicava que havia 564 discos catalogados e, por algum motivo, a mulher começou a contá-los novamente. Então, mais uma vez, ocorreu o inesperado: ao contá-los novamente, viu que havia 565 discos, e não 564. O último disco estava sem etiqueta; então Soledad o inseriu em um aparelho de áudio e, de repente, a astronauta ouviu novamente a voz estrondosa e andrógina que ouvira pela primeira vez meses antes, e que tanto a havia atemorizado:

— *Após três meses de busca pelo roteiro por nós escrito para a história da humanidade — afirmava a voz com segurança —, os treze integrantes da tripulação deixarão o MPO com a intenção de a ele levar mais cientistas para o aprofundamento de sua pesquisa sobre o assunto. Então, certa noite, quando os cosmonautas já tiverem retornado à Terra, Soledad Obligado revisará a caixa de discos 578V; ali, ela descobrirá que há 565 discos, e não os 564 indicados no catálogo; pegará justamente esta gravação e, horrorizada, ouvirá que ela (e os tripulantes da espaçonave e toda a humanidade) está somente dando continuidade ao roteiro que escrevemos para eles há tantos milhões de anos*.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustração: PS/Perchance.

EL GUION

Campo Ricardo Burgos López

1

La astronave se posó en una pradera del planeta Mpo y en poco tiempo sus tripulantes descendieron a instalar el campamento exploratorio, al mando de la misión se encontraba el veterano comandante Isidoro Zacarías y le acompañaban una docena más de hombres y mujeres que también contaban con amplia experiencia en los vuelos interplanetarios. Mpo era un raro planeta con una atmósfera, gravedad y condiciones climáticas muy semejantes a la Tierra, así que, tras unas cuantas horas de aclimatación, la tripulación entera pudo quitarse sus cascos y trajes espaciales para respirar y moverse sin problemas.

2

Los primeros días los exploradores tomaron muestras de fauna, flora y otros elementos naturales del planeta, asimismo realizaron diversos experimentos físico-químicos que tenían proyectados. Todo transcurría en la mayor normalidad hasta que una de las astronautas (Soledad Obligado), descubrió que en unas cuevas había unas impresionantes puertas cerradas de al menos 10 metros de altura empotradas al comienzo de lo que parecían ser unas galerías subterráneas. Tan pronto la tripulación fue informada, la totalidad de cosmonautas se reunió ante al pórtico gigante muy sorprendida del hecho pues, de acuerdo con los informes previos que se tenían del planeta Mpo, se pensaba que ese mundo jamás había tenido habitantes capaces de crear cultura y civilización, que allí sólo había naturaleza y nada más. Tras diversas discusiones, se determinó que la mejor forma de abrir las puertas sería mediante una explosión controlada y así fue como, una vez se dispuso el explosivo necesario, el portal fue volado y en medio de él se abrió un boquete a través del cual los 13 viajeros ingresaron.

3

El equipo exploró las galerías de Mpo por varios días y finalmente, acabó arribando a una meseta subterránea inmensa con diversos tipos de construcciones, pero enteramente deshabitada; el primer cálculo era que esa ciudadela al menos podría albergar a unas 500 personas de tipo humano y así, los investigadores se dividieron en grupos para escudriñar distintos puntos del lugar. Así fue como, en cierto momento, Soledad y tres personas más que la acompañaban, se toparon con una suerte de discos que parecían ser grabaciones, cuando Soledad insertó uno de los discos en una máquina semejante a un televisor, de repente se escuchó un vozarrón andrógino en un altavoz, sin ninguna imagen agregada.

— *En la fecha espacial 400-563-232, a esta ciudad arribarán desde el planeta Tierra un grupo de 13*

cosmonautas dirigidos por el comandante Isidoro Zacarías, ellos pensarán que este mundo se encuentra deshabitado y se llevarán una gran sorpresa cuando descubran que estaban equivocados y que esta ciudadela existe. La que descubrirá la entrada a este lugar será la exobióloga Soledad Obligado…

En este punto, la misma Soledad asustada oprimió un botón y detuvo la grabación. Tanto ella como sus compañeros estaban estupefactos y les costaba creer lo que oían: ¡De algún modo insospechado en ese disco se predecía punto por punto y de manera exacta lo que todo el equipo había vivido los últimos días! ¿Cómo era eso posible? ¿Qué era eso? ¿Quiénes habían grabado eso? Antes de seguir oyendo la reproducción, se convocó a todos los tripulantes de la nave y de nuevo todos la escucharon hasta el punto en que Soledad la había interrumpido. De nuevo, impresionados por lo que oían, continuaron la audición en el punto en que Soledad la había detenido.

—… exobióloga Soledad Obligado quien, atemorizada por el descubrimiento, detendrá la grabación y convocará una reunión con toda la tripulación para seguir escuchándola —aquí hubo un silencio de unos segundos en el disco y de pronto el vozarrón reapareció-: ¡ Mortales: toda la historia del planeta Tierra hasta hoy sigue un guion que nosotros hemos escrito hasta en su menor detalle y por eso, aunque ustedes se crean libres, en realidad sólo han estado siguiendo y seguirán un argumento que hemos diseñado para ustedes hasta su extinción! ¡Si se atreven a conocerlo y saben buscar, sólo les diremos que en esta ciudadela encontrarán ese guion! ¡Buena suerte!

Eso era todo, la grabación se detenía allí. Otra vez en silencio, los 13 humanos se miraron entre sí sin entender nada. Toda la situación era absurda pues saltaba a la vista que esa ciudadela debía llevar en ese mundo cientos o miles de años ¿Cómo podía entonces ese disco grabado predecir con tanta exactitud lo acontecido en las últimas horas? Por lo demás, allí se encontraban ante la primera prueba patente en la totalidad de la historia humana, de que todo su recorrido temporal ya estaba previsto y que la especie humana nunca había tenido la libertad que suponía. Al parecer los humanos eran una suerte de experimento creado por alguna clase de dioses o demiurgos. Por millones de años los humanos habían creído estar haciendo su propia historia, cuando en realidad sólo eran algo más que unos hámsters dando vueltas en una ruedita.

4

Otra vez toda la tripulación reunida aceptó el reto y decidió que buscaría alguna clase de archivo o grabación que contuviera el guion que para la especie humana habían escrito los que habían construido la ciudadela. Los tres meses siguientes, los 13 humanos en Mpo sólo se dedicaron a esa labor y escudriñaron cada centímetro de las antiguas construcciones sin dejar pasillo, cuarto, techo o piso por examinar. Empero, lo inexplicable del asunto es que nada encontraron. Luego de ello, escanearon con todos los aparatos a su alcance cada centímetro de la ciudadela abandonada, pensando que la grabación señalada tal vez estuviera detrás de una pared o debajo de algún piso, pero de nuevo nada apareció.

Exhaustos por la tarea de tantos días, los exploradores finalmente abandonaron el planeta rumbo a la Tierra con la firme determinación de traer otros científicos e investigadores a Mpo para continuar la búsqueda con nuevas ideas y recursos. Una noche, mientras los cosmonautas volvían a casa, Soledad Obligado comenzó a revisar todos los discos que habían recogido en la ciudadela, literalmente eran millones y se suponía que ya todos habían sido vistos, oídos y catalogados. Al mirar la caja 578V la etiqueta decía que allí había 564 discos inventariados

y, por alguna razón, la mujer se puso a contarlos de nuevo. Entonces sucedió otra vez lo inesperado, cuando los contó otra vez, había 565 discos, no 564. El último disco estaba sin etiquetar, así que Soledad lo insertó en un reproductor de audio y de súbito la astronauta escuchó otra vez el vozarrón andrógino que había oído por primera vez meses atrás y que tanto la había atemorizado:

—Tras una búsqueda del guion escrito por nosotros para la historia de la humanidad que durará tres meses —afirmaba la voz con seguridad— los 13 integrantes de la tripulación abandonarán Mpo con la intención de traer más científicos que profundicen la pesquisa sobre el asunto. Entonces, una noche, mientras los cosmonautas van de vuelta a la Tierra, Soledad Obligado revisará la caja de discos 578V, allí comprobará que hay 565 discos y no los 564 que dice el inventario, tomará justamente esta grabación y con horror escuchará que ella (y los tripulantes de la astronave y la humanidad entera) sólo continúan desarrollando el guion que escribimos para ellos hace tantos millones de años.

Ilustración: PS/Perchance.

A SOMBRA RASTEJANTE

Rogério Silvério de Farias

Eu vi o horror. Ele é negro e medonho, viscoso e imundo. Rasteja ligeiro nas sombras da noite. É uma coisa ímpia e iníqua, uma blasfêmia viva e sórdida, aterrorizante, uma entidade demoníaca não deste mundo, mas das múltiplas cloacas purulentas das profundezas do Inferno; uma vida atemporal banida, exilada na Terra, coexistindo conosco, agora e para todo o sempre, aqui, nesta esfera insana onde nós, tolos mortais, padecemos na miséria do nada de nossa triste condição humana.

Senhores, sou um pobre miserável e desgraçado por ter o dom de ver coisas que perambulam na escuridão maldita da noite. Ter essa estranha faculdade, essa clarividência lancinante, me faz sofrer; destarte, desejo morrer o quanto antes.

Rezo a Deus toda noite para que me mate o quanto antes, me liberte dos grilhões obscenos da clarividência contumaz, deste fardo sinistro e pungente que se tornou minha vida.

Mas se Deus não atender minhas preces, então que vá para o Inferno! A corda ao redor do meu pescoço aliviar-me-á deste destino maldito, deste suplício, deste anátema insuportável e indizível.

E tudo começou com meus estudos inauditos e proibidos. Debruçado sobre tomos e brochuras antigas, onde o conhecimento oculto milenar era revelado em páginas profanas, mofadas e ímpias. Todo o conhecimento pagão condensado naqueles livros medonhos, abertos à minha mente excêntrica e inquieta!

Sou o último de uma família arruinada, amaldiçoada pela miséria e pelo infortúnio. Meu pendor para as Artes me levou para a pintura e a poesia. Fui um fracasso total em ambas. Meus quadros, num estilo bizarro e grotesco, jamais consegui vendê-los; minha poesia nunca foi aceita e publicada: meus versos falavam do medo, do terror que antecede a hora do sono, do outro lado da meia-noite, dos demônios que rastejam na penumbra das madrugadas, nas catacumbas da loucura.

Os raros e poucos anos de felicidade que tive foram ao lado de Valna. Seu sorriso era algo mágico, encantador. Seus cabelos lembravam a cor do ouro. Seus olhos também sorriam e me transmitiam um amor cândido, puro, sacrossanto. E seus lábios eram os frutos rubros do paraíso dos prazeres eróticos.

Nos troncos dos salgueiros, à beira do lago plácido atrás de nossa casa, eu escrevera, na primavera do meu amor, com a ponta de um canivete, juras de amor eterno à bela Valna. Passávamos os dias ali, entregues a um namoro que prometia ser eterno, mesmo no casamento. Foram os dias mais felizes de minha vida. A beleza física de Valna era tão divina quanto a beleza de seu caráter e de sua alma juvenil.

Foi no fim do outono de 1975 que Valna adoeceu. Um mal terrível. Incurável. Todos os tratamentos foram feitos, até que o médico a desenganou. Mandara Valna morrer em casa, ao meu lado, como ela queria.

Nessa época, a aparência de Valna tinha sofrido uma grotesca metamorfose. Outrora bela e viçosa, agora ela estava magra, lívida, os olhos tristes. Devido à doença e os tratamentos, seus cabelos haviam caído, deixando a cabeleira curta e rala. Seu modo de vestir-se também mudara: outrora, ela vestia-se com roupas alegres e coloridas, mas agora ela passara a trajar-se com vestidos negros que contrastavam com sua pele muito branca.

Logo a morte levou para sempre o meu amor; Valna morreu no crepúsculo de um dia frio, em meados de Junho.

Revoltado contra todos os deuses que regem o destino dos homens, passei a praticar a magia negra.

Muitas noites, no cemitério, em ravinas sombrias ou em pântanos grotescos, tentei evocar a alma de Valna, mas do reino dos mortos só surgiam efígies falsas, sombras ou simulacros do espírito de minha amada. Logo percebi ser impossível chamar alguém que, por certo, alcançara o nirvana.

Ainda mais rebelde e desgostoso com meu destino, passei a invocar entidades tenebrosas, com o escopo esdrúxulo de zombar dos deuses das Leis Cósmicas que me impuseram tanto infortúnio, na vida e no amor.

Certa noite, num bosque escuro, invoquei, através do Opúsculo de Zerbetreon, um formulário de teurgia negra, aquele horror blasfemo e atemorizante, uma sombra, uma sombra negra, fria como uma lesma de um pântano do Inferno.

E agora, hoje, passadas duas horas desta invocação maldita, eis-me aqui, na choupana abandonada, rabiscando neste diário tudo o que fiz e tudo o que aconteceu comigo.

Corri para cá, porque a sombra rastejante me persegue, a sombra maldita que eu invoquei dos mundos além da tumba!

A porta!… A porta… vejo pelas frestas… uma sombra… é ela! Ela veio! A sombra sinistra do Além, a entidade tenebrosa das dimensões infernais… ela rasteja, posso ouvir… posso sentir o frio emanado de sua carne astral-etérica de trevas.

Deus me perdoe! Deus me ajude!…

Oh, meu Deus! A sombra! A sombra veio para me matar, pois eu a tirei de seu mundo, nas vastidões escuras do reino assombroso de Hades!

Ilustração: PS/Perchance.

LA SOMBRA REPTANTE

Rogério Silvério de Farias

Yo vi el horror. Es negro y terrible, viscoso e inmundo. Se arrastra rápidamente entre las sombras. Es algo impío y perverso, blasfemia viviente y sórdida, terrorífica, una entidad demoníaca no de este mundo, sino de las muchas alcantarillas purulentas de las profundidades del Infierno; una vida atemporal desterrada, exiliada en la Tierra, coexistiendo con nosotros por los siglos de los siglos, aquí, en esta loca esfera donde nosotros, necios mortales, padecemos las miserias de nuestra condición humana.

Señores, soy un miserable y desgraciado pobre por tener el don de ver cosas que vagan en la maldita oscuridad de la noche. Tener esa extraña facultad, esa clarividencia, me hace sufrir, y por eso deseo morir cuanto antes.

Rezo a Dios todas las noches para que mate cuanto antes, me libere de los obscenos grilletes de esta persistente clarividencia, de esta carga siniestra en que se ha convertido mi vida

Pero si Dios no atiende mis plegarias, entonces ¡que se vaya al infierno! La cuerda alrededor de mi cuello me aliviará de este destino maldito, de este suplicio, de este anatema insoportable e indescriptible

Y todo comenzó con mis estudios inauditos y prohibidos. Inclinado sobre volúmenes y folletos antiguos, donde el milenario y oculto conocimiento era revelado en escritos profanos, mohosos e impíos. Todo el conocimiento pagano condensado em esos libros espantosos, abiertos a mi mente excéntrica e inquieta

Soy el último de una familia arruinada, castigada por la miseria y la desgracia. Mi inclinación para las Artes me condujo a la pintura y la poesía. Fui un fracaso en ambos. Jamás conseguí vender mis cuadros, de un estilo bizarro y grotesco; mi poesía nunca fue aceptada y publicada. Mis versos hablaban del miedo, del terror que precede a la hora de dormir, al otro lado de la medianoche, dos demonios que se arrastran en la penumbra de las madrugadas, en las catacumbas de la locura.

Los raros y escasos años de felicidad que tuve fueron junto a Valna. Su sonrisa era algo mágico, encantador. Su cabello recordaba al color del oro. Sus ojos también sonreían y me transmitían un amor cándido, puro, sacrosanto. Y sus labios eran frutos rojos del paraíso, dos placeres eróticos.

En los troncos de los sauces, a la orilla del lago plácido detrás de nuestra casa, yo escribí, en la primavera de mi amor, con la punta de un cuchillo suizo, promesas de amor eterno a la bella Valna. Pasábamos los días allí, entregados a un amor que prometía ser eterno, incluso en el matrimonio. Fueron los días más felices de mi vida. La belleza

física de Valna era tan divina como la belleza de su carácter y de su alma juvenil.

Fue a finales de otoño de 1975 cuando Valna enfermó. Un mal terrible. Incurable. Se le aplicó todos los tratamientos, hasta que el médico la desengañó. Mandó a Valna a morir en casa, a mi lado, como ella quería.

En esa época, la apariencia de Valna había sufrido una grotesca metamorfosis. La antes hermosa y sinuosa, ahora estaba delgada, lívida, con los ojos tristes. Debido a la enfermedad y los tratamientos, se le había caído pelo, dejando su cabello corto y escaso. Su modo de vestir también cambió: anteriormente se vestía con ropas alegres y coloridas, pero ahora llevaba vestidos negros que contrastaban con su muy blanca piel.

Pronto la muerte se llevó para siempre a mi amor. Valna murió en el crepúsculo de un frío día, a mediados de Junio.

Enfadado con todos dioses que rugen el destino de los hombres, pasé a practicar la magia negra.

Muchas noches, en el cementerio, en barrancos sombríos o en pantanos grotescos, intenté invocar el alma de Valna, pero del reino de los muertos solo surgían falsas efigies, sombras o simulacros del espíritu de mi amada. Pronto me di cuenta que era imposible llamar a alguien que, sin duda, había alcanzado el nirvana.

Aún más rebelde y disgustado con mi destino, pasé a invocar entidades tenebrosas, con el absurdo propósito de burlarme de los dioses de las Leyes Cósmicas que me impusieron tanta desgracia en la vida y el amor.

Una noche, en un bosque oscuro, invoqué, a través del Opúsculo de Zerbetreon, un formulario de teúrgia negra, a ese horror blasfemo y atemorizante, una sombra, una sombra negra, fría como una babosa de un pantano del Infierno.

Y ahora, hoy, pasadas dos horas de esta invocación maldita, aquí estoy, en una cabaña abandonada, garabateando en este diario todo lo que hice y todo lo que me pasó.

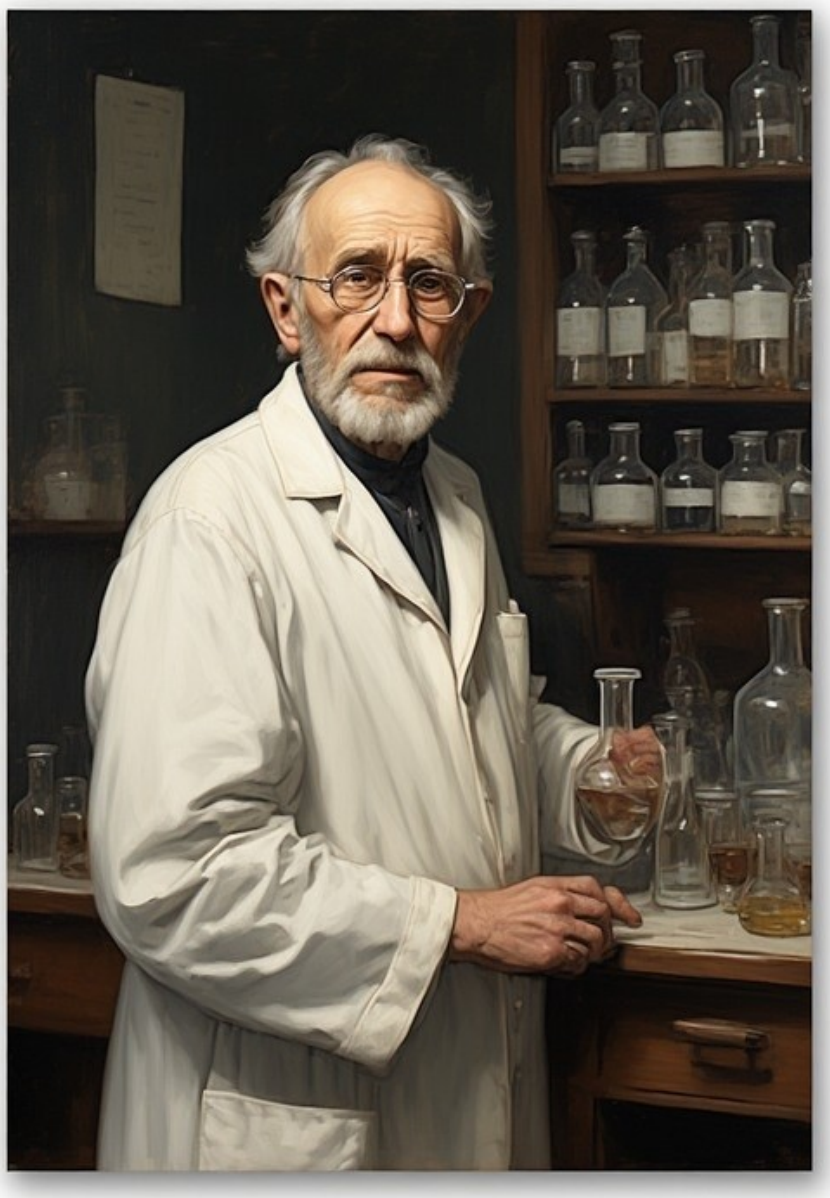
Corrí hacia aquí, la sombra reptante me persigue, la sombra maldita que yo invoqué de los mundos.

¡La puerta! ¡La puerta!… la veo por las rendijas… una sombra… ¡es ella!. Ella vino. La sombra siniestra de Além, el ser tenebroso de dimensiones infernales…ella se arrastra, la puedo escuchar… puedo sentir el frío que emana de su carne astral y etérea de las tinienblas.

¡Dios me perdone! ¡Dios me ayude!

Oh ¡Dios mío! ¡La sombra! La sombra ha venido para matarme, porque la saqué de su mundo ¡en las vastas oscuridades del aterrador reino de Hades!

Traducción de Ricardo Manzanaro.
Ilustración: PS/Perchance.



ALGUÉM TINHA DE FAZER AQUILO

Carlos Enrique Saldívar

—Por que quer me matar? Eu sou o maior gênio do mundo.

—Porque temo que invente uma arma capaz de destruir toda a humanidade.

—Eu sou o maior gênio do mundo, não um escritor de ficção científica.

—Adivinhe que já cuidei deles; os que continuam vivos estão a morrendo rapidamente. Escritores infelizes, promotores da iniquidade; só nos falta acabar com vocês, e, de todos, você é o mais perigoso, cientista de merda!

—Seu maldito crítico filho da puta, dispare os seus argumentos de uma vez!

Mas o crítico não pôde acabar com o cientista de imediato, por mais que tentasse. Sentiu um enorme remorso; fora criado com a leitura de contos e novelas da mais pura fantasia científica. Até agora, todos os escritores de haviam sido previamente exterminados. Só faltava anular a existência dos cientistas, e este, o que estava à sua frente, era um dos últimos a ser aniquilado. O crítico literário tinha emoções contraditórias. Por que assassinar este sujeito? Não estarei equivocado? Talvez o seu trabalho nos beneficie a todos a longo prazo. O que devo fazer? Por favor, Senhor, guie os meus passos.

O seu polegar estava prestes a apertar o gatilho.

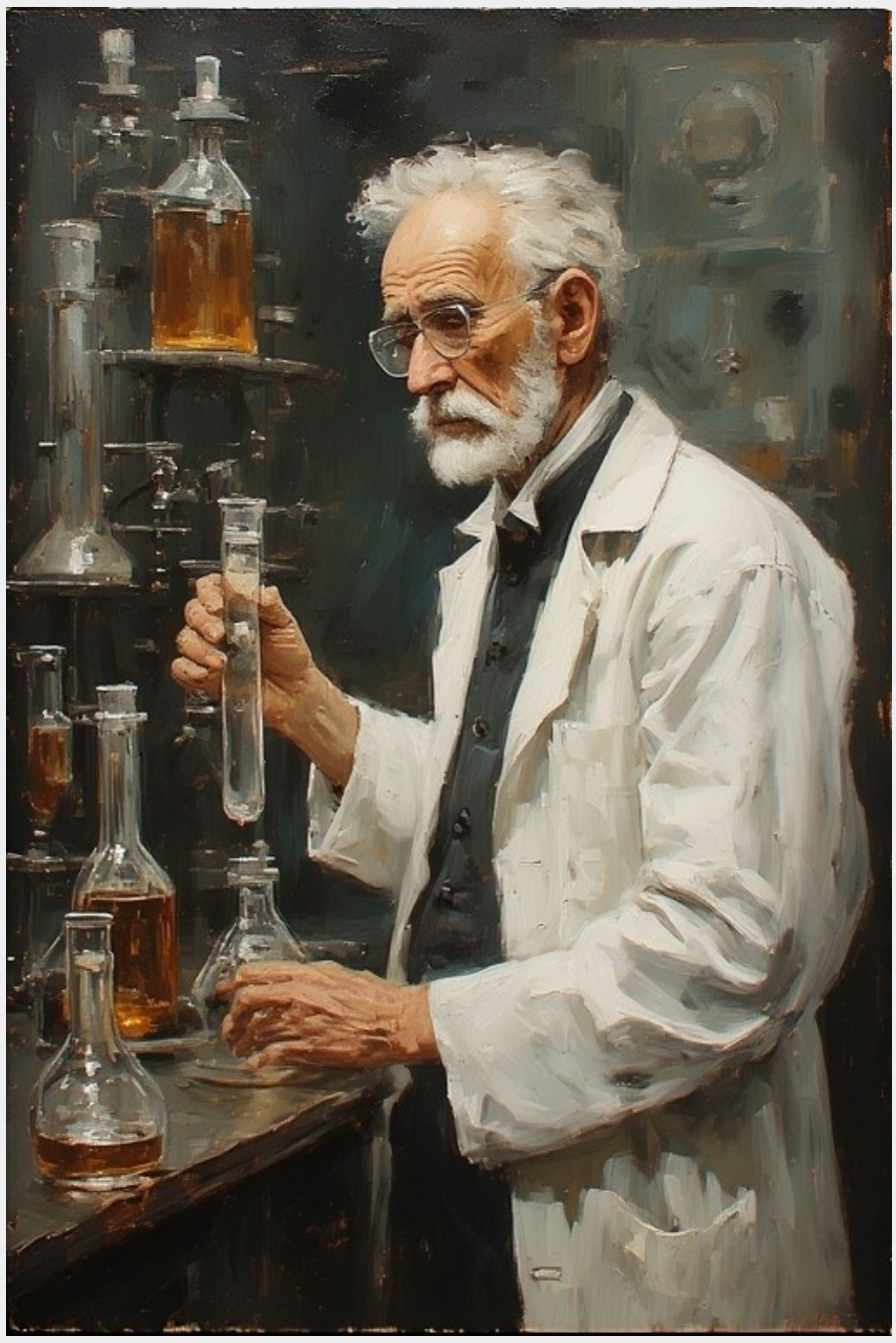
O homem de ciência salvou a vida. Nunca mais se soube de seu quase verdugo.

No dia seguinte ao atentado, o sobrevivente começou o seu primeiro romance de ficção científica. Intitulava-se “Usos e desusos de uma bomba atômica”, que começava com uma guerra mundial e terminava com um bombardeio terrível num lugar imaginário chamado Hirosaki. Foi um sucesso de vendas, sobretudo nos Estados Unidos. O livro foi proibido na Alemanha e, de maneira enfática, no Japão. O maior gênio do mundo estava orgulhoso de sua obra, mas esta satisfação não tardaria a arrefecer.

Um ano depois, a Segunda Guerra Mundial começou. Era 1939.

Oitenta anos depois, em 2019, a Grande Guerra Atômica terminava com toda a espécie humana. Foi um final horripilante e tudo por causa de um crítico (exterminador) literário, vindo do futuro, que não teve a coragem de terminar o seu trabalho, eis que deixara vivo somente um escritor de ficção científica. Somente um.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustração: PS/Perchance.



ALGUIEN TUVO QUE HACERLO

Carlos Enrique Saldívar

—¿Por qué quieres acabar conmigo? Soy el genio más grande del mundo.

—Porque tengo miedo de que inventes un arma capaz de destruir a la humanidad entera.

—Soy el genio más grande del mundo, no un escritor de ciencia ficción.

—Adivina qué, ya me encargué de ellos, los que siguen vivos están muriendo rápidamente. Escritores infelices, promotores de la iniquidad, solo nos falta acabar con ustedes, y, de entre todos, tú eres el más peligroso, ¡científico de mierda!

—¡Maldito crítico hijo de puta, dispara de una vez tus argumentos!

Pero el crítico no pudo acabar con el científico de inmediato por más que lo intentó. Sintió un enorme remordimiento, se había criado con la lectura de cuentos y novelas de la más pura fantasía científica. Hoy en día, todos los escritores de anticipación habían sido exterminados. Solo restaba anular la existencia de los científicos y, este, el que se encontraba frente a él, era uno de los últimos por aniquilar. El crítico literario tuvo emociones encontradas. ¿Por qué asesinar a este sujeto? ¿No estaré equivocado? Quizá su labor a la larga nos beneficie a todos. ¿Qué he de hacer? Por favor, Señor, guía mis pasos.

Su dedo pulgar estaba a punto de apretar el gatillo.

El hombre de ciencia salvó la vida. De su casi verdugo no se supo nada más.

Al siguiente día del atentado, el sobreviviente empezó su primera novela de ciencia ficción. Se titulaba: «Usos y desusos de una bomba atómica», comenzaba con una guerra mundial y terminaba con un bombardeo terrible en un lugar imaginario llamado Hirosaki. Fue un éxito de ventas, sobre todo en Estados Unidos. El libro fue prohibido en Alemania y, de manera tajante, en Japón. El genio más grande del mundo estaba orgulloso de su obra, pero esta satisfacción pronto se vería menguada.

Un año después, la Segunda Guerra Mundial comenzó. Era 1939.

Ochenta años después, en 2019, la Gran Guerra Atómica terminaba con toda la especie humana. Fue un final horripilante y todo se debió a un crítico (exterminador) literario, llegado del futuro, que no tuvo el valor de finiquitar su trabajo, que dejó con vida a un solo escritor de ciencia ficción. A uno solo.

Ilustración: PS/Perchance.

UM SORRISO RADIANTE

Marco Eugenio Sánchez Arrate

Os escritórios estavam decorados num estilo NeoArt Déco futurista quando ele chegou ao balcão.

—Bom dia, bem-vindo à empresa Seus Desejos são Ordens, sou Jenny Fertrueno, Jenny226 para os amigos. Em que posso ajudá-lo?

—Sim, olá. Chamo-me Asterodio Corrales, Astero32 para os amigos, e comprei há sete meses o seu Pacote Premium de Felicidade Eterna, mas, na verdade, não estou nada satisfeito.

—Oh, sinto muito, senhor… Corrales? Vejo a sua conta aqui. Não está feliz?

—Estou feliz pra caramba.

—Então, qual é o problema?

—Estou farto de ser feliz o tempo todo. Estou feliz se me multam, se me cortam o salário, se fico doente com a doença arcturiana da virilha (aquela granulada que faz os colhões parecerem romãs descascadas), fico radiante se discuto com a minha mulher, se o meu filho Sonsolex6 leva pau em cinco matérias na escola e não passa para o quarto ano, nem mesmo com peixadas. Eu não consigo parar de ser feliz, nem mesmo quando caio da escada em casa e arrebento o cóccix, o que aconteceu esta manhã. E aqui estou eu, com o traseiro engessado e preso a um andador, somente para poder vir vê-la.

— Poderia me contar algo mais sobre o seu problema?

— A minha mulher diz que não consigo parar de sorrir e que está farta disto, que preferia voltar a ver-me sério, choroso ou zangado às vezes, como antigamente. Que não pode ser que eu veja sempre o lado bom das coisas e que sente muita, mas muita inveja, porque sofre muito mais do que eu.

— É mesmo verdade?

— Sim. É verdade. Minha esposa, Maruchi72, sempre sofreu miseravelmente. Tem um emprego de merda em uma fábrica que produz esfíncteres artificiais e sofre de meteorismo devastador, essa nova doença das colônias orbitais de gases explosivos que não podem ser contidos.

—Nossa, que desagradável. Isso sim é que é sofrimento de verdade.

— É assim mesmo. Ele solta uns puns que ninguém aguenta em casa. E, ainda por cima, se a gente transa e eu broxo, eu me borro de rir.

— Bom, veja bem, a Felicidade Eterna consiste precisamente nisto, em ser feliz como um verdilhão livre e selvagem, aconteça o que acontecer. Ela é alcançada com uma descarga constante e elevada de dopamina, ocitocina, serotonina e várias endorfinas artificiais que mergulham as pessoas num estado de felicidade radiante e divertida o dia todo. Com o dispositivo implantado no cérebro, você entra no que chamamos de fase pervertida polimorfa.

—Que porra é essa?

—Uma fase copiada dos estágios primitivos do desenvolvimento infantil. Quando um bebê nasce, ele ainda não consegue diferenciar o que lhe dá prazer e felicidade do que não lhe dá. Então, ele experimenta o mundo, experimenta tudo, chupa ou morde tudo, gosta de tudo, até do que o machuca; falta-lhe discernimento."

—Entendo.

—E o nosso módulo de refocilamento extasiante é o que faz com que você se revire constantemente no colchão de felicidade, aconteça o que acontecer,

de bom ou de mau, na sua vida. Alguém lhe dá uma bofetada? Você gosta. Alguém o insulta ou rouba a sua carteira no metrô às seis da manhã? Você fica tão feliz que nem liga.

— Eu não consigo parar de sorrir, nem mesmo quando estou dormindo e tenho pesadelos horríveis; é insuportável. Minha mulher diz que isto é perturbador. Então discutimos e eu sinto uma felicidade enorme, e isto a deixa ainda mais irritada, o que agrava o problema. Nosso relacionamento não ia bem antes de eu vir para cá e que me introduzissem o módulo, entende?

—Lamento informar que seu problema não tem uma solução viável. O módulo não é regulável; não pode ser desligado temporariamente. Ele está sempre ligado. É eterno, como o próprio nome diz.

—Não podem fazer nada? Uma versão com regulador, atenuador ou desligamento temporário?

— Receio que não, senhor. Mas tenho uma solução alternativa. Poderíamos oferecer-lhe o nosso Pacote de Sofrimento Abnegado. O senhor sofrerá como um campeão sem reclamar, irá trabalhar como um trabalhador braçal todos os dias, acordará às matinas, fará horas extras não remuneradas, o seu organismo estará adaptado ao sacrifício e ao sofrimento constantes. O senhor escolherá trabalhos desprezíveis, horários exaustivos, salários aviltantes, parceiros sanguessugas, comerá mal e dormirá menos. Terá a vida social de um cardo silvestre num terreno baldio. Os que já experimentaram dizem que é o cúmulo do sofrimento e que, como também incorpora um inibidor de reclamações, o sofre-se mais ainda mais por não poder queixar-se e desabafar... Ou talvez o senhor prefira o Pacote de Sofrimento Constante. Neste, até as boas notícias são recebidas com dor. Ganha uma loteria de setecentos milhões e se sente como se um hipopótamo enfurecido estivesse fodendo-o com tudo, com perdão da má palavra. Eu tenho instalado um módulo de Sinceridade Extrema, já deve ter percebido.

— Sim, sim, percebe-se. Foi uma ótima decisão empresarial instalar esse módulo nos empregados. E essa má notícia que você me dá, de que não se pode atenuar ou desligar o módulo, deixa-me muito, muito feliz com a raiva que sinto. Receio que vou ter que pedir para desinstalarem essa coisa.

— Ah, sinto muito. Isso vi demorar um pouco. Há uma lista de espera de quatro meses. Todos estão pedindo para desinstalar o pacote. Tem sido um fracasso comercial da empresa.

— Mas você não avisou aos clientes, uma coisa muito desagradável. Que droga! Escutar toda essa merda me deixou tão feliz que acabei de ter um orgasmo.

— Limpe-se com este lenço. Eu cuido disso.

— Puta merda, que vergonha imensa. Estou ejaculando de novo.

— Bem, colocarei o senhor na lista de espera. E sugiro-lhe que instale outro módulo de Felicidade Eterna em sua mulher. Para que ela não tenha inveja e as coisas fiquem equilibradas.

—Ela não quer recorrer a estados de espírito artificiais. Diz que é melhor sentir a própria merda do que um paraíso artificial induzido e externo.

— Interessante ponto de vista. A sua mulher deve ser um curioso exemplar de masoquista queixosa e pertinaz, que não faz nada para sair do seu estado de mau humor e abraça o próprio sofrimento como se fosse um polvo do Cantábrico agarrado à sua rocha marinha favorita. Dizem que há pessoas para quem o sofrimento dá identidade.

— Parece que você a conhece. Além disso, ela é bem agressiva. No momento em que me descuido, ela me dá um tapão ou me bate com alguma coisa. De vez em quando, ela me dá uma surra tão grande que preciso ir ao posto de saúde local para ser tratado. Mas fico extasiado de felicidade.

— É curioso. Ela parece precisar do módulo Felicidade Eterna mais do que o senhor.

— Sim, com certeza. Enfim, tenho que ir agora. Se eu chegar tarde em casa, minha esposa vai achar que eu andei me envolvendo com alguma vagabunda, e aí estarei em apuros. Fiquei muito feliz em conversar com você e não ter conseguido resolver nada.

— Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Corrales. Avisaremos quando for a sua vez de extrair o módulo Felicidade.

Asterodio Corrales saiu da loja com um sorriso bobo no rosto. No caminho para casa, pensava na próxima briga com Maruchi72, sua mulher.

Ao chegar em casa, brigaram. “Com quem você estava? Que horas são essas de voltar para casa?”. Ela atirou um abajur na cabeça dele, e ele a atingiu três vezes com um travesseiro. Xingaram-se de tudo quanto é nome, juraram se divorciar e acabaram indo para a cama furiosos e sem dizer uma palavra, de costas um para o outro.

E Asterodio fechou os olhos, felizmente amargurado, e adormeceu com um sorriso nos lábios. Repugnantemente feliz, porque sua vida era uma grande merda.

Tradução de Paulo Soriano.
Ilustração: PS/Perchance.

UNA SONRISA ROZAGANTE

Marco Eugenio Sánchez Arrate

Las oficinas estaban decoradas en un futurista NeoArt Decó cuando llegó hasta el mostrador.

—Buenos días, bienvenido a la, compañía Sus Deseos son órdenes, soy Jenny Fertrueno, Jenny226 para los conocidos. ¿En qué puedo ayudarle?

—Sí, hola. Me llamo Asterodio Corrales, Astero32 para los amigos, y compré hace siete meses de los corrientes su Paquete Premium de Felicidad Eterna y la verdad es que no estoy nada satisfecho.

—Oh, lo siento mucho señor... ¿Corrales? Veo su cuenta aquí. ¿No es usted feliz?

—Soy feliz de cojones.

—¿Entonces, cual es el problema?

—Que estoy harto de ser feliz todo el puto tiempo. Soy feliz si me ponen una multa, si me recortan el sueldo, si enfermo del mal arturiano de la entrepierna (ese de los granos que se te ponen los cojones como granadas peladas), soy feliz de la muerte si discuto con mi mujer, si a mi hijo Sonsolex6 le suspenden cinco en el colegio y no pasa a cuarto ni por enchufe.

No puedo dejar de ser feliz ni cuando me caigo por las escaleras de casa y me parto el cóxis, cosa que ha sucedido ésta misma mañana. Y aquí me ve, con el trasero escayolado y montado en un arnés caminador para poder venir a verla a usted.

—¿Podría precisarme mas su problema?

—Mi mujer dice que no puedo dejar de sonreír y que ya está harta, que preferiría volver a verme serio, lloroso o enojado alguna vez, como antiguamente. Que no puede ser que a todo le vea yo el lado bueno y que siente mucha, pero mucha envidia, porque sufre bastante más que yo.

—¿Y es eso cierto?

—Lo es. Mi mujer, Maruchi72 sufre como una perra desde siempre. Tiene un trabajo de mierda en una fábrica de esfínteres artificiales y padece de meteorismo devastador, esa nueva enfermedad de las colonias orbitales de los gases explosivos que no se pueden contener.

—Vaya, qué desagradable. Parece que eso sí que es sufrir a base de bien.

—Así es. Se tira unos cebollazos que no hay quien pare por casa. Encima, si tenemos relaciones sexuales y pego el gatillazo, me parto el culo de risa.

—Bueno, verá, la Felicidad Eterna consiste en eso precisamente, en ser feliz como un verderón libre y salvaje, suceda lo que suceda. Se consigue con una descarga constante y elevada de dopamina, oxitocina, serotonina y diversas endorfinas

artificiales que lo sumergen a usted en un estado de felicidad rozagante y sandunguera todo el día.

Con el dispositivo que lleva insertado en el cerebro, usted entra en eso que se denomina fase de perverso polimorfo.

—¿Eso que coño es?

—Una fase copiada de los estadios de desarrollo infantil más temprano. Cuando un bebé nace, aún no sabe diferenciar lo que le da placer y felicidad y lo que no. Entonces experimenta el mundo, todo lo prueba, todo lo chupa o lo muerde, todo le gusta, incluso lo que le hace daño, carece de discriminación.

—Entiendo.

—Y nuestro módulo de refocilamiento extasiador es lo que consigue, que usted se revuelque en el colchón de la felicidad constantemente, pase lo que pase, bueno o malo, en su vida. ¿Le sueltan una hostia? Le gusta. Le insultan o le roban la cartera en el turborrail a las seis de la mañana? Tan feliz que se queda.

—No dejo de sonreír ni cuando duermo y tengo horribles pesadillas, es insoportable. Mi esposa dice que es perturbador. Entonces discutimos y me entra una felicidad de orinarme encima del gusto, lo cual a ella la cabrea más y agrava el problema. Nuestra pareja no funcionaba bien antes de venir aquí y que me pusieran el módulo ¿sabe?

—Lamento decirle que su problema tiene muy mala solución. El modulo no es regulable, no puede apagarse temporalmente. Funciona siempre. Es Eterno, como dice su nombre.

—¿No pueden hacer algo? ¿Una versión con regulador, atenuador o apagado temporal?

—Me temo que no, señor. Pero tengo una solución alternativa. Podríamos ofrecerle nuestro Paquete de Padecimiento Abnegado. Sufrirá usted sin quejarse como un campeón, irá a trabajar como un currito choricero todos los días, madrugones de muerte, hará horas extras sin cobrar, su organismo será adaptado al sacrificio y el padecimiento constante. Elegirá trabajos infames, horarios extenuantes, salarios de mamporrero, amistades explotadoras, y parejas sanguijuelas, comerá mal, dormirá menos. Tendrá la vida social de un cardo silvestre en un descampado. Los que lo han probado dicen que es el colmo del sufrimiento y que como encima incorpora un inhibidor de quejas, se sufre todavía más por no poder rechistar y desahogarse... O quizá prefiera el Paquete Padecimiento Constante. En éste, hasta las buenas noticias se reciben con dolor. Le toca a usted una bonoloto de setecientos millones y siente como si un hipopótamo enfurecido le estuviera dando por culo con "to lo gordo" , con perdón. Llevo instalado un módulo de Sinceridad Extrema, lo habrá notado.

—Si, si, algo se la nota. Es una muy buena decisión de empresa ponerle a sus empleados ese módulo. Y ésta mala noticia que usted me da, de que no se puede atenuar ni apagar el módulo, me pone muy muy feliz del cabreo que me entra. Me temo que voy a tener que pedir que me desinstalen esa cosa.

—Oh, lo lamento. Eso aún tardará. Hay una lista de espera de cuatro meses. Está todo el mundo pidiendo que le desinstalen el paquete. Ha sido un fracaso comercial de la compañía.

—Y ustedes no han avisado a sus clientes, cosa que esta muy fea. ¡Qué putada! Qué felicidad me produce escuchar toda esa mierda, acabo de tener un orgasmo.

—Limpiese con este pañuelo. Me hago cargo.

—Hostia puta, qué vergüenza más grande. Me corro de nuevo.

—En fin. Le anoto en la lista de espera. Y le sugiero que le instale otro módulo de Felicidad Eterna a su mujer. Para que no le tenga envidia y se igualen las tornas.

—Ella no quiere recurrir a estados de ánimo artificiales. Dice que es mejor sentir una mierda propia que un paraíso artificial inducido y externo.

—Interesante punto de vista. Su mujer debe ser un ejemplar curioso de masoca quejica pertinaz, que no hace nada por salir de su estado de achuchamiento y abraza su sufrimiento como si fuera un pulpo del Cantábrico agarrado a su piedra de mar favorita. Dicen que hay gente a la que sufrir les da identidad.

—Pareciera usted que la conoce. Además es bastante agresiva. A la que me descuido me suelta un guantazo o me arrea con algo. De vez en cuando me tira unos viajes que me tengo que ir al ambulatorio local a que me hagan la cura. Extasiado de felicidad, eso sí.

—Es curioso. Ella parece necesitar el módulo de Felicidad eterna más que usted.

—Desde luego que si. En fin, tengo que marcharme ya. Si llego tarde a casa mi mujer creerá que he estado pendoneando con alguna pelandusca y la tendremos gorda. Muy feliz de haber hablado con usted y de no haber podido solucionar nada.

—Gusto en conocerle, señor Corrales. Le avisaremos cuando le llegue el turno para extraerle el módulo de Felicidad.

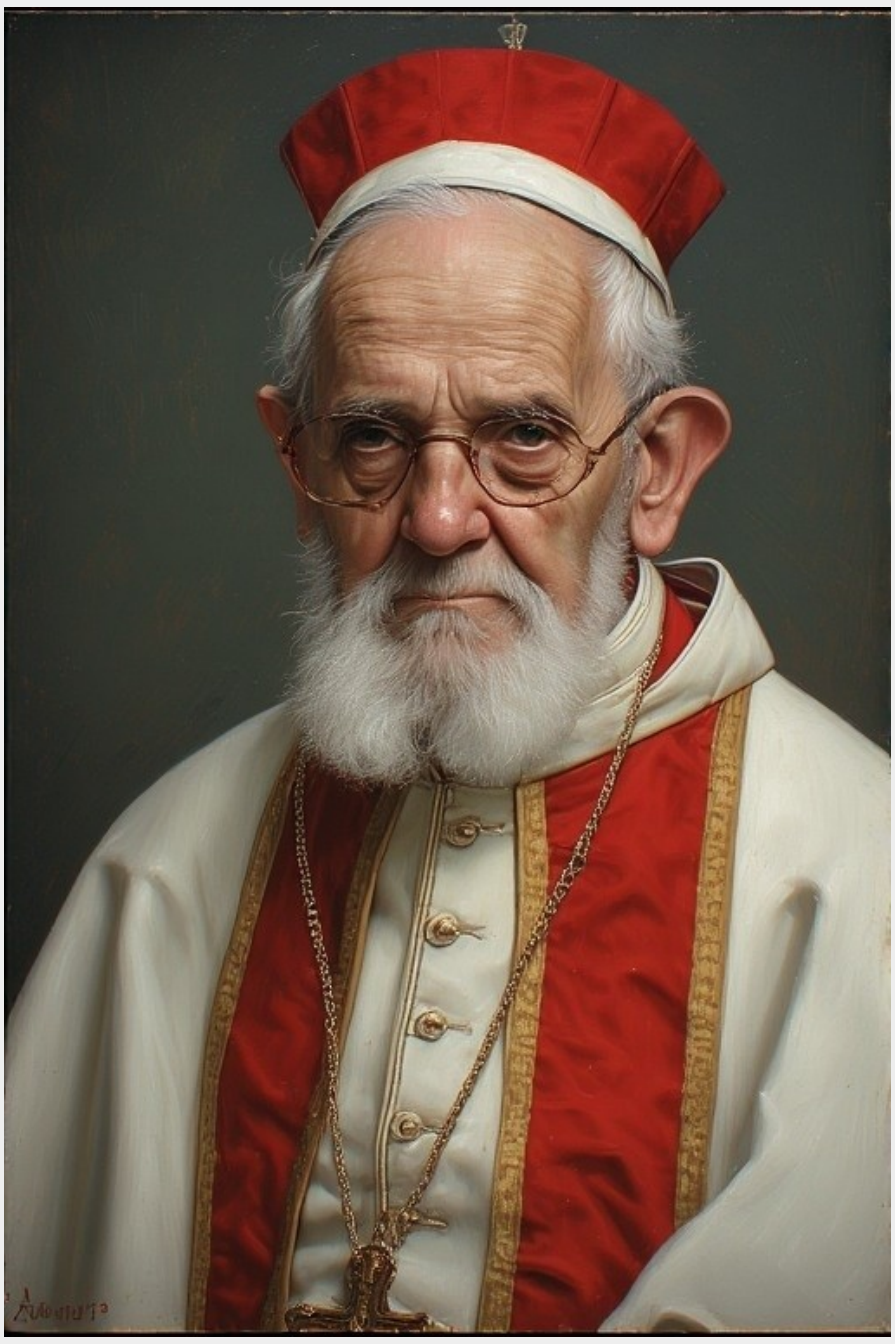
Asterodio Corrales salió de la tienda con una sonrisa bobalicona en los labios. De camino a casa iba pensando en la próxima bronca con Maruchi72, su mujer.

Al llegar al domicilio se pelearon. Que con quién has estado, que qué horas son éstas de llegar.

Ella le tiró una lámpara de mesilla a la cabeza, él la sacudió tres cojinazos. Se llamaron de todo, juraron divorciarse, se acabaron acostando enfadadísimos y sin dirigirse la palabra, espalda contra espalda.

Y Asterodio cerró los ojos felizmente amargado y se durmió con una sonrisa en los labios. Asquerosamente feliz porque su vida era una puta mierda.

Ilustración: PS/Perchance.



HABEMUS PAPAM

Mephisto

O Cardeal Leonardo Monti, protodiácono da Santa Sé, sonhara a vida inteira calçar as sandálias do Pescador. Já sentia, aos se lacrarem os portais da Capela Cistina, para abrigar o enfadonho conclave de vários dias, tremer e delirar o dedo onde se aninharia o anel de Pedro, o Pescador. E seria Clemente XVI, o Justo, pois o nome e o título para a posteridade já cuidara de bem escolher.

Mas do conclave saíra derrotado. E foi com o espírito imbuído de miséria e rancor que, à multidão que se acotovelava na da Praça de São Pedro, teve de esconder toda inveja que quase se lhe escapava dos lábios. Pois anunciou, com o peito em convulsão, e o espírito cheio de terror, a frase mais dolorosa que qualquer protodiácono pode anunciar:

— *Habemus papam*.

O Cardeal Vincenzo Nenni assomou à janela e, ostentando o pomposo título de Gregório XVII, acenou para a multidão.

Como conciliar o sono, Cardeal Leonardo Monti, o Preterido? Como admitir que, agora, nos aposentos reservados ao Papa, não era a sua cabeça que, sobre travesseiros sedosos, desfiava os sonhos majestosos, que só um pontífice magnífico, e por Deus abençoado, pode sonhar? Como admitir que séculos se passariam até que Clemente XVI — outro, e não ele — envergaria a mitra e o cetro?

Então Leonardo Monti – que jamais seria clemente —, munido de adaga, percorreu os corredores que conduziam aos aposentos onde Vincenzo Nenni repousava. E esteve bem próximo do coração do papa eleito. Chegou a ouvir o peito do novo pontífice arfar inocentemente.

Mas, de súbito, Gregório XVII virou-se. E já não mais ostentava a aparência humana — a que não era a verdadeira —, mas a intrinsecamente demoníaca, que aflorava nos prementes momentos de solidão. No brusco movimento que se seguiu, Sua Santidade deixou escapar, das dobras de sua roupa de dormir, uma extensão escamosa. Era uma longa e horrenda cauda, que findava em flecha, como se de dragão, e que se agitava no ar como uma serpente astuta e ameaçadora.

E, antes que Leonardo Monti deixasse cair o punhal oscilante, os chifres enristados, que evoluíam de Gregório XVII, a partir de um simulacro horrendo de cabeça caprina, cravaram-se argutamente no peito do protodiácono. E ninguém viu o chão do Vaticano embeber-se da cor da inveja, após uma torrente de esgares e esguichos caudalosos. Mas garanto que, de tão nefasta, essa cor indizível não se compara com a doce púrpura do sangue, nem com o carmim das vestes talares dos cardeais.

Ilustração: PS/Perchance.

HABEMUS PAPAM

Mephisto

El Cardenal Leonardo Monti, protodiácono de la Santa Sede, soñó toda la vida con calzarse las sandalias del Pescador. Ya sentía la emoción, al cerrarse los portales de la Capilla Sixtina, para acoger el pesado cónclave de varios días, temiendo y delirando sobre en cual dedo anidaría el anillo de Pedro, el Pescador. Y sería Clemente XVI, o Justo, pues ya se había encargado de elegir bien el nombre y el título para la posteridad.

Pero del conclave salió derrotado. Y fue que, con el ánimo imbuido de miseria y rencor, a la multitud que se apiñaba en la Plaza de San Pedro, tuvo que esconder toda envidia que casi se le escapaba de los labios. Pues anunció, con el pecho en convulsión, y el ánimo aterrado, la frase más dolorosa que cualquier protodiácono podría anunciar.

—*Habemus papam*.

El Cardenal Vincenzo Nenni se asomó a la ventana y, ostentando el pomposo título de Gregorio XVII, saludó a la multitud

¿Cómo va a conciliar el sueño, Cardenal Leonardo Monti, el Pretérito? ¿Cómo admitir que, ahora, los aposentos reservados al Papa, no era su cabeza la que, sobre almohadas sedosas, desmenuzaba los sueños majestuosos, que solo un pontífica magnifico, y por Dios bendecido, puede soñar? ¿Cómo admitir que pasarían siglos hasta que Clemente XVI – otro, no él – portaría la mitra y el cetro?

Entonces Leonardo Monti — que jamás sería clemente —armado con una daga, recorrió los pasillos que llevaban a los aposentos donde Vincenzo Nenni reposaba. Y estuvo muy cerca del corazón del Papa elegido. Llegó a escuchar el pecho del nuevo pontífice jadear inocentemente.

Pero, de pronto, Gregorio XVII se dio la vuelta. Y ya no mostraba apariencia humana — que no era la verdadera —, sino intrínsecamente demoniaca, la cual afloraba en los momentos en soledad. En el siguiente brusco movimiento, Su Santidad dejó escapar, de los pliegues de su ropa de dormir, una extensión escamosa. Era una larga y horrenda cola, que terminaba en flecha, similar a la de un dragón, que se agitaba en el aire como una serpiente astuta y amenazante.

Y, antes de que Leonardo Monti dejase caer el puñal oscilante, los cuernos enroscados, que salían de Gregorio XVII, a partir de un horrendo simulacro de cabeza caprina, se clavaron con fuerza en el pecho del protodiacóno. Y nadie vio como el suelo del Vaticano se empapaba del color de la envidia, tras un torrente de contorsiones faciales y chorros caudalosos. Pero garantizo que, de tan nefasta, ese indescriptible color no se compara el doce púrpura de la sangre, ni con el carmín de las vestiduras talares de los cardenales.

Traducción de Ricardo Manzanaro.
Ilustración: PS/Perchance.

COLABORADORES E COLABORADORAS

ALEXANDRE BREA
(Santiago de Compostela/Galiza/Espanha — Santiago de Compostela/Galicia/España)

ÂNGELO BREA
(Santiago de Compostela/Galiza/Espanha — Santiago de Compostela/Galicia/España)

BELÉN FERNÁNDEZ CRESPO
(Aranjuez/Madri/Espanha – Aranjuez/Madrid/España)

CAMPO RICARDO BURGOS LOPEZ
(Bogotá/Colômbia — Bogotá/Colombia)

CARLOS ENRIQUE SALDÍVAR
(Lima/Peru — Lima/Perú)

DANIEL FRINI
(Buenos Aires/Argentina)

DOLO ESPINOSA
(As Palmas/Canárias/Espanha —Las Palmas de Gran Canaria/Canarias/España)

GAIZKA AZKARATE SAEZ
(Erandio/País Basco/Espanha — Erandio/País Vasco/España — Erandio/Euskal Herria/Espainia)

MARCELO MEDONE
(Montevidéu/Uruguai — Montevedeo/Uruguay)

MARCO EUGENIO SÁNCHEZ ARRATE
(Madri/Espanha — Madrid/España)

MEPHISTO
(Salvador/Bahia/Brasil — Salvador de Bahía/Bahía/Brasil)

RICARDO MANZANARO
(Bilbau/País Basco/Espanha — Bilbao/País Vasco/España — Bilbo/Euskal Herria/Espainia)

ROGÉRIO SILVÉRIO DE FARIAS
(Tubarão/Santa Catarina/Brasil — Tiburón/Santa Catarina/Brasil)

AUTORES CLÁSSICOS

Autores Clásicos

EDGAR ALAN PÖE
(EUA/USA)

WASHINGTON IRVING
(EUA/USA)

GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER
(Espanha/España)

HORACIO QUIROGA
(Uruguai/Uruguay)

Nascida da parceria entre os sítios **“Contos de Terror”** (Paulo Soriano) e **“Noticias Ciencia-Ficción”** (Ricardo Manzanaro), a revista **RELATOS FANTÁSTICOS** reúne contos de autores clássicos e de colaboradores modernos de diversas nacionalidades nas línguas portuguesa e espanhola (e, se for o caso, em outras línguas cooficiais da Espanha).

Nacida de la asociación entre los sitios web **“Contos de Terror”** (Paulo Soriano) y “**Noticias Ciencia-Ficción”** (Ricardo Manzanaro), la revista **RELATOS FANTÁSTICOS** reúne relatos de autores clásicos y colaboradores modernos de varias nacionalidades en las lenguas portuguesa y española (y, en su caso, en otras lenguas cooficiales de España).

*

Salvador/BA/Brasil, março de 2026.

RELATOS FANTÁSTICOS é uma edição especial de Free Books Editora Virtual.

Redação e diagramação: Paulo Soriano.

Organização: Ricardo Manzanaro e Paulo Soriano.

Tradução: Ricardo Manzanaro, Marcelo Medone, Paulo Soriano e Ângelo Brea.

Imagem da Capa: Enrique Meseguer.

Imagens do Miolo: PS/Perchance, PS/Dreamina e PS/Copilot.

Imagem da Silhueta: Gratispng.

Colaboradores: Alexandre Brea**,** Ângelo Brea, Belén Fernández Crespo, Campo Ricardo Burgos López, Carlos Enrique Saldívar, Daniel Frini, Dolo Espinosa, Gaizka Azkarete Saez, Marcelo Medone, Marco Eugenio Sánchez Arrate, Mephisto, Ricardo Manzanaro e Rogério Silvério de Farias.

Autores clássicos: Edgar Allan Pöe, Washington Irving, Gustavo Adolfo Bécquer e Horacio Quiroga.